



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

**REPRESENTAÇÕES DA LEITURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO QUE DIZEM  
INGRESSANTES E FORMANDOS DE CURSOS DE LETRAS SOBRE ESSA PRÁTICA**

SÃO CARLOS  
2019



**Universidade Federal de São Carlos**

Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**REPRESENTAÇÕES DA LEITURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO QUE  
DIZEM INGRESSANTES E FORMANDOS DE CURSOS DE LETRAS SOBRE  
ESSA PRÁTICA**

Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Luzmara Curcino Ferreira

São Carlos - São Paulo - Brasil  
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro, realizada em 13/03/2019:

---

Prof.ª Dra. Luzmaria Curcio Ferreira  
UFSCar

---

Prof.ª Dra. Cassia Regina Coutinho Sossoloto  
UNESP

---

Prof. Dr. Filomena Elaine Paiva Assolini  
USP

---

Prof.ª Dra. Maria Isabel de Moura  
UFSCar

---

Prof. Dr. Emerson de Pietri  
USP

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai e à minha mãe, ouro de mina, que construíram, com delicadeza, quem eu sou, e se inscreveram indelevelmente em mim, em minha identidade, em tudo o que eu sou. Do meu pai, herdei a coragem, a alegria. Da minha mãe, puxei o amor sem medidas e a fé no poder da oração. Aqui estou eu, enfrentando o mundo com coragem, alegria, amor e fé. Os instrumentos com que eles, amorosamente, me dotaram para a vida.

Ao Ide, pela presença que acalma, pelo amor que consola, pela confiança que motiva, pela presença que conforta, pela motivação que impulsiona e por revirar o mundo para me ver feliz.

## **AGRADECIMENTOS**

À Luzmara, por ter acreditado em mim desde o começo, por ser a pessoa que é, sendo tudo o que é, por dividir o conhecimento de modo generoso e por me mostrar que existe amor no universo acadêmico.

Às professoras Elaine Assolini e Maria Isabel por todas as sugestões que enriqueceram o meu trabalho desde a qualificação.

Aos professores Cássia Sossolote, Elaine Assolini, Emerson di Pietri e Maria Isabel de Moura, por aceitarem, generosamente, participar deste momento tão importante da minha vida.

Ao Marco, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por todas as colaborações, sugestões, pelo apoio afetivo-sentimental, pelas lágrimas e sorrisos que compartilhamos nestes anos de vida acadêmica, enfim, por ser o melhor presente que o doutorado me ofereceu.

À Rejane e ao Danilo, por dividirem comigo as angústias e alegrias que fazem parte deste caminho.

À Fabrícia e à Michelle, por terem sido as primeiras a me receber na UFSCAR.

Ao Vinícius, por todo o suporte e disponibilidade durante a coleta dos dados desta pesquisa.

À Beta e à Michelle, pelos sorvetes que deixei de tomar com vocês, e ao Nicolás, que nem nasceu, mas já enche minha vida de alegria.

À Fil, por ser exemplo e por cercar-me de amor e de confiança.

À Andreia e à Adriane, por me emprestarem um cérebro de exatas, que tanto me faz falta.

À Ângela e ao Neto, por deixarem sempre as portas e o coração abertos para que eu pudesse entrar nas minhas idas a São Carlos.

À Dany, por nunca se deixar vencer pelo Word, pela parceria amorosa, principalmente nos dias mais difíceis, por ser a irmã que eu sempre quis ter.

À Ana Rachel, pela amizade, pela prontidão, por me fazer rir, pelo abstract, pela presença tão concreta nestes anos todos de amizade.

Aos meus sobrinhos, que são a minha alegria de viver. Ao Tom, que chegou para renovar meu ser.

À Soninha, por ser a fada-madrinha, por tornar tudo mais fácil, mais leve, mais feliz.

Ao Nounou e à Jolie, pela companhia silenciosa ao lado da minha mesa de trabalho.

Ao André, por ser my soulmate, pela presença constante, pelo encorajamento, por ser quem ele é na minha vida, meu parceiro, meu irmão, com quem tenho a liberdade de ser sempre quem eu sou, dizer sempre o que penso, sem medo de julgamentos, por nunca me deixar só e por dividir comigo gargalhadas e tristezas neste caminho que seguimos juntos.

À Cris, pela cumplicidade e pela calma que me inspira.

Ao Paulo, por me ver, no meio da multidão.

Ao meu irmão Ricardo, por dividir amorosamente comigo o cuidado com os meus pais.

Ao Guilherme Rocha, por me emprestar a visão de engenheiro na análise de algumas tabelas.

À Renata Victória, pelo suporte nos primeiros passos, quando da inscrição no processo seletivo.

Ao Baronas e à Vanice, por todas as contribuições e por me fazerem entender a Análise do Discurso.

À Cleide, por organizar a minha vida cultural, com momentos de refrigério para toda a tensão do processo de escrita de uma tese.

Ao Junior e à Vanessa, por entenderem as tensões e urgências de um doutorando.

Aos alunos participantes, por responderem generosamente aos questionários.

Aos professores, por cederem suas aulas para que os questionários fossem aplicados.

A Deus, pelo milagre de multiplicar as horas do meu dia.

Se queremos promover a leitura efetivamente, como bem público, como marca de cidadania, temos de abandonar visões ingênuas de leitura e investir no conhecimento objetivo das práticas de leitura e no movimento pelo direito de poder ler. O excluído de fato da leitura não é o sujeito que sabe ler e que não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que, no Brasil de hoje, não tem terra, não tem emprego, não tem habitação. A questão da leitura na sociedade contemporânea é uma questão político-social e não de gosto ou prazer. (Barzotto e Britto, 1998)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar representações de leitura compartilhadas por alunos que ingressam no curso de Letras, assim como as de alunos formandos desse curso, de modo a apreender prováveis semelhanças e diferenças em relação ao modo como concebem, enunciam e realizam essa prática, quando ingressam no curso e ao final do curso de Letras. Para isso, o levantamento de *corpus* foi realizado junto a turmas do primeiro e do último semestre do curso de Letras de uma universidade pública e de uma universidade privada, por meio de um questionário, com questões objetivas e abertas cujas perguntas tiveram por objetivo fomentar a enunciação de suas concepções de leitura, de seus hábitos, gostos e maneiras de ler anteriores à formação e aquelas desenvolvidas ao longo do curso. Apoiamo-nos teórico-metodologicamente em princípios e conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, em especial na abordagem da “ordem do discurso” de Michel Foucault. Para a apreensão dos discursos sobre a leitura que estão na base do que enunciam esses alunos, a pesquisa também se apoia em estudos da História Cultural dedicados às práticas da escrita e da leitura, em especial segundo Roger Chartier. Nas análises do que enunciam esses alunos de Letras por meio de nosso questionário, temos buscado organizar algumas respostas em gráficos ou tabelas que permitem vislumbrar do ponto de vista quantitativo certos consensos que compartilham sobre a leitura. Temos ainda selecionado e agrupado enunciados que eles formularam para as questões abertas, de modo a formular famílias parafrásticas, formal e/ou semanticamente, levantando então suas filiações a certos discursos sobre a leitura, advindos ou não de uma mesma formação discursiva, e que correspondem à atualização de uma dada memória discursiva e suas formas variadas de institucionalização e de duração ao longo do tempo. Temos buscado, portanto, descrever as condições de produção segundo as quais esses discursos se materializam sob a forma do que enunciam esses leitores que se preparam em cursos de Letras para, entre outras atividades, atuarem como formadores de leitores.

**Palavras-chave:** Leitura; Análise do discurso; História Cultural; Alunos de Letras.

## ABSTRACT

The objective of this research was to investigate representations of reading shared by both Literature and Language undergraduate students in the first year and in the last academic year in college. The observation intended to infer possible similarities and differences related to how they create, express and perform reading practices in the first and in the last year of college. In order to accomplish this observation, a data survey was performed among Literature and Language college students from the first and the last semesters, from both a private college and a state college. They responded to a questionnaire containing objective and open-ended questions that aimed to encourage them to describe their reading perceptions, habits, and preferences and their own way of reading before getting into college and throughout the academic training. Principles and concepts of the French Discourse Analysis, especially those from Michael Foucault's "order of discourse" form the theoretical and methodological basis for this research. In order to understand what is on the basis of what the students express about their discourse, this research is also based on the Cultural History, especially on Roger Chartier's practices of writing and reading. Some of the responses given by the Literature and Language students on the questionnaire are shown in tables and figures in order to present from a quantitative point of view some of thoughts that they share about reading. Some statements that the students registered on the open-ended questions were selected to organize formally and informally rephrased groups of answers in order to understand their connections to certain discourses about reading that were originated or not from the same discursive background and that correspond to a given updated discursive memory and its many diverse forms of institutionalization and length over time. This study therefore described the conditions of production according to which these discourses were shaped by what the Literature and Language undergraduate students who are being trained to become reading instructors, among other possibilities, express.

**Key words:** Reading; Discourse Analysis; Cultural History; Literature and Language undergraduate students.

## **ANEXOS**

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS RESPOSTAS DADAS ÀS  
QUESTÕES ABERTAS

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. DISCURSOS SOBRE A LEITURA E AS TEORIAS PARA SUA ANÁLISE</b> .....	16
1.1 Entre mitos, prescrições e preconceitos: discursos sobre as leituras e representações dos leitores .....	24
1.2 Estudantes de Letras: o que dizer de si como leitores .....	27
<b>2. INGRESSANTES E FORMANDOS EM LETRAS: ASPECTOS DE SEU PERFIL ESTUDANTIL</b> .....	39
2.1 Ensino da leitura na formação docente: os cursos e seus currículos .....	40
<b>3. ALUNOS DE LETRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA</b> .....	54
3.1 Leitura e Prestígio.....	54
3.2 Leitura e Prazer.....	61
3.3 Leitura e Frequência, Quantidade E Variedade.....	69
3.4 Leitura e Utilitarismo.....	77
3.5 Leitura e Acesso Virtual .....	82
3.6 Leitura e Escola .....	107
3.6.1 O papel da escola na formação de leitores.....	107
3.6.2 A escolha dos materiais de leitura .....	113
3.6.3 Escola X liberdade .....	126
3.6.4 Caminhos para a formação de leitores na escola e pela escola.....	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	137
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	143
<b>ANEXOS</b> .....	148



## INTRODUÇÃO

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (Paulo Freire, 1997)

A questão da leitura permeia o trabalho escolar e, por isso, é de extrema importância investigar o que dizem os futuros professores sobre suas práticas e que representações são por eles compartilhadas sobre a leitura e sobre si mesmos como leitores. A constância e o avanço nas discussões e reflexões sobre a leitura são muito importantes, principalmente nos cursos de formação de professores, cuja prática como mediadores de leitura é decisiva na formação de novos leitores e no sucesso do ensino de outras práticas e conhecimentos de responsabilidade da instituição escolar. Compreender o que pensam sobre a leitura é fundamental para fomentar sua capacidade de autorreflexão acerca de suas maneiras de ler, sobretudo no contexto da formação inicial, de modo a contribuir para que possam, uma vez formados, definir estratégias e percursos de leitura mais adequados para o desenvolvimento de processos de formação de seus alunos.

Dois campos de reflexão em que se pode encontrar subsídio para empreender a análise desse saber compartilhado sobre a leitura e o modo como ele determina as práticas de leitura são respectivamente o campo da Análise do Discurso e o da História Cultural.

No que diz respeito aos discursos compartilhados sobre a leitura, são significativas as contribuições de pesquisadores como Valdir Heitor Barzotto e Luiz Percival Leme Britto<sup>1</sup> (1998). Um dos papéis da universidade, segundo os autores, é “a promoção da crítica, a

---

<sup>1</sup> Barzotto e Britto, em seu artigo “Promoção x Mitificação da Leitura”, de 1998, apresentaram um modo inovador de se pensar os discursos sobre a leitura, sua constituição e a circulação dessas representações, tratadas como mitos. Muitos dos estudos sobre o tema devem a eles o embasamento teórico e a inspiração para pesquisas na área. (Cf. CURCINO, 2006, VARELLA, 2018; CORSI, 2016; ROSIN, 2016; CURCINO e BORGES, 2017 )

produção intelectual” (BARZOTTO; BRITTO, 1998, p. 5), em que se interrogue como e por que se lê.

Segundo Márcia Abreu, é necessário que as pessoas tenham condições para se tornarem leitoras, já que “Um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela ‘viagem’ proporcionada pelos livros, pelo conhecimento de si e do mundo proporcionado pela alta literatura.” (ABREU, 2001, p. 156-157). Abreu ainda adverte que é fundamental que as pessoas sejam alfabetizadas, que haja escolas e bibliotecas públicas de qualidade à disposição da população. Essas ideias se unem à reflexão de Barzotto e Britto (1998) de que a questão da leitura é político-social e não de falta de gosto ou prazer de ler.

Britto pondera que um dos entraves do acesso ao direito à leitura é de ordem conceitual: “a compreensão que se tem do que é leitura e das razões por que ler é significativo” (BRITTO, 2016, p. 25) e ainda afirma que é necessário “encontrar estratégias mais densas e mais fundamentadas de estimular a leitura”. Conhecer os discursos que circulam socialmente a respeito do assunto é uma importante maneira de repensar as campanhas e programas de incentivo à leitura, assim como a maneira como os professores encaram o papel de promotores da leitura. Essa reflexão é fundamental para repensar a formação de professores nas licenciaturas, principalmente nos cursos de Letras e Pedagogia. Segundo Elizabeth D'Angelo Serra, Luiz Percival Leme Britto e Vanessa de Abreu Camasmie:

O aprofundamento da pesquisa e o estímulo àqueles que trabalham no campo da formação da leitura para que escrevam e reflitam sobre suas proposições e práticas podem contribuir para a qualificação do ensino e da promoção da leitura no país, contribuindo para que a ideia de fazer deste país um país de leitores não seja apenas um bom slogan. (SERRA, BRITTO E CAMASMIE, 2015, p. 8)

Dentro das pesquisas feitas sob o foco da História Cultural destacam-se as que abordam a leitura como tema. Roger Chartier, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard são autores que se dedicam às investigações sobre as práticas de leitura no passado e na contemporaneidade. O estudo das práticas de leitura e de suas representações pode se dar em relação a grupos e sociedades distantes no tempo e no espaço, mas pode também, dedicar-se a uma história do presente<sup>2</sup>.

No âmbito dessas reflexões sobre a leitura, sobre os discursos que a prescrevem, promovem e sobre sua importância na formação docente, este trabalho busca depreender

---

<sup>2</sup> Chartier (1999a) investiga a leitura na era digital refletindo sobre as influências do suporte nas práticas de leitura.

representações sobre as práticas de leitura compartilhadas por alunos do primeiro e do último semestres do Curso de Letras de duas diferentes instituições, a partir de princípios teóricos da História Cultural e da Análise do Discurso. Na análise dos dados, buscamos identificar quais são os discursos sobre a leitura que eles atualizam quando falam de si como leitores. Embora o modo como exercem a leitura, como se apropriam de textos, seja singular e de ordem subjetiva, segundo as perspectivas teóricas que adotamos, buscamos, na análise, levantar as injunções coletivas (sociais, históricas e culturais) como determinantes da maneira como conhecem e praticam a leitura, como se julgam e como julgam os demais sujeitos como leitores.

Esta pesquisa, relacionada ao projeto coletivo do LIRE<sup>3</sup> – Laboratório de estudos Interdisciplinares de Representações do leitor brasileiro, tem como objetivo contribuir para a compreensão de certas formas de emergência de discursos sobre a leitura que circulam na contemporaneidade. Para isso, consideramos as formas de controle que se exercem sobre essa emergência e que correspondem a uma “ordem do discurso<sup>4</sup>” que é responsável por regular o que pode e deve ser dito sobre certas práticas e sujeitos em um certo momento e espaço. Essa ordem é social, histórica e cultural, e, por isso, institucional e situacional. Em função das relações de poder que se instalam em toda enunciação entre os interlocutores, a ordem do discurso atua de modo a instituir os valores que adquire o que é enunciado, em especial, o valor de verdade, valor que é também regrado, controlado e tornado raro, entre outras razões, porque seleciona os sujeitos que dispõem de legitimidade para se apropriarem desses dizeres e reproduzi-los com esse valor de verdade.

O objetivo desta investigação é delinear um perfil das representações sobre as práticas de leitura de alunos do Curso de Letras, verificando as discontinuidades nos discursos entre os grupos analisados, buscando as diferenças ou semelhanças entre alunos que estão começando o curso e os que estão concluindo a licenciatura. Este trabalho pode contribuir para as reflexões a respeito da leitura e de suas representações, ao investigar o que enunciam sobre essa prática alunos de cursos de Letras, que serão futuros professores de língua portuguesa. A peculiaridade desta proposta é o interesse em aspectos específicos do *corpus*,

---

<sup>3</sup> O LIRE, Laboratório Interdisciplinar de Estudos das Representações do leitor brasileiro contemporâneo, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), dedica-se a pesquisas sobre representações e práticas de leitura do leitor contemporâneo. Entre os focos de interesse do grupo estão os modos de circulação dos textos, as revistas e folhetins de época, as adaptações dos clássicos para jovens, blogs e sites voltados à literatura e comentários sobre leitura, campanhas de incentivo à leitura e entrevistas e depoimentos de leitores contemporâneos.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. [1970]. **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. de A. Sampaio. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ou seja, a comparação dos enunciados de sujeitos que estão em momentos diferentes do curso, com o intuito de verificar a continuidade ou a descontinuidade das representações sobre a leitura em seus discursos. Essa é uma das contribuições que o trabalho almeja alcançar.

A forma como os futuros professores entendem a leitura norteará o trabalho na escola. Com base nisso, tal pesquisa pode alimentar nossa atuação como professores, diretamente com alunos do Ensino Fundamental, além de levar a uma reflexão sobre referenciais para a formação de professores do Curso de Letras, que serão os futuros responsáveis pela disciplina Língua Portuguesa, na escola. Regina Zilberman (2012) esclarece a importância de mudanças substanciais nos cursos de formação de professores, como o curso de Letras. A autora explicita a necessidade de se repensar, no ensino superior, a abordagem dada à língua e à leitura, fugindo da visão pragmática. Segundo Zilberman (2012), a universidade deve refletir com os futuros professores sobre os modos de atuação na sala de aula, sobre o trabalho com a leitura e com o texto, de formas não autoritárias, nem automatizadas.

Buscando construir uma linha de raciocínio que leve a análise dos enunciados dos participantes, este trabalho se estrutura da seguinte maneira: A introdução apresenta a pesquisa, os seus objetivos e os autores mais relevantes dentro da área. A seguir, o Capítulo 1 apresenta os discursos sobre a leitura que circulam socialmente e as teorias para a análise dos enunciados produzidos pelos participantes da pesquisa, Análise do Discurso e História Cultural, além disso, também há a descrição de como se realizou a pesquisa e como foi formulado o questionário. O Capítulo 2 delinea um perfil dos estudantes de Letras participantes da pesquisa e das instituições em que se deu a aplicação do questionário, os cursos e seus currículos, com uma análise detalhada das matrizes curriculares e das ementas das disciplinas, visando verificar a presença de reflexões sobre a leitura e suas práticas. No Capítulo 3, são analisados os enunciados dos entrevistados, com base nos discursos sobre a leitura que circulam socialmente. Só então se dão as considerações finais. Nos anexos, encontram-se o questionário, as respostas das questões abertas na íntegra, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e por fim, o parecer do Comitê de Ética.

## CAPÍTULO I

### DISCURSOS SOBRE A LEITURA E AS TEORIAS PARA SUA ANÁLISE

[...] as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas, cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. (CHARTIER, 1999, p. 91)

Certas práticas, como a leitura, são frequentemente enunciadas. Sobre ela, leigos e especialistas têm o que dizer. Embora muitos se fale, não há grande variação no que se diz, tal como descrito por uma série de pesquisadores dedicadas ao estudo dos discursos sobre a leitura (Cf. Chartier, 1990, 1996, 2001; Hébrard e Chartier, 1995; Possenti, 2001; Orlandi, 2006; Barzotto e Britto 1998, Abreu 2006, Curcino, 2016.) A frequência e a repetição de certas fórmulas fazem parte do funcionamento de todo e qualquer discurso, somado a isso o valor de verdade que adquirem advém também de quem enuncia, ou seja, quando são assumidas, difundidas e reiteradas por instituições que dispõem de prestígio em nossa sociedade, como a escola, a universidade, a ciência. Para compreender melhor esse funcionamento dos discursos sobre a leitura, recorreremos a duas perspectivas teóricas: a Análise do Discurso e a História Cultural.

A Análise do Discurso (AD), de linha francesa, foi concebida por Michel Pêcheux e outros pesquisadores, ao final da década de 60. Nesse período, a questão dos discursos e de sua relação com as práticas, as discussões sobre sua duração, sobre os mecanismos de sua validação, enfim, de seu funcionamento, foi também objeto e tema de vários estudiosos, entre eles, Michel Foucault, cujas reflexões desempenham papel importante para a Análise do Discurso, tal como é hoje desenvolvida e praticada no Brasil.

Pêcheux (1997) afirma que a língua não é apenas estrutura, ela é acontecimento, já que o sujeito é sempre afetado pela história, desse modo não se deve separar forma e conteúdo, em uma análise discursiva. É necessário levar em conta, de acordo com essa teoria, não apenas a estrutura gramatical, mas a junção de LÍNGUA + SUJEITO + HISTÓRIA. O discurso, segundo Pêcheux (1977), não é a língua, não é o texto, não é a fala, apesar disso, é na língua que o discurso se materializa. De acordo com Pêcheux (1997a), o sujeito tem a

ilusão de ser autor do que diz, de ser a origem de seus discursos, entretanto, a linguagem é a forma material de expressão de lugares socioideológicos e o discurso é, para o autor, o efeito de sentido entre interlocutores. Ao enunciar, o sujeito retoma o pré-construído, o já-dito. Essa memória não é individual, ela é social. Segundo Pêcheux,

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1977, p. 149).

De acordo com Courtine (1999) interdiscurso e memória discursiva são conceitos complementares. O interdiscurso se dá nas retomadas, citações e paráfrases do já-dito, enquanto a memória discursiva, segundo o autor, integra as diferentes temporalidades da memória, na remanência mais constante de alguns enunciados, que têm maior duração, enquanto outros desaparecem automaticamente.

Orlandi (2001) delimita os conceitos de constituição, formulação e circulação dos discursos. A autora define a constituição como o eixo vertical, ou seja, o interdiscurso, e a formulação como o eixo horizontal, o intradiscurso, que se trata da linearização do dizer, já que “formular é dar corpo ao sentido” (ORLANDI, 2001, p. 9). A autora frisa a importância da circulação, que se refere aos meios e as maneiras como circulam os dizeres, a conjuntura e as condições em que se constituem e se formulam os sentidos. Em resumo, “os sentidos são como se **constituem**, como se **formulam** e como **circulam**” (ORLANDI, 2001, p. 12).

A materialidade do discurso na língua não é meramente linguística, é também ideológica. Partindo desse pressuposto, a Análise do Discurso não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica, procurando analisar por que algo foi dito como foi dito e não de outro modo. Todo enunciado, efetivamente produzido, filia-se a discursos, que são constituídos respondendo a determinadas formações discursivas, que, em relação com uma dada formação ideológica, fornece, no funcionamento discursivo, a regularidade, a coerência do que pode e deve ser dito, e a legitimidade de quem diz com a propriedade de quem deve e pode dizê-lo.

A formação discursiva é um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 1997a, p. 131), mantendo entre si uma regularidade, mesmo em meio a sua dispersão. Pêcheux formula o conceito de formação discursiva “como a

instância que determina o que pode e deve ser dito e que produz os efeitos de sentidos entre os sujeitos das diversas condições de produção” (PÊCHEUX, 1997b, p. 160). Para o autor,

cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se referem mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX E FUCHS, 1997b, p. 160)

A ideologia é definida por Pêcheux (1977) como a posição simbólica e imaginária que o sujeito ocupa socialmente, suas crenças e valores, determinados pela luta de classes. Segundo Pêcheux, ao enunciar, o sujeito se filia a determinadas ideologias, a certas formações discursivas, que determinam “o que pode e deve ser dito”. Para o autor, o enunciado não é transparente, mas opaco, já que um mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes, dependendo da posição sócio-histórica e institucional do sujeito que o enuncia. Um enunciado apresenta sentidos diferentes de acordo com a rede de enunciados a que ele se liga e a relação que mantém com eles. Desse modo

As palavras mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam; pode se precisar, então: as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva a uma outra. (PÊCHEUX, 1977, p. 160)

De acordo com Foucault (1997), o enunciado nunca é neutro, nem livre, pois sempre faz parte de uma série, de uma rede com relações a enunciados anteriores, simultâneos e abrindo a possibilidade da emergência de enunciados futuros. O autor dedica-se a analisar o que torna possível esses enunciados, as condições em que eles surgem, o que faz com que circulem, desapareçam ou sejam retomados. Segundo Foucault, o enunciado é “uma materialidade repetível”, enquanto a enunciação, que é abstrata, “é um acontecimento que não se repete” (FOUCAULT, 1997, p. 114), já que, a cada vez que o sujeito diz algo, esse dizer se dá em uma enunciação diferente.”O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26).

A Análise do Discurso, pelo método arqueológico proposto por Foucault (1997), busca compreender de que maneira os enunciados emergem, como acontecimentos discursivos, em determinados contextos históricos-sociais, de modo a buscar explicar filosófica e historicamente por que determinados enunciados aparecem e não outros em seu lugar. Para Foucault (1997), os acontecimentos discursivos são, ao mesmo tempo, singulares e repetidos,

e isso se deve ao fato de que cada enunciado é único, se considerarmos sua condição de irrepetível própria do tempo histórico, mas também ao fato de que cada enunciado é também um eco de outros, por se filiar a discursos comuns, pertencentes a uma mesma *formação discursiva*.

Segundo o autor, os sentidos não são evidentes e a língua não é o único elemento suficiente para que se possa interpretar os discursos, por isso, não se deve procurar o sentido escondido no dizer, mas analisar as condições que possibilitam que um dado discurso, por meio de enunciados específicos, seja produzido, reproduzido, circule e adquira força simbólica e valor de verdade em uma dada sociedade. A análise desses dizeres, segundo Foucault (1997), deve levar em conta sua singularidade, mas também sua raridade, que faz com que, de tudo que poderia ter sido dito, apenas algumas coisas o são efetivamente, e o que é enunciado, portanto, está prenhe, do ponto de vista de seus efeitos de sentido, de tudo que poderia ter sido dito, e não o foi.

Uma concepção discursiva não pode se prender à forma linguística ou ao contexto imediato. É necessário levar em conta as restrições históricas que afetam o sujeito, suas falas e interpretações. Fazer análise do discurso não é analisar o conteúdo do texto. Eni Pulcinelli Orlandi (1999) afirma que a análise de conteúdo busca o que o texto quer dizer, diferentemente dela, a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente, desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido, um conteúdo, mas sim os processos de constituição dos enunciados e dos sujeitos.

Pela Análise do Discurso, este trabalho busca, na materialidade discursiva dos enunciados de alunos do Curso de Letras, os sentidos que dão à leitura de acordo com as representações que fazem de si mesmos como leitores e como futuros professores dessa prática.

Segundo Curcino (2012), assim como a Análise do Discurso, que se ocupa dos discursos, do modo como são formulados e circulam, do modo como o que pode e deve ser dito é determinado pela história, pelas disputas de validação dos dizeres, pela reprodução de poderes dos sujeitos em função do que dizem e do que dizem em função do lugar de que falam, a História Cultural tem, entre seus objetivos, levantar e analisar representações do passado, ou seja, das práticas e dos sujeitos do passado, valendo-se, para isso, de fontes tradicionais da história, mas também e principalmente buscando essas representações em fontes antes incompatíveis com a escrita da história, tais como a literatura, a ficção.

A História Cultural tem Roger Chartier como um de seus principais representantes, e a História Cultural da Leitura como o mais proeminente especialista. Além de contribuir para a formulação de conceitos fundamentais para o campo da História, e para a área da História Cultural, o autor também demonstrou essa sua reflexão sobre a escrita da história, seus pontos cegos, e a proposição de se considerar a condição discursiva da narrativa histórica, por meio de suas análises da história da leitura. Ao se dedicar à história da leitura, e não à do livro, o historiador desenvolve o conceito de *representação* e o formula em sua relação intrínseca com o de *prática*. As *representações* atuam sobre as *práticas* que hipoteticamente elas apenas retratariam. A ideia de representação, na teoria de Chartier (2002a), é fundamental, pois, de acordo com o autor, nós nunca, mesmo no presente, estamos diante das práticas efetivas, mas sim e sempre diante das representações dessas práticas, em sua dimensão simbólica, e coletiva, porque regulam o que dizem e sabem os sujeitos. “Não há prática que não seja produzida pelas representações, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo” (CHARTIER, 2002a, p. 66). Os sujeitos representam suas práticas e, ao mesmo tempo, suas práticas são produzidas por meio dessas representações, eles são a fonte a o ponto de chegada das representações.

Os trabalhos feitos sob o crivo da História Cultural não buscam a verdade no passado, mas as representações das práticas, interpretadas pelo pesquisador, por meio dos objetos culturais que fornecem indícios diretos e indiretos sobre o passado. Os historiadores da História Cultural partem da análise de objetos culturais, para chegarem à história das práticas de determinados grupos, para os quais esses objetos foram concebidos, segundo práticas idealizadas. Como objetos culturais, a História Cultural entende tudo o que foi produzido e consumido por um grupo, que atua como reflexos da cultura de tal comunidade, que deixam marcas sobre suas práticas e suas formas de representá-las.

Os historiadores da História Cultural rejeitam uma história global, que abarque uma totalidade social. O modo como as coisas são feitas tem uma dimensão cultural, que é decisiva, já que os diferentes grupos, dentro de um mesmo período histórico, interpretam e representam o mundo de modos diversos. Partindo desse princípio, a História Cultural busca investigar conjuntos de representações coletivas, mas não generalizantes, de práticas próprias a grupos, comunidades, sociedades e não “a sociedade” como um todo, evitando posturas redutoras. O autor afirma que as práticas sociais “não se organizam necessariamente de acordo com divisões sociais prévias”. (CHARTIER, 2002a, p. 67). Nessa perspectiva, interessam as práticas sociais tais como são representadas.

Entre as práticas representadas por diferentes objetos culturais, Roger Chartier, assim como outros historiadores culturais, dedicou-se às representações das práticas de escrita de leitura do passado. Entre os objetos culturais que eles serviram de fonte, o livro encontrou espaço de destaque, mas não exclusivo. Sua posse foi considerada um dado, mas não mais o principal, nem único, para explicar quem lia no passado. Segundo Curcino (2012), ele buscou em sua análise das representações de leitura demonstrar as variações das formas de ler e dos sujeitos que liam, descrevendo as formas de apropriação que foram condenadas, que foram corrigidas, que foram estigmatizadas e que, pelo próprio registro de suas reprovações, tiveram sua existência atestada. Assim, a Análise do Discurso e a História Cultural fornecem bases importantes para se abordar a leitura, porque ambas buscam investigar como se lê e por que se lê como se lê<sup>5</sup>.

As duas linhas teóricas estão preocupadas em buscar analisar os discursos ou representações, em sua relação com as práticas que nomeiam, qualificam, prescrevem. Para isso, anda se valem da análise de enunciados que representem certos acontecimentos do passado, cuja interpretação se dá por meio do que se disse ou se fez, com que autoridade, de que lugar institucional se enunciou.

Para o levantamento dos enunciados que compõem nosso corpus e para a sua análise, os métodos usados nesta pesquisa são delineados na busca da verificação dos discursos a respeito da leitura que norteiam o que alunos do primeiro e do último semestre de cursos de Letras concebem em relação à leitura e a si como leitores. As análises buscam examinar se há continuidades nas representações que eles compartilham no início e ao final do curso, ou seja, se se mantém os mesmos discursos sobre essa prática após anos de formação na universidade. Buscamos analisar esses enunciados que têm força de verdade, contando, por vezes, com uma duração distinta dos demais, de modo a cristalizarem-se como senso comum.

Trata-se de uma análise não da leitura em si, mas das representações simbólicas que os indivíduos fazem dessa prática, de si e dos outros como leitores. As teorias nas quais se apoia esta pesquisa visam, por diferentes meios e fins, refletir sobre as condições de emergência e de remanência de certos discursos, ou seja, quais são e por que razões discursos são repetidos, duram, permanecem. No processo de busca dessas continuidades e descontinuidades, que orientam e autorizam o que é dito, pretendemos descrever e interpretar a produção e a circulação desses discursos junto ao público anunciado. As representações podem ser apreendidas pela observação das paráfrases entre os enunciados, permitindo chegar aos

---

<sup>5</sup> Para uma apresentação dessas articulações entre AD e HC, conferir Curcino (2012).

discursos sobre a leitura, já que enunciados materializados de formas diversas, podem pertencer a uma mesma formação discursiva.

Além da observação desses aspectos, esta pesquisa também traz a possibilidade de se observarem eventuais semelhanças e diferenças entre os alunos da rede pública e da rede privada quanto a suas concepções de leitura e quanto à manutenção ou mudança dessas concepções entre os alunos de primeiro e último ano de cursos de Letras. Com base nisso, um dos critérios usados na análise das respostas foi a comparação dos discursos, das representações sobre si como leitores, sobre a leitura e sua importância, buscando os pontos de conjunção e de disjunção entre alunos com realidades diferentes. Para organizar as análises, doravante os grupos pesquisados serão identificados da seguinte maneira:

MA1: 1º semestre da universidade privada com 30 participantes<sup>6</sup>

MA2: Último semestre da universidade privada com 21 participantes

UF1: 1º semestre da universidade pública com 31 participantes

UF2: Último semestre da universidade pública com 12 participantes<sup>7</sup>

Na busca dessas representações, esta pesquisa foi feita por meio de um questionário<sup>8</sup> com questões objetivas e questões abertas, mais subjetivas, que visavam à investigação das materialidades discursivas e das filiações a formações discursivas dos sujeitos interpelados. Além das análises dos enunciados, dados quantitativos<sup>9</sup> foram computados, a fim de buscarmos pertencimentos a práticas e posicionamentos a respeito da leitura por meio das questões objetivas também. O ponto de partida para análise dos questionários é a busca de uma possível transformação nas representações, a investigação das continuidades e descontinuidades dos discursos, levando em conta que os estudantes pesquisados passaram por disciplinas no curso que abordam o tema da leitura. Parte-se do pressuposto de que um aluno que está começando o curso possa ter ainda uma visão mais ingênua sobre a leitura, ao passo que um aluno que está prestes a se formar, tenha uma visão mais crítica e consciente acerca dos problemas políticos e sociais que abrangem a questão da leitura, principalmente no Brasil. Como afirmam Barzotto e Britto (1998), não se trata apenas de despertar o gosto da leitura naqueles que ainda não a descobriram, mas sim de pensar em políticas públicas que

---

<sup>6</sup> O número de respostas dadas às questões abertas varia, pois alguns participantes não responderam integralmente ao questionário.

<sup>7</sup> No último semestre da universidade pública, os alunos têm apenas disciplinas como Estágio e Orientação de TCC. Esse fato talvez justifique o número reduzido de sujeitos nessa turma.

<sup>8</sup> Pela grande quantidade de dados obtidos com a aplicação do questionário, um recorte das questões foi efetuado, sendo feita uma seleção das questões mais relevantes para esta pesquisa.

<sup>9</sup> Algumas questões foram baseadas nos questionários da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, feita pelo Instituto Pró-Livro, nos anos de 2008 e 2012. As pesquisas podem ser consultadas no site [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)

garantam o acesso de todos à leitura, tanto no aspecto da aproximação e do contato com os objetos de leitura, quanto à possibilidade de letramento, que permite a compreensão e a interpretação do que se lê, a leitura de materiais densos e complexos.

O questionário<sup>10</sup> se dividiu da seguinte maneira: uma primeira parte que buscava dados socioculturais, como renda familiar e tipo de escola em que o aluno cursou a Educação Básica. Composto uma segunda parte, as questões buscam informações sobre o perfil leitor dos participantes, seus hábitos e práticas, a imagem que fazem de si imagem como leitores. Por fim, o questionário passa a investigar as representações de leitura compartilhadas pelos entrevistados, relativas aos discursos que circulam sobre a leitura e suas práticas, inclusive sobre os meios digitais e o papel da escola na formação de leitores. O objetivo dessas questões foi traçar um perfil dos futuros professores, com o intuito de propiciar uma reflexão sobre as representações das futuras práticas na escola, como professores que serão, e sobre como veem seus futuros alunos e as práticas docentes que adotarão. A aplicação dos questionários se deu nos seguintes períodos:

MA1: primeiro semestre de 2016

MA2: segundo semestre de 2016

UF1: primeiro semestre de 2016

UF2: primeiro semestre de 2017<sup>11</sup>

O ideal seria acompanhar os estudantes do primeiro ao último semestre do curso, entretanto, isso seria impraticável devido ao tempo disponível para execução deste trabalho. Acreditamos que, apesar de não serem os mesmos alunos entrevistados no início e no final do curso, de a pesquisa não ter acompanhado os estudantes do início ao fim do período de sua vida universitária, é possível encontrar nas respostas de diferentes sujeitos, a materialização de discursos que possibilitam a análise das formações discursivas, da remanência dos discursos, e da possibilidade da transformação ou da manutenção dessas representações dos alunos iniciantes aos concluintes. Todos os documentos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos foram providenciados, a partir das Cartas de Anuência fornecidas pelos coordenadores dos cursos de Letras das duas instituições. Os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As autorizações assinadas pelos participantes encontram-se na sala destinada ao Laboratório Interdisciplinar Estudos das Representações do leitor brasileiro contemporâneo, LIRE, no Departamento de Letras da Universidade.

---

<sup>10</sup> O questionário aplicado nos participantes encontra-se no Anexo 1 deste trabalho.

<sup>11</sup> O semestre final do curso na Universidade Pública encerrou-se apenas no ano seguinte, em março de 2017.

## 1.1 ENTRE MITOS, PRESCRIÇÕES E PRECONCEITOS: DISCURSOS SOBRE AS LEITURAS E REPRESENTAÇÕES DOS LEITORES

Circulam socialmente discursos a respeito da leitura. Em geral, podem ser identificados pela presença de certos enunciados que se apresentam sob formas cristalizadas que reproduzem ideias e valores a respeito da leitura e de suas práticas. Alguns desses discursos corroboram com a representação de que o brasileiro não lê, ou de que o brasileiro lê pouco e mal. Dessa ideia, vêm as campanhas de fomento à leitura, como uma forma de luta contra a dita “crise da leitura”. As campanhas que visam à formação do leitor compartilham discursos que as justificam e norteiam sua materialidade discursiva. Segundo Barzotto e Britto (1998) e Britto (1999), as frentes que regem as campanhas são baseadas em discursos cristalizados sobre a leitura. Para os autores, esses dizeres corresponderiam a “mitos”, cuja força encontra-se no poder de oferecer uma explicação simplificada, com força de verdade. Algumas dessas “frases de efeito”, desses “adágios populares” são citados pelos autores:

- a- “Quem lê viaja por mundos maravilhosos”: A leitura possibilita conhecer outros mundos, numa fuga da realidade, como uma distração ou um prazer passageiro.
- b- “Uma sociedade leitora é uma sociedade solidária”: A leitura liberta as pessoas da alienação, tornando-as melhores, e tem o poder de transformar a sociedade.
- c- “A leitura é fonte inesgotável de prazer”: Apresenta a possibilidade de criar um envolvimento emocional, de se desligar do mundo, levando em conta a sedução do leitor pela promessa da satisfação, do prazer, do entretenimento. “Prevalece a ideia de que não se lê ou de que pouco se lê, porque a leitura predominante é desprazerosa, porque obrigatória e pouco emotiva.” (BARZOTTO e BRITTO, 1998, p. 3)
- d- “O sujeito que lê é capaz de reinventar suas práticas, descobrindo novos caminhos e novas oportunidades”: A leitura contribui para a formação intelectual das pessoas, melhora a capacidade de se comunicar pela fala e pela escrita, desenvolve o raciocínio e a criticidade.

A existência e circulação desses discursos é descrita em Serra, Britto e Camasmie (2015) que, em uma análise de campanhas de promoção da leitura, chegaram a seis linhas de força desses programas. Tais linhas de força seriam as diferentes motivações que norteiam cada campanha, ou seja, a percepção que se tem do porquê se deve promover a leitura.

### a- **Leitura e ludismo:**

Entende-se a leitura como algo lúdico e que ler é um ato prazeroso e se relaciona a ideias como gosto, satisfação, realização, lazer. “Nesse caso, o lúdico se manifesta como busca de satisfação, prevalecendo a hipótese de que o prazer, mesmo que ligeiro, forma.” (SERRA; BRITTO E CAMASMIE, 2015, p. 6)

**b- Leitura e experiência/formação:**

A leitura é vinculada à formação, ao autoconhecimento, a vivências significativas.

**c- Leitura e cidadania:**

A leitura se relaciona à inserção do sujeito nas atividades culturais, permitindo o exercício da cidadania, e é entendida como uma “ação civilizatória”, que promove a consciência dos direitos humanos, da vida em sociedade.

**d- Leitura e ilustração:**

A leitura é fonte de informação, conhecimento e erudição, responsável pela formação do sujeito culto, bem formado, atualizado e instruído.

**e- Leitura e subjetivismo:**

A leitura constrói a história do indivíduo, entendendo-o como protagonista de seu processo de aprendizagem. “Cada um é cada um, cada leitor tem uma trajetória, e a leitura é instrumento de afirmação singular”. (SERRA; BRITTO E CAMASMIE, 2015, p.7)

**f- Leitura e utilitarismo:**

A leitura é responsável pela melhora da escrita e do vocabulário do leitor. Relaciona-se à preocupação com o letramento, a alfabetização, a utilidade prática para a vida social, a competência, a eficiência do sujeito.

O professor Pierre Bayard (2007) colabora com a discussão a respeito dos discursos sobre a leitura. Em seu livro *Como falar dos livros que não lemos*, afirma que: “é impossível esperar sair incólume desse gênero de situação em que se deve falar do que se leu sem analisar a culpa inconsciente suscitada pela confissão de não ter lido certos livros” (BAYARD, 2007, p. 16). Para Bayard (2007), a não-leitura é um tabu e enfrenta proibições dado serem “imposições interiorizadas” no indivíduo de que todos devem ler e ler muito.

De acordo com Curcino (2016) O autor aborda as imposições que envolvem o tema: a obrigação de ler, a obrigação de ler tudo e com frequência, a imposição de se falar do que se leu, mas não de qualquer modo e a necessidade de se mostrar leitor, lendo. Há, difundido na sociedade, o conceito de que ler é muito importante e de que a leitura abre portas para um futuro melhor a todos que a ela se dedicam. Assim, a remanência de um discurso, hoje, leva-nos a acreditar em sua força de verdade e, mais ainda, a crer que ele sempre existiu e sempre

foi a única maneira de se pensar. Abreu (2001), em algumas de suas reflexões sobre o tema, desconstrói tal certeza ao mostrar que é recente a ideia de que o bom leitor é aquele quem lê muito e textos variados. A autora aponta que, no século XVIII, acreditava-se que a leitura oferecia riscos à saúde, prejudicando os olhos, o cérebro e até mesmo os nervos. A medicina, na época, recomendava “ler pouco” para evitar esses males. No século XIX, a leitura de romances também era considerada prejudicial, chegando a ser pensada como “forte perigo para a moral”, principalmente para as mulheres. No texto, a estudiosa afirma que a relação entre a leitura e o enobrecimento do sujeito foi construída historicamente. Ademais, Abreu (2001) aponta que a leitura de maior prestígio social, na atualidade, costuma ser a de literatura, principalmente a de prosa de ficção, havendo a ideia de que os jovens devem ler os clássicos universais e os melhores autores locais. Tudo o que foge a esse padrão, na maioria das vezes, costuma ser criticado como forma de leitura.

A ideia de que o brasileiro não lê ou lê pouco seria questionada, segundo Abreu (2001), se outras práticas de leitura, que ocorrem na sociedade fossem valorizadas, os pesquisadores poderiam concluir que a leitura ocorre em maior quantidade do que os dados estatísticos apontam.

A própria força do que se afirma nas campanhas de leitura ou nas publicidades que se valem do valor simbólico positivo da leitura para promover certas marcas ou sujeitos não emerge originalmente delas, mas advém do que enunciam outras instituições sobre as quais a sociedade deposita confiança. De acordo com Curcino:

Essa distinção estabelece-se, entre outras razões, por contar com meios institucionais como a escola, pela qual passam a maioria dos membros de uma sociedade, e que tradicionalmente outorga-se o poder de julgar e de difundir certos julgamentos de textos, práticas e sujeitos, a partir muitas vezes de argumentos e reflexões produzidos fora de seus muros por instituições que gozam de maior prestígio, e a hierarquizar ou a reproduzir as hierarquias que classificam os produtos culturais, muitas vezes tomando como parâmetro para a qualificação de um dado objeto os usos que dele fazem aqueles que advogam o seu pertencimento a uma cultura letrada compartilhada por uma pequena comunidade em sua maioria socioeconomicamente privilegiada. (CURCINO, 2016, p. 234)

Muitos dos valores sociais relacionados à leitura são provenientes do que se enuncia no espaço escolar, ao qual é dado uma espécie de poder sobre o que se pode dizer sobre a leitura. Além da necessidade e importância de pesquisas que desmitifiquem o que correntemente se sabe, se diz e se reproduz sobre a leitura e sobre os leitores, é fundamental compreender como esses discursos são validados e circulam com valor de verdade em nossa sociedade.

## 1.2 ESTUDANTES DE LETRAS: O QUE DIZER DE SI COMO LEITORES

Nos dois primeiros semestres, tanto da universidade pública, quanto da privada, a média de idade dos alunos ingressantes é de 21,3 anos e dos alunos concluintes é de 25 anos. Os grupos são formados majoritariamente por mulheres, apresentando um pequeno aumento, quase irrelevante, da presença masculina nos grupos da universidade pública.

Quanto ao Ensino Básico, os grupos assim se apresentam:

Em MA1, 37% vêm de escolas particulares. Esse número passa a 25% em MA2, 25% em UF1 e cai significativamente para 9%, em UF2. Em MA1, 22% estudaram em escolas municipais e 31%, em escolas estaduais. Nos grupos da universidade privada, 10% estudaram tanto em escolas municipais, quanto em estaduais e nenhum aluno estudou em uma escola federal. Em MA2, 25% vêm de escolas municipais e 40% de escolas estaduais. Em UF1, 20% vêm de escolas municipais, 27% de estaduais, 3% de escolas federais e 30% afirmaram terem estudado tanto em escolas municipais quanto em escolas estaduais. Em UF2, 28% vêm de escolas municipais, 37% de escolas estaduais. Nenhum estudante desse grupo estudou em uma escola federal e 26% estudaram em municipais e estaduais durante a educação básica.

Sobre a renda familiar, tendo como base o salário mínimo vigente durante a pesquisa (no valor de R\$ 937,99), assim dividem-se os grupos pesquisados:

Até 1 salário mínimo: nos grupos MA1 e MA2, apenas 3% têm até 1 salário mínimo como renda familiar. Em UF1 e UF2, nenhum aluno tem tal renda familiar.

De 1 a 2 salários mínimos: no grupo MA1, 30% têm como renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, em MA2, 15%, em UF1, 19% e, em UF2, 45%.

De 2 a 5 salários mínimos: em MA1 e MA2, a maioria, 67% e 61% respectivamente, têm de 2 a 5 salários mínimos como renda familiar. Esses números caem na universidade pública, UF1 tem 45% e UF2 46% com essa renda familiar.

Mais de 5 salários mínimos: Nenhum aluno de MA1 tem renda superior a 5 salários mínimos, em MA2, 24% têm tal renda. Esse número aumenta nas turmas da universidade pública, passando a 33% em UF1 e 9%, em UF2.

A maior parte dos alunos, tanto da universidade pública quanto da privada é proveniente de escolas estaduais.

Além da obtenção de dados sociais, na primeira parte do questionário, buscamos obter dados relativos ao perfil leitor, propriamente dito.

A questão de número 6 solicitava que os participantes apontassem as disciplinas que os levaram a escolher cursar Letras. Tratava-se de uma questão com resposta motivada e com a possibilidade de escolha de mais de uma opção.

<b>POSIÇÃO</b>	<b>MA1</b>	<b>MA2</b>	<b>UF1</b>	<b>UF2</b>
<b>1º</b>	Leitura 24	Leitura 13	Literatura 23 Línguas Estrangeiras 23	Literatura 10
<b>2º</b>	Literatura 20	Docência 12 Línguas Estrangeiras 12	Leitura 20	Línguas estrangeiras 9
<b>3º</b>	Línguas Estrangeiras 17	Literatura 10 Gramática 10	Docência 16	Leitura 7
<b>4º</b>	Produção de textos 16 Docência 16	Produção de textos 8	Produção de textos 15	Produção de textos 4
<b>5º</b>	Gramática 11		Gramática 12	Docência 3
<b>6º</b>				Gramática 2

Fonte: ZACCARO, 2017.

Como se pode observar no quadro acima, a motivação que levou a maior parte dos alunos ao curso de Letras foi a leitura. Para os dois grupos da universidade particular, a principal motivação para escolher o curso de Letras foi a leitura. Os dois grupos da universidade pública apontaram a literatura como principal motivação. UF1 citou também, em primeiro lugar, as línguas estrangeiras. A docência não ocupa lugares de destaque. Ela apareceu em segundo lugar em MA2, mas, nos outros grupos, a docência apareceu em quarto lugar em MA 1, em terceiro lugar em UF1 e apenas em quinto lugar em UF2. Esses dados são interessantes, pois apontam que a principal motivação que levou esses alunos a procurar a licenciatura no curso de Letras não foi a docência. A gramática também não se mostrou como um grande atrativo, figurando em quinto lugar em MA1 e UF1, em sexto lugar em UF2, ficando na terceira posição apenas em MA2. Esses dados são relevantes já que o tema da pesquisa é a leitura. A maioria declarou ter escolhido o curso, porque se identifica com a leitura. Uma das representações a respeito dos estudantes de Letras, entre outras, é a de que sabem ou querem saber de línguas, gramática e de leitura.

Segundo a “ordem do discurso” descrita por Foucault (1996), há uma coerção nos dizeres, que permite que algumas coisas sejam ditas e outras não, que algumas pessoas digam algumas coisas e outras não, que, em alguns lugares e tempos algo possa ser enunciado e em

outros não. O que a ordem do discurso permite que se diga a respeito da leitura é ainda mais proeminente em alunos de um curso que carrega a leitura como uma de suas características principais. Os estudantes sabem o que declarar, existe um imaginário comum sobre o fato de que devem dizer que são leitores. Tal imaginário é comprometido com um certo tipo de leitura: o livro e os clássicos. Os outros objetos não gozam de prestígio cultural. Os participantes são seletivos quando declaram o que leem.

Um dado interessante foi a diferença entre a indicação de *leitura* pelos alunos da Privada e de *literatura* (e línguas estrangeiras) pelos da Pública. Embora se deva reconhecer que, em ambos os casos, se esteja referindo à leitura (já que a literatura é concebida como a disciplina dedicada à leitura por excelência, ainda que pela leitura de um tipo muito específico de texto), é possível ver aí uma diferença quanto ao funcionamento da *lógica da distinção* de que fala Pierre Bourdieu (Cf. Curcino, 2018). e que atua, tal como uma injunção da *ordem do discurso*. Em geral, nossas declarações se baseiam no nosso saber sobre a recepção positiva que o que dizemos pode obter. Dizer-se leitor é algo altamente positivo e dizer-se leitor de literatura o é ainda mais.

Com base nisso, observamos, nas respostas dos participantes apenas duas ocorrências em que dois alunos de letras se assumiram não leitores. Os outros participantes, ao justificarem o fato de não se considerarem bons leitores, elencaram fatos como a falta de tempo, a imaturidade e outras razões, porém demonstram a vontade de serem bons leitores, de lerem mais. Encontramos, entretanto, determinados enunciados, alguns apontados a seguir, que vão contra o tabu de se assumir não leitor, ainda mais dentro do curso de Letras, que tem como uma espécie de ideal do perfil o “gosto” pela leitura.

Outro dado que merece destaque é o fato de a docência não aparecer nos primeiros lugares. Isso marca um traço importante dos estudantes analisados e leva a um questionamento sobre a formação profissional que os cursos de Letras proporcionam: as licenciaturas na área costumam preparar os alunos para o domínio dos conteúdos específicos para si mesmos, ou para ensinar aos futuros alunos? As produções de texto, nesses cursos, visam à escrita dos próprios acadêmicos ou prepara para o trabalho com redação nas escolas em que os discentes atuarão, formando professores capazes de elaborar aulas, desenvolver propostas, fazer intervenções nos textos de seus futuros alunos? Estudantes são formados para efetuarem leituras para si mesmos ou para atuarem na educação básica? Os licenciados em Letras saem dos cursos aptos a desenvolver leitores e mediar leituras na sala de aula em que irão atuar, difundindo a literatura e a leitura de textos densos e complexos?

Para traçar o perfil dos estudantes pesquisados, e corroborando com os dados que apontam a leitura como a principal motivação para a escolha do curso, os participantes, em três grupos, apontam, em primeiro lugar, a leitura como a atividade que mais fazem no tempo livre. Apenas em UF2, ler aparece em terceiro lugar. Esse grupo colocou, à frente da leitura, a música, o descanso e as redes sociais. Em UF1, os alunos responderam que a leitura é a primeira atividade em seu tempo livre, no final do curso, essa atividade cai para o terceiro lugar, apontando talvez, um desgaste pela quantidade de leituras obrigatórias durante a vida universitária. Nos quatro grupos, os alunos colocaram o “prazer” como a principal motivação para a leitura. Apenas em UF2, 92% responderam que o mais os leva a ler, ao lado do prazer é a busca por “conhecimentos gerais” e “exigência escolar ou acadêmica”. Nesse grupo, a maior parte, ou seja, 44% leram de 3 a 5 livros nos últimos doze meses. 33% afirmaram ter lido dez livros ou mais no mesmo período. Em MA2, 37% leram dez ou mais livros e 22%, de seis a oito, no período de um ano. Um dado relevante, é a queda brusca da quantidade de livros lidos em doze meses de UF1 a UF2: em UF1, 82% leram dez ou mais livros, esse número cai para 33% no último semestre da universidade pública. A maior parte de MA1, ou seja, 37% dos participantes afirmaram terem lido de 3 a 5 livros nos últimos doze meses. Em segundo lugar, 26% afirmaram terem lido 10 ou mais livros. Em MA2, a maioria, 37%, leu dez ou mais livros em um ano.

Segundo os participantes dos quatro grupos, a maior parte dos livros que leem são comprados, a seguir, em segundo lugar, o acesso aos livros se dá pela internet. As bibliotecas aparecem apenas em terceiro lugar (MA1, UF1 e UF2) e em quarto lugar (MA2). Os *e-books* figuram apenas em quinto lugar (MA1 e UF2) e sexto lugar (MA2 e UF1).

Dentre as leituras efetuadas pelos participantes, nas turmas MA2 e UF1, aparece em primeiro lugar os textos da internet, em MA 1 e UF2, os romances aparecem em primeiro lugar, mas é importante frisar que os alunos de UF2 colocaram também na primeira posição os livros da universidade, ao lado de contos e crônicas. Nessa mesma turma, aparece em segundo lugar a leitura de textos da universidade e textos da internet.

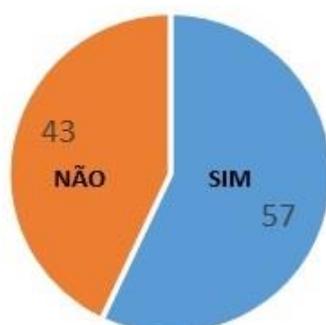
A leitura de jornal aparece em 8º lugar em MA1, com 20%, e em 5º lugar em MA2, com 29%, UF1, com 35% e UF2, 8%.

Os livros da universidade sobem na posição de maior quantidade de leituras, do primeiro ao último semestre, com o aumento das exigências acadêmicas. Segundo os alunos, a disciplina que mais exige leitura é Literatura, seguida da disciplina Leitura e Produção de texto, apontada em segundo lugar, por MA1, MA2 e UF1. Apenas UF2, colocou em segundo

lugar Línguas Estrangeiras, deixando Leitura e Produção de Textos em quarto lugar, ou seja, o último.

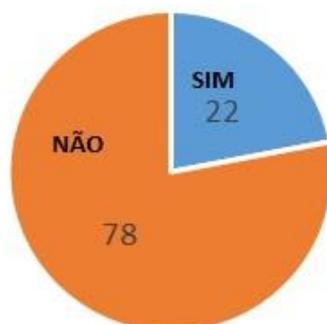
Esses dados se confirmam nas respostas dadas à pergunta: “Você frequenta alguma biblioteca?” As respostas apresentam-se da seguinte maneira:

MA1



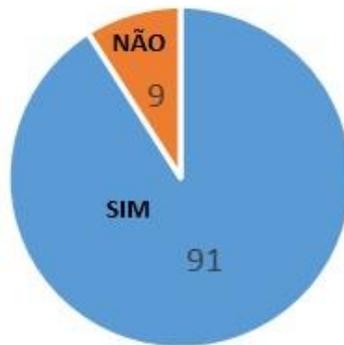
Fonte: ZACCARO, 2017.

MA2



Fonte: ZACCARO, 2017.

UF1



Fonte: ZACCARO, 2017.

UF2



Fonte: ZACCARO, 2017.

É enorme a diferença da quantidade entre alunos da rede privada e da rede pública que frequentam alguma biblioteca. Em MA1, 57% dizem frequentar alguma biblioteca, mas em MA2, apenas 22% frequentam, contra os 91% de UF1 e os 84% de UF2. Entre aqueles que frequentam alguma biblioteca em MA1, 94% usam a biblioteca universitária.

Como meio de acesso aos livros, nos quatro grupos pesquisados, os participantes responderam que, em primeiro lugar, compram os materiais de leitura, em segundo lugar consultam a internet. A biblioteca figura apenas em terceiro lugar em MA1, MA2 e UF2. Em MA2, os participantes indicaram em terceiro lugar o empréstimo de outras pessoas, deixando a opção de retirada em bibliotecas apenas para o quarto lugar.

A questão de número 7 perguntava o que os participantes fazem no tempo livre, com a possibilidade de marcar mais de uma opção. Tratava-se de uma questão motivada. O quadro de respostas assim se apresenta:

<b>POSIÇÃO</b>	<b>MA1</b>	<b>MA2</b>	<b>UF1</b>	<b>UF2</b>
1°	Ler 28	Ler 20	Ler 27 Navegar na internet 27	Música 12
2°	Redes Sociais 26	Descansar 18	Redes Sociais 26	Descansar 11 Redes Sociais 11
3°	Música 21	Navegar na internet 17	Assistir a filmes 25	Ler 10 Navegar na internet 10
4°	Navegar na internet 20	Filmes 16 Redes Sociais 16 Música 16	Ouvir música 22 Reunir-se com a família e amigos 22	Filmes 8 Reunir-se com a família e amigos 8
5°	Filmes 19	Reunir-se com a família e amigos 15	Descansar 20 Ir ao cinema, teatro, exposições 20	Ir ao cinema, teatro, exposições 6
6°	Escrever 18 Ir ao cinema, teatro, exposições 18	Ver TV 12	Ir a bares ou restaurantes 19	Jogar videogame 5 Fazer compras 5
7°	Descansar 16	Ir ao cinema, teatro, exposições 10	Escrever 17	Escrever 4 Ir a bares e restaurantes 4
8°	Reunir-se com a família e amigos 12	Ir a bares ou restaurantes 9	Ver TV 11	Ver TV 3 Praticar esportes 3 Fazer trabalhos manuais ou artesanato 3
9°	Ir a bares e restaurantes 10	Fazer compras 7	Passear em parques e praças 10	Assistir a jogos 2 Passear em parques ou praças 2 Viajar 2 Desenhar e pintar 2
10°	Praticar esportes 6	Escrever 6	Viajar 8	
11°	Desenhar e pintar 5	Jogar videogame 5	Fazer compras 7	
12°	Passear em parques e praças 4	Viajar 4	Praticar esportes 6	

	Jogar videogame 4 Ver TV 4			
13°	Fazer compras 2 Assistir a jogos 2 Viajar 2 Fazer trabalhos manuais ou artesanato 2	Desenhar e pintar 3	Assistir a jogos 5	
14°		Praticar esportes 2 Passear em parques e praças 2 Fazer trabalhos manuais ou artesanato 2	Fazer trabalhos manuais ou artesanato 4 Desenhar ou pintar 4	
15°		Assistir a jogos 1		

Fonte: ZACCARO, 2017.

A leitura figura, mesmo como atividade mais realizada no tempo livre, em primeiro lugar em três turmas, MA1, MA2 e UF1, entretanto é necessário ponderar que o tempo livre dos alunos do período noturno, em geral, é ocupado pela leitura dos compromissos universitários, porque, durante o dia, a maioria trabalha. Talvez, seja essa a leitura a que as turmas MA1, MA2 e UF1 se referem ao responder o que fazem no tempo livre. Partindo dessa ideia, os alunos do último semestre da universidade pública, por terem menos disciplinas nesse período, talvez tenham um volume menor de exigências de leitura, o que lhes permite ouvir música, descansar e navegar pelas redes sociais, antes de lerem em seus momentos livres.

A questão de número 12 perguntava o que os participantes leem com mais frequência. Tratava-se de uma questão motivada com a possibilidade escolha de mais de uma opção. As respostas obtidas foram:

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1°	Romances 22	Textos da internet <sup>12</sup> 15	Textos da internet 21	Romances 8 Contos e crônicas

<sup>12</sup> Para melhor dimensionar o impacto desses dados, é preciso não os considerar apenas quanto ao número bruto e às posições em que figuram. É necessário que os dados sejam considerados em relação aos números dos participantes. Além disso, é preciso considerar que essa designação “textos da internet” é muito genérica e também pode corresponder à leitura de literatura. Por isso, é necessário considerar que formulações não muito claras do questionário podem ter dificultado a depreensão e descrição dos dados distintos, de modo a não induzir respostas.

				8 Livros da universidade 8
2°	Contos e crônicas 19	Contos e crônicas 13 Livros da universidade 13	Textos da universidade 20 Romances 20	Textos da internet 7 Textos da universidade 7
3°	Textos da internet 16	Romances 10	Livros da universidade 19	
4°	Poesia 12	Textos da universidade 9	Poesia 13	Poesia 4 História em quadrinhos 4 Livros digitais 4
5°	Livros da universidade 11	Jornais 6 Revistas 6	Jornais 11	Revistas 1 Biografias 1 Livros sobre artes 1 Esoterismo 1 Jornais 1 Bíblia 1
6°	Livros digitais 9	Histórias em quadrinhos 5 Livros digitais 5 Bíblia 5	Livros de política, história ou ciência 9	Livros de política, história ou ciência 0
7°	História em quadrinhos 8	Poesia 3 Livros religiosos 3 Livros de política, história ou ciência 3 Livros sobre artes 3	Contos e crônicas 7	
8°	Jornais 6 Revistas 6	Ensaios, ciências e humanidades 2 Autoajuda 2 Esoterismo 2	Revistas 5	
9°	Livros de política, história ou ciência 5 Texto da universidade 5	Biografias 1	Livros digitais 4 Livros religiosos 4	
10°	Biografias 4 Bíblia 4	Áudio-livros 0	Bíblia 3	

11°	Livros religiosos 3 Livros sobre artes 3		Biografias 2 Autoajuda 2 Ensaio, ciências e humanidades 2 Esoterismo 2 História em quadrinhos 2	
12°	Ensaio, ciências e humanidades 2		Livros sobre artes 1	
13°	Autoajuda 1 Esoterismo 1			

Fonte: ZACCARO, 2017.

A pergunta de número 16 questionava a forma de acesso aos livros, se eles são, em sua maioria comprados, emprestados de bibliotecas, se os participantes os acessam pela internet ou se tiram fotocópia dos materiais. Tratava-se de uma questão com resposta motivada e com a possibilidade de escolha de mais de uma opção.

As respostas assim se apresentam:

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1°	Comprados 24	Comprados 18	Comprados 26	Comprados 11
2°	Internet 16	Internet 13	Internet 21	Internet 8
3°	Presentes 13 Biblioteca	Emprestados 10	Biblioteca 20	Biblioteca 6
4°	Emprestados 11	Biblioteca 9	Fotocópia 18	Presente 5 Fotocópia 5
5°	E-book 5	Presentes 7	Emprestados 9	Emprestados 4 E-book 4
6°	Distribuídos pelo governo 2	E-book 5	Presentes 8 E-book 8	Distribuídos pelo governo 0
7°	Fotocópia 1	Fotocópia 4	Distribuídos pelo governo 3	
8°		Distribuídos pelo governo 1		

Fonte: ZACCARO, 2017.

Na questão 8, que abordava a quantidade<sup>13</sup> de leituras feitas nos últimos doze meses, o quadro apresentou-se da seguinte maneira

<sup>13</sup> A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil considera como leitor aquele que leu, pelo menos, um livro nos últimos três meses.

Livros lidos nos últimos 12 meses	0 a 2	3 a 5	6 a 8	9 a 10	mais de 10
MA1	13% (4)	37% (11)	17% (5)	7% (2)	26% (8)
MA2	9% (2)	14% (3)	22% (5)	18% (4)	37% (8)
UF1	7% (2)	20% (6)	7% (2)	14% (3)	82% (18)
UF2	(0)	40% (5)	9% (1)	9% (1)	33% (4)

Fonte: ZACCARO, 2017.

Esse é o dado mais interessante, porque ele é, do ponto de vista quantitativo, bastante representativo. 18 dos 31 alunos disseram que leram nos últimos 12 meses mais de 10 livros. Como era início do primeiro semestre do curso, isso significa que leram grande parte antes da universidade e talvez para poder entrar na universidade. É interessante pensar que leram proporcionalmente mais do que os que já estavam saindo da universidade e que hipoteticamente teriam de estar lendo bastante. Isso também os difere dos alunos ingressantes do sistema privado.

A pergunta de número 11 questionava quais disciplinas do curso exigem mais leitura dos participantes. Tratava-se de uma questão com resposta motivada e com a possibilidade de escolha de mais de um item.

POSICÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Literatura 20	Literatura 30	Literatura 27	Literatura 10
2º	Leitura e Produção de texto 16	Leitura e Produção de texto 27	Leitura e Produção de texto 15	Língua estrangeira 7
3º	Língua Portuguesa 12	Língua Portuguesa 20	Língua Portuguesa 13	Língua Portuguesa 7
4º	Língua estrangeira 19	Língua estrangeira 12	Língua estrangeira 22	Leitura e Produção de texto 7

Fonte: ZACCARO, 2017.

Na pergunta de número 19, o aluno foi questionado sobre o fato de se considerar ou não um bom leitor. O participante deveria justificar sua resposta. Apesar de não se tratar de uma questão quantitativa, a quantidade de respostas foi computada para a construção do quadro abaixo.

	MA1	MA2	UF 1	UF2
NÃO	30%	25%	20%	18%
SIM	59%	55%	58 %	64 %
INCERTOS	11%	20%	22%	18 %

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Nos quatro grupos, a maioria dos estudantes se considera bom leitor. Tendo em vista as respostas dos alunos à questão e tendo no horizonte os discursos que circulam socialmente sobre a leitura, percebe-se um consenso sobre a leitura compartilhado tanto entre aqueles considerados e autodeclarados leitores como também entre aqueles que estatisticamente não são considerados e/ou que se autodeclararam não leitores.

## **CAPÍTULO II**

### **INGRESSANTES E FORMANDOS EM LETRAS: ASPECTOS DE SEU PERFIL ESTUDANTIL**

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. (Paulo Freire)

Resultados do censo do ensino superior realizado em 2017 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do Ministério da Educação (MEC) mostram que, no Brasil, existem 2.448 Instituições de Ensino Superior (IES). O censo revelou que 87,9% das IES são privadas e 12,1% delas são públicas. São consideradas Instituições de Ensino Superior as universidades, os centros universitários, as faculdades e os institutos federais de ciência e tecnologia. É interessante notar que, embora mais de 80% das IES sejam faculdades, nelas se encontra matriculado apenas um quarto dos estudantes do ensino superior.

Outro desequilíbrio nos números mostrados pelo censo de 2017 é evidenciado pela escolha da modalidade universitária: 60,1% dos ingressantes optam pelo bacharelado, 20,1% deles pela licenciatura e 19,1% pelos cursos tecnológicos. Esse quadro inverte-se, entretanto, quando se compara a opção pelas modalidades feita por alunos matriculados em cursos presenciais de graduação e pelos que são matriculados nos cursos EaD. Se o bacharelado é a modalidade que predomina na graduação presencial, a licenciatura é a que predomina na EaD.

O censo do ensino superior realizado pelo INEP em 2010 indica que, a partir dos anos 1990, pode ser observado um aumento relevante tanto de IES como no número de alunos matriculados no ensino superior. Esse aumento na oferta de vagas e na procura por elas deve-se à implantação de ações como o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Programa de Financiamento Estudantil (Fies), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e as políticas de cotas. O ProUni, até julho de 2016, contemplou mais de 1,9 milhão de estudantes e o Fies, desde a sua criação, em 1999, contemplou cerca de 3,12 milhões de estudantes. A implantação da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como Lei de Cotas, possibilitou que estudantes a quem se aplicam

os critérios sociorraciais pré-estabelecidos tivessem acesso ao ensino superior, mais especificamente, em um primeiro momento, aos cursos das instituições federais de ensino. Dados do MEC apontam que, entre 2013 e 2015, o sistema de cotas fez com que por volta de 150 mil estudantes negros ingressassem em instituições de ensino superior no Brasil. Ainda, de acordo com resultados divulgados pelo MEC, entre 1997 e 2013, o número percentual de estudantes negros e pardos que frequentava ou havia concluído o ensino superior aumentou aproximadamente 8%.

A criação dos cursos de Letras no Brasil, segundo Fiorin (2006), se deu nos anos 30, no bojo dos projetos de criação das Faculdades de Filosofia. Os primeiros cursos de Letras no Brasil foram o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, o da Universidade do Distrito Federal, em 1935 e o da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e na Universidade de Minas Gerais, em 1939. A faculdade de Letras da Universidade de São Paulo se dividia em Letras Clássicas e Português e Línguas Estrangeiras.

Atualmente, segundo dados do site do INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, e tendo como base o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, ENADE, de 2017, computou-se a participação de 318 cursos de Licenciatura na Área de Letras-Português. A maior parte dos cursos, 274 em 318 (86,2%), oferece a modalidade presencial. Apenas 44 cursos (13,8%) oferecem a modalidade de Ensino a Distância. De 11.963 alunos presentes à avaliação do curso de Letras-Português (Licenciatura) no ENADE do ano de 2017, 27% fazem o curso a distância, enquanto 72,9, estão na modalidade presencial.

## **2.1 ENSINO DA LEITURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: OS CURSOS E SEUS CURRÍCULOS**

As entrevistas a partir das quais compusemos o nosso corpus de pesquisa foram realizadas com estudantes de dois cursos de Letras: de uma universidade privada e de uma universidade pública do interior de São Paulo.

O funcionamento da instituição particular foi autorizado pelo Diário Oficial de 1968, entretanto a Faculdade<sup>14</sup> passou a oferecer o curso de Letras apenas no ano de 1971, passando

---

<sup>14</sup> As informações sobre o curso de Letras da universidade privada foram retiradas do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), disponibilizado pelo coordenador do curso de Letras da instituição.

a formar turmas ininterruptamente, desde então. Em 1989, a instituição passou a ser um Centro Universitário, classificação que carrega até os dias atuais.

No início, o curso de Letras tinha quatro anos de duração, passando, em 2003, a três. Em resolução tomada pelo Núcleo Docente Estruturante, o curso voltou a ter quatro anos de duração, nas turmas que se formaram a partir de 2017. Trata-se de um curso seriado semestral, com uma carga horária de três mil e oitocentas horas, com integralização mínima em 6 e máxima em 12 semestres. O perfil do curso é voltado mais à docência do que a outras áreas de atuação.

O curso de Letras dispõe, apenas e obrigatoriamente, de habilitação em português e inglês e suas literaturas, não oferecendo outras opções aos alunos. As aulas acontecem no período noturno e o curso tem, atualmente, a duração de quatro anos, ou seja, 8 semestres. Nessa instituição, toda a grade é obrigatória, ou seja, não há oferta de disciplinas optativas. O curso é noturno e oferece 60 vagas.

No Projeto Pedagógico do Curso, encontram-se os seguintes **Objetivos Gerais**:

1. Formar professores habilitados na área de Letras Licenciatura Plena, capacitados para a produção e difusão do conhecimento linguístico e do literário nos Ensinos Fundamental e Médio.
2. Preparar o profissional a partir de uma formação humanística, cultural e científica, com autonomia intelectual, capaz de desenvolver sua atividade com consciência da diversidade e respeito às diferenças de natureza religiosa, ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras distinções.
3. Preparar o aluno, de maneira responsável e ética, para sua inserção no mercado de trabalho, por meio do domínio das línguas portuguesa e inglesa – em termos de sua estrutura e funcionamento e de consciência das variedades linguísticas e culturais –, assim como da capacidade de leitura crítica de obras literárias.
4. Ampliar o espírito crítico do discente, permitindo o autoconhecimento, por meio do desenvolvimento de suas faculdades de cognição, pensamento e compreensão dentro do contexto social.
5. Proporcionar ao graduando o domínio de diferentes concepções metodológicas que o instrumentalizam na construção e no aperfeiçoamento das competências e habilidades necessárias para prática docente.
6. Apresentar ao aluno as diferentes fontes e veículos de informação e de pesquisa científica, ensinando-o a utilizá-las de maneira crítica, adotando atitudes de disponibilidade e flexibilidade para mudanças.
7. Instigar o discente a sistematizar e a socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando, de maneira crítica, o contexto educativo e analisando a própria prática profissional.
8. Fornecer ao estudante uma formação ampla, que lhe possibilite atuar em diversos segmentos, como tradutor, intérprete, pesquisador, crítico literário, revisor de textos, consultor linguístico, entre outras atividades da área.

Entre os objetivos gerais do curso, nenhum cita especificamente a leitura, já entre os oito objetivos específicos, apenas um cita esse tema: “7. Garantir ao estudante uma formação que lhe permita ler e produzir diferentes gêneros textuais, utilizando diferentes linguagens, nas diversas situações sócio-comunicativas.”. Entretanto, percebe-se que o objetivo se refere à habilidade de leitura de gêneros diversos e não a uma reflexão a respeito da leitura como uma prática e ainda mais como uma prática escolar, a ser ensinada em seus diferentes graus, das técnicas de decodificação às diversas limitações e variações de interpretação.

Na matriz do curso estruturada para três anos, pela qual passaram as turmas participantes desta pesquisa, as disciplinas se organizavam da seguinte maneira:

### 1º SEMESTRE

Disciplinas	Carga Horária
Língua Portuguesa I	40
Língua Inglesa I	40
Leitura e Produção de textos	80
Literatura Portuguesa	80
Metodologia Científica	80
Sociologia	80
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

## 2º SEMESTRE

Disciplinas	Carga Horária
Língua Portuguesa II	40
Língua Inglesa II	40
Teoria da Literatura I	80
Linguística I	80
Filosofia	80
Psicologia da Educação	80
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

## 3º SEMESTRE

Disciplinas	Carga Horária
Teoria da Literatura II	80
Língua Portuguesa III	40
Língua Inglesa III	80
Linguística II	80
Didática	40
Leitura e produção de texto II	80
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

#### 4º SEMESTRE

<b>Disciplinas</b>	<b>Carga Horária</b>
Literatura Brasileira I	80
Língua Portuguesa IV	40
Língua Inglesa IV	80
Literatura Portuguesa II	80
Metodologia de ensino	40
Leitura e Produção de textos em inglês	80
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

#### 5º SEMESTRE

<b>Disciplinas</b>	<b>Carga Horária</b>
Literatura Brasileira II	80
Língua Portuguesa V	40
Prática de ensino de Inglês	80
Políticas Educacionais e Legislação de ensino	80
<u>Libras</u>	40
Literatura Inglesa e Norte-americana	80
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

## 6º SEMESTRE

<b>Disciplinas</b>	<b>Carga Horária</b>
Linguística III	80
Língua Portuguesa VI	40
Prática de Ensino de Português	80
Prática Oral e Escrita em Inglês	40
Teorias de Aquisição de Linguagem	40
Literatura Brasileira III	80
Práticas Literárias Intertextuais	40
<b>Carga Horária Total</b>	<b>400</b>

<b>Carga Horária Total</b>	<b>2400</b>
<b>Atividades Complementares</b>	<b>200</b>
<b>Estágio Supervisionado</b>	<b>400</b>
<b>Prática como componente curricular</b>	<b>400</b>
<b>Carga Horária Total</b>	<b>3400</b>

<b>Carga Horária</b>	<b>Horas- aula</b>	<b>Horas- relógio</b>	<b>Total</b>
	2400	2000	2400
Atividades Complementares	-	200	200
Estágio Supervisionado	-	400	400
Prática Componente Curricular	400	-	400
<b>Carga Horária do Curso</b>	-	<b>2600</b>	<b>3400</b>

Na grade curricular apresentada, apenas duas disciplinas referem-se diretamente à leitura: Leitura e Produção de Texto, no 1º semestre e Leitura e Produção de Texto, no 3º semestre e uma terceira, Prática de Ensino de Português, no 6º semestre, apresenta o tema leitura em sua ementa e objetivos. Vale a análise das ementas de tais disciplinas.

#### **a-Leitura e Produção de Texto I**

**Ementa da disciplina:** Conscientização da importância da leitura como fonte de conhecimento e participação na sociedade. Noções de texto. Teoria da comunicação. Texto e contexto. Textos orais e escritos. Informações implícitas. Intertextualidade. Texto figurativo e texto temático. Encadeamento de figuras e temas. Modo de encadear figuras e temas. Dizer uma coisa para significar outra. Alteração no sentido das palavras. O significado no significante.

**Objetivos da disciplina:** Analisar textos (orais e escritos; verbais e não verbais) sobre assuntos diversos. Melhorar a habilidade de produzir textos (orais e escritos); ampliar o universo cultural e expressivo. Valorizar a leitura como fonte de conhecimento. Mobilizar diferentes estratégias para a interpretação das linguagens envolvidas na compreensão textual. Ler e analisar, com senso crítico, diversos estilos e gêneros discursivos. Expressar-se com coerência, concisão e clareza, comunicando-se de forma eficaz.

#### **b-Leitura e Produção de Texto II**

**Ementa da disciplina:** Concepções de gêneros textuais. Gêneros argumentativos. Gêneros narrativos. Gêneros injuntivos. Gêneros expositivos. Coesão textual. Coerência textual.

**Objetivos da disciplina:** Analisar e produzir textos (orais e escritos; verbais e não verbais) de diversos estilos e gêneros discursivos. Mobilizar diferentes estratégias para a interpretação das linguagens envolvidas na compreensão textual. Expressar-se com coerência,

concisão e clareza, comunicando-se de forma eficaz. Produzir, com eficácia, textos de gênero argumentativo, narrativo, expositivo e injuntivo.

**c- Prática de Ensino de Português (6º semestre),**

**Ementa da disciplina:** Preparação de microaulas. A gramática na escola. A leitura. A formação do leitor. Produção textual. Oralidade na sala de aula. A disciplina na escola. As microaulas.

**Objetivos da disciplina:** Redigir planos de aula e planos de ensino. Elaborar microaulas. Diferenciar recursos, estratégias e metodologia. Reconhecer os diferentes tipos de gramática. Identificar o papel do ensino da gramática na escola. Preparar aulas de leitura e produção de texto. Intervir adequadamente nos trabalhos dos alunos. Incentivar a oralidade na sala de aula. Lidar com a indisciplina na sala de aula. Apresentar uma microaula, de acordo com os critérios estabelecidos.

As disciplinas Leitura e Produção de Texto I e II tratam da leitura, seus conceitos e concepções, mas os seus objetivos dirigem-se mais à formação do aluno do curso como um leitor competente, do que a reflexões sobre o trabalho com a leitura na escola, enxergando os alunos como futuros professores. Na disciplina Prática de Ensino de Português, isso aparece de modo mais explícito, na ementa com o tópico “Formação de leitores” e, nos objetivos, nos quais aparece a preparação e a elaboração de aulas de leitura. Tais itens demonstram uma preocupação com o futuro professor em sala de aula.

O curso de Licenciatura em Letras da Universidade<sup>15</sup> Pública oferece habilitações em Língua Inglesa e Espanhola. Ele foi autorizado pelo Conselho Universitário no ano de 1995. Seu início ocorreu em 1996, no período noturno, com 40 vagas e duração de cinco anos, ou seja, dez semestres. O curso forma professores de Português e Inglês ou de Português e Espanhol, para dar aulas no ensino Fundamental e Médio, traçando, como perfil de formação de seus alunos:

- aprender de forma autônoma e continuada,
- produzir e divulgar novos conhecimentos, tecnologias e serviços,
- empreender formas diversificadas de atuação profissional,
- desenvolver sua atuação de modo inter/multi/transdisciplinar,
- pautar-se na ética e na solidariedade,

---

<sup>15</sup> As informações sobre o curso de Letras da Universidade Pública foram retiradas da Proposta de Reformulação Curricular, que se encontra disponível no site do Departamento de Letras: <http://www.lettras.ufscar.br/>

- ter profunda compreensão da realidade socioeconômica brasileira e consciência de que é ela, em última instância, quem vai determinar as pressões e limites impostos aos processos de ensino-aprendizagem no sistema formal de ensino, no interior do qual ele provavelmente vai atuar.

Das quarenta vagas oferecidas, vinte destinam-se à habilitação Português-Inglês e vinte à habilitação Português-Espanhol. A distribuição atende à ordem de classificação do aluno no vestibular. O tempo mínimo necessário para a integralização dos créditos é de cinco, e o tempo máximo é de nove anos. Conforme o PPC, o currículo do curso está dividido em núcleo comum, parte diversificada e parte pedagógica. O núcleo comum às duas habilitações compreende os fundamentos linguísticos e literários de domínio das duas línguas em que o aluno vai se formar. A parte diversificada compreende a formação em Inglês e em Espanhol, e a parte pedagógica fundamenta as questões relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem de línguas nos diversos contextos educacionais.

Nos três primeiros anos do curso, as disciplinas são obrigatórias. Essas disciplinas compõem o núcleo central de formação. Nos dois anos seguintes, ofertam-se disciplinas optativas e disciplinas obrigatórias, que podem ser escolhidas de acordo com o interesse do discente.

A carga horária se distribui em dez semestres, no período noturno, com 2.800 (duas mil e oitocentas) horas mínimas exigidas para a integralização dos créditos, o cumprimento de 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso; 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado; 1800 (um mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; e 200 (duzentas) horas em atividades complementares (outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais).

As disciplinas oferecidas pelo curso se dispõem da seguinte maneira:

### **Subárea de Língua Portuguesa**

Texto: Leitura e Produção

Formação e Mudança da Língua Portuguesa

Morfologia da Língua Portuguesa

Sintaxe da Língua Portuguesa 10

Semântica da Língua Portuguesa

Linguística Textual e Ensino

Análise do Discurso e o Ensino da Língua Portuguesa

**Subárea de Linguística:**

Introdução à Linguística

Fonética e Fonologia

Estudos Linguísticos: sintaxe

Estudos Linguísticos: semântica

Estudos Linguísticos: discurso

Estudos Linguísticos: enunciação no processo discursivo

**Subárea de Teoria Literária**

Teoria do Texto Poético

Teoria do Texto Narrativo

**Subárea de Literatura Brasileira**

Formação da Literatura Brasileira

Consolidação da Literatura Brasileira

Literatura Brasileira: o período moderno

Literatura Brasileira: o período pós-guerra

Literatura Brasileira: o período contemporâneo

Literatura e Ensino

**Subárea de Literatura Portuguesa**

Literatura Portuguesa: Do Período Medieval ao Neoclassicismo

Literatura Portuguesa: Romantismo e Realismo

Literatura Portuguesa: Modernismo à Atualidade

Literatura e Ensino

**Subárea de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**

Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

Literatura e Ensino

## **Subárea de Estudos Clássicos**

Estudos Clássicos

## **Subárea de Língua Inglesa**

Introdução aos Estudos de Língua Inglesa

Introdução aos Estudos de Língua Inglesa

Habilidade Oral em Língua Inglesa: Desenvolvimento e Prática Pedagógica 1

Habilidade Oral em Língua Inglesa: Desenvolvimento e Prática Pedagógica 2

Habilidade Escrita em Língua Inglesa. Desenvolvimento e Prática Pedagógica

Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Teoria e Prática com Projetos

Avaliação e Produção de Material Didático em Língua Inglesa

Linguística Aplicada e Metodologia de Ensino de Língua Inglesa

## **Subárea de Literaturas de Língua Inglesa**

Literatura Inglesa 1: da Era Medieval ao Romantismo

Literatura Inglesa 2: Da Era Vitoriana à Contemporaneidade

Literatura Norte-Americana 1: Prosa e Poesia

Literatura Norte-Americana 2: Teatro

## **Subárea de Língua Espanhola**

Introdução aos Estudos de Língua Espanhola 1

Introdução aos Estudos de Língua Espanhola 2

Matrizes da Literatura Espanhola

Compreensão e Produção em Língua Espanhola 1

Matrizes da Literatura Hispano-Americana

Compreensão e Produção em Língua Espanhola 2

Compreensão e Produção em Língua Espanhola 3

Compreensão e Produção em Língua Espanhola 4

Dialetologia e Ensino da Língua Espanhola

Sintaxe Contrastiva Espanhol-Português

Linguística Aplicada ao Ensino-Aprendizagem da Língua Espanhola

## **Subárea de Literaturas de Língua Espanhola**

Literatura Espanhola: Renascimento e Barroco

Literatura Hispano-Americana: do Barroco ao Modernismo

Literatura Espanhola dos séculos XIX e XX

Literatura Hispano-Americana do Século XX

### **Subárea de Educação**

Educação e Sociedade

Estrutura e Funcionamento da Educação Básica

### **Subárea de Psicologia**

Psicologia da Educação 1 – Aprendizagem

### **Subárea de Metodologia de Ensino**

Didática Geral

Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Portuguesa 1

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Portuguesa 2

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Inglesa 1

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Inglesa 2

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Espanhola 1

Estágio Supervisionado e orientação para a prática profissional em Língua Espanhola 2

Foram analisadas as ementas e objetivos das disciplinas<sup>16</sup> disponíveis no site do curso, com o intuito de verificar aquelas que abordam a leitura. A seguir, estão listadas três dessas disciplinas.

#### **a-Texto: Leitura e Produção (Obrigatória)**

**Ementa:** Concepções de linguagem e produção de textos. O texto na interface da significação e da cultura. A natureza da língua escrita. Texto e textualidade. Prática de leitura, produção, análise e refacção de textos. A redação no ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio

**Objetivos Gerais:** Capacitar o aluno para o desenvolvimento de competência geral como leitor e produtor crítico de textos. Capacitar o aluno para sua atuação como futuro

---

<sup>16</sup> Há a possibilidade de existirem disciplinas optativas que abordem a questão da leitura, mas não estão presentes no rol apresentado no site do curso.

professor dessas habilidades linguísticas, propiciando momentos de reflexão retrospectiva e prospectiva sobre o ensino de produção escrita nos níveis fundamental e médio.

### **b-Metodologia e Prática de Ensino da Língua Portuguesa (Obrigatória)**

**Ementa:** Instrumentalização do professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.2. Elaboração de atividades de condução de aprendizagem em leitura, vocabulário, redação, aspectos gramaticais.3. Elaboração de atividades de avaliação em leitura, vocabulário, redação, aspectos gramaticais.4. Práticas de ensino e supervisão de estágio em Língua Portuguesa

**Objetivos Gerais:** Pretende-se que os alunos: Identifiquem a função e a natureza do ensino de Língua Portuguesa nos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental; Identifiquem a função e a natureza do ensino de Língua Portuguesa nas Séries do Ensino Médio; Elaborem, desenvolvam e avaliem atividades de ensino de redação, aspectos gramaticais e leitura de textos da literatura brasileira; Observem, descrevam e analisem situações de ensino de Língua Portuguesa em escolas do ensino fundamental e médio.

### **c-Literatura Infanto-Juvenil (Optativa<sup>17</sup>)**

**Ementa:** Conceito de literatura infanto-juvenil: assimetria e adaptação. História da família: o lugar da criança. Panorama da produção literária infanto-juvenil no Brasil. Autores e livros representativos do gênero: roteiro de leituras. Perfil do leitor da literatura entendida como infanto-juvenil. Dos contos de fadas às produções literárias atuais: algumas modificações fundamentais referentes a autores, obras, personagens, temas e linguagens.

**Objetivos Gerais:** Compreender que a literatura infanto-juvenil é um tipo de conhecimento envolvido do lúdico, do estético e compartilhado entre aqueles que produzem e interpretam tal tipo de discurso. Compreender que a literatura para crianças vai assumindo importância à medida que a família vai se reorganizando, e a criança vai sendo vista não mais como um adulto em miniatura, mas como um ser biopsico-social e político em constante transformação, bem como fazedora de cultura. Conhecer o quadro cronológico para perceber a sua evolução, inovação e características. Contatar com obras mais lidas no passado e no presente e perceber o que mudou na visão de mundo dos autores, e que o difícil acesso às crianças e jovens se deve aos fatores: erudição, cultura, economia e política. Compreender que o leitor dessa literatura é um ser social criador e receptor de cultura e que passa por fases comportamentais. Perceber o relativo compromisso social e político dessa literatura no sentido de ver a criança branca, negra e índia como cidadãos construtores de cultura e

---

<sup>17</sup> Na instituição privada, a grade é fechada e não há oferta de disciplinas optativas.

constatar a mudança radical imposta por alguns autores como Monteiro Lobato e Lygia Bojunga. Reavaliar o papel da literatura infantil no sentido não de ser usufruída, mas também usada como meio de transformação da história do homem, sem submeter essa literatura a uma política pedagógica que a empobreça, como pretexto para outras atividades.

A disciplina “Texto: leitura e produção” é obrigatória e prevê uma reflexão sobre as práticas de leitura, apesar de o foco maior estar na produção de texto. Como nas disciplinas encontradas na universidade privada, os objetivos da disciplina buscam capacitar o aluno como leitor, não demonstrando a preocupação de prepará-lo para o trabalho com a leitura e a formação de leitores.

A disciplina “Metodologia e Prática de Ensino da Língua Portuguesa”, que é obrigatória, traz em sua ementa a elaboração de atividades de condução de aprendizagem da leitura e elaboração de atividades de avaliação em leitura.

A disciplina “Literatura Infanto-Juvenil” é optativa e, além de abordar o panorama da produção literária infanto-juvenil e autores de livros representativos do gênero, ainda reflete sobre o perfil do leitor da literatura infanto-juvenil, evidencia-se essa alusão ao tema, no seguinte objetivo da disciplina: “compreender que o leitor dessa literatura é um ser social criador e receptor da cultura e que passa por fases comportamentais.” Isso

Em ambos os planos<sup>18</sup>, não há uma ênfase, um tratamento mais explícito e intenso da reflexão sobre a leitura, sua história, suas variações, os discursos que sobre ela circulam, nenhuma citação explícita quanto à formação do formador de leitores que considere as especificidades do jovens e adultos.

---

<sup>18</sup> O fato de reflexões sobre a leitura e suas práticas não se encontrarem no ementário não determina que elas não ocorram efetivamente, pois os documentos não refletem exatamente o que ocorre nas disciplinas.

## **CAPÍTULO III**

### **ALUNOS DE LETRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA**

A compreensão do que se está lendo, estudando, não estala assim, de repente, como se fosse um milagre. A compreensão é trabalhada, é forjada, por quem lê, por quem estuda que, sendo sujeito dela, se deve instrumentar para melhor fazê-la. Por isso mesmo, ler, estudar, é um trabalho paciente, desafiador, persistente. (Paulo Freire, 1997)

Os dados desta pesquisa foram colhidos por meio de respostas objetivas, pelas quais chegamos aos números que são apresentados e que ajudam a traçar o perfil dos estudantes, de suas práticas como leitores e das representações que carregam a respeito da leitura. Além dessas questões, os participantes também responderam a questões abertas,<sup>19</sup> de forma dissertativa, permitindo, por meio dessa materialização, a análise discursiva de seus dizeres, principalmente pela formulação de seus enunciados, pelas paráfrases percebida entre os modos de se enunciar, que evidenciam a filiação a determinadas formações discursivas a respeito da leitura. Para a análise dessas respostas, foram criados eixos temáticos que facilitam o agrupamento dos dados obtidos e a compreensão dos leitores deste trabalho. Os eixos temáticos apresentam da seguinte forma:

- Leituras e prestígio
- Leitura e prazer
- Leitura e frequência, quantidade e variedade
- Leitura e utilidade
- Leitura e acesso virtual
- Leitura e escola

#### **3.1 LEITURA E PRESTÍGIO**

Quando se pergunta “Você é um bom leitor?”, a pessoa questionada deveria devolver a indagação com outra pergunta: “Bom leitor de quê?”, pois ser um bom leitor de um gênero não garante a competência na leitura de outro. Britto afirma que “Ser leitor parece significar algo diferente de simplesmente saber ler e ler para dar conta de coisas práticas da vida diária

---

<sup>19</sup> As respostas dadas nas questões abertas encontram-se transcritas na íntegra no Anexo B deste trabalho.

(placas, cartazes, instruções, contos, folhetos, informativos, etc.): significa ler livros!” (BRITTO, 2016, p. 70)

Algumas respostas dadas a esta pesquisa, à pergunta que questionava se o respondente é um bom leitor, deixam clara a ideia de que os entrevistados remetem o bom leitor ao leitor de literatura. O uso de palavras como “histórias” (usada no sentido de enredo, narrativa) e “personagens” comprova isso, além das respostas mais diretas que citam as palavras “literatura” e “literário.”: “As histórias me agradam” (MA1), “...eu sempre procuro me colocar no lugar do personagem.” (MA1), “...gosto de conhecer novos autores e histórias.” (MA1), “...estou sempre em busca de novas fontes literárias, enquanto fico em contato com os grandes clássicos da literatura nacional e internacional.” (MA2), “...gosto de procurar informações sobre o que li ou somente refletir sobre o enredo, os personagens, a crítica apresentada...” (UF2). Na resposta de um estudante que se considera um leitor intermediário, encontramos a mesma representação: “Sou intermediário, leio muito, porém gostaria de ter lido mais cânones e também autores contemporâneos.” (MA2)

Esses enunciados demonstram uma referência constante à leitura de narrativas ficcionais, em geral, especificando se tratar de literatura, o que deve ser entendido como aqueles textos já consagrados, cujas referências são um consenso sociocultural. Eles também indicam que a leitura dos demais textos ou objetos não necessariamente qualificam seus leitores como bons leitores. Trata-se do que Abreu (2001) aponta como uma visão elitista que desconsidera leituras comuns, desprezando-as, quando se é levado a falar de leitura. Esse desprezo às formas consideradas “não livros” está na base desses discursos: os estudantes consideram um bom leitor apenas aquele que lê livros, quase sempre em prosa, principalmente, os clássicos e de autores consagrados. Segundo a autora, a leitura de maior prestígio social, na atualidade, costuma ser a de literatura, principalmente a de prosa de ficção, do que decorre a ideia de que os jovens devem ler os clássicos universais e nacionais. É interessante observar que, nas respostas à questão sobre o que os participantes leem com mais frequência, os romances aparecem em primeiro lugar em MA1 e UF2, sendo que nessa turma, os romances dividem a primeira colocação com os livros da universidade. Nas turmas MA2 e UF1, o primeiro lugar do que eles leem com frequência ficou para os textos da internet.

Duas considerações podem aqui ajudar a interpretar esses dados: 1- Os textos que eles declaram ler pela internet podem contemplar esse rol de narrativas ficcionais em prosa e de prestígio, o que contribuiria para ser reforçar a relação de identidade entre o que dizem e o

que fazem quanto prática de leitura. 2-Podemos estar diante exatamente dessa diferença que existe entre o que se diz e se crê e aquilo que se faz efetivamente. Uma certa incompatibilidade entre esses dados das respostas pode indiciar exatamente a força do consenso sobre a leitura que fornece o dizer aceitável sobre essa prática, o dizer institucionalmente validado e reproduzido, mesmo que ele não corresponda aos hábitos, gostos e comportamentos daqueles que os enunciam.

Em UF2, um participante que não se considera um bom leitor, justificou sua resposta da seguinte maneira: “eu não leio **nada** a não ser HQs e textos aleatórios na internet”. Em relação a essa declaração e considerando a força dos discursos autorizados sobre a leitura, fica claro que o entrevistado está se referindo à leitura, não de modo geral, mas segundo o modo mais validado de abordá-la, que diz respeito a esses textos de prestígio, mas também ao fato de que se deve ler por prazer e espontaneamente esses textos. É óbvio que, como estudante universitário de Letras, esse entrevistado se autoavaliou sem considerar o que lê diariamente na e para a universidade, porque entende que um bom leitor tem como característica ler certos textos, apenas estes, e de modo constante e espontâneo.

Se ele lê HQs e textos na internet, não deveria afirmar que não lê “nada”. Como afirma Orlandi (2001), a instância da formulação é fundamental para que se observem os discursos, a presença do simbólico e das ideologias às quais os sujeitos se filiam. Ao formular sua resposta com “eu não leio nada”, ele não reconhece as próprias práticas como legítimas e se associa aos posicionamentos a respeito das leituras validadas e que podem ser contadas ao se avaliar um indivíduo como leitor, em detrimento da falta de legitimidade de outros textos.

A seguir algumas respostas que justificavam o fato de os entrevistados se considerarem bons leitores, com grifos nas informações mais relevantes e que indiciam as representações que eles trazem de “bom leitor”. Os participantes tinham que justificar suas respostas, explicando por que se consideram ou não bons leitores e ainda, em uma das questões, deixar claro o que é ser um bom leitor. Entre os participantes que se julgam bons leitores, listamos as justificativas que explicam essa representação de si como bons leitores.

**MA1:**

- 1- Sim, **gosto** de **vários estilos de leitura**
- 2- Sim, **gosto** muito de ler e tenho facilidade em **interpretar** textos
- 3- Sim, porque **adoro** ler
- 4- Sim, tenho uma mente aberta para receber **todo tipo de leitura**

- 5- Sim, porque leio com **atenção e interesse** e as histórias me agradam
- 6- Sim, porque eu sempre procuro me colocar no lugar do **personagem**
- 7- Sim, pois sinto que **entendo** o que leio e quando não entendo, **pesquiso** mais sobre outras leituras e porque **gosto** da atividade
- 8- Sim, pois sempre procuro a **moral** nos livros e tento usá-los na vida. Leio **sempre** que posso
- 9- Sim, sou eclética, **gosto** de conhecer novos autores e **histórias**
- 10- Sim, sempre que posso, busco ler **opções variáveis** de livros e busco **entender** o que o livro quer ensinar
- 11- Sim, pois dou a devida **atenção** para cada leitura, tentando aproveitar o máximo de **aprendizagem** que ela tenha para me oferecer
- 12- Sim, porque eu leio **tudo o que é necessário**
- 13- Sim, tenho muita **imaginação**
- 14- Sim, pois, para mim, é um **prazer**
- 15- Sim, porque eu **gosto** de ler e me interesso por tudo que me **agregue**

MA2:

- 1- Sim, porque estou **sempre em busca** de **novas fontes literárias**, enquanto fico em contato com **os grandes clássicos da literatura** nacional e internacional
- 2- Sim, pois com a leitura consigo **ampliar meus pensamentos** e entregar-me a **novas experiências**
- 3- Sim, pois eu sei a diferença de ler **por prazer** e literatura
- 4- Acredito seguir os parâmetros mencionados anteriormente, portanto, sim eu me considero um bom leitor (a leitura **aguça o senso crítico**, melhora a escrita, a interpretação pessoal dos assuntos, acalenta o coração em tempos difíceis)
- 5- Sim, porque dentro do meu trabalho, da minha vida pessoal, busco o **aprendizado** através da leitura, com **prazer**, buscando o **imaginário**
- 6- Acredito que sim, porque **gosto** de ler, interpretar, **discutir e refletir** sobre o assunto/ temática lida
- 7- Sim, pois, na maioria das vezes, **compreendo** as leituras que faço, fazendo com que aumente minha vontade de ler novamente
- 8- Sim, porque consigo respeitar o que o outro gosta ou não e procuro **aproveitar** o máximo do que eu leio

- 9- Sim, pois sempre procuro coisas **novas e interessantes** que possam somar ao meu **conhecimento**
- 10- Sim, desde criança tenho contato com o **maravilhoso mundo das palavras**.  
Dos contos de fada aos livros didáticos e científicos, sempre busco ler até o fim, se possível, em curto espaço de tempo, para entender as razões de gostar/ odiar o livro
- 11- Sim, consigo **associar** a leitura ao contexto em que vivo

**UF1:**

- 1- Sim, eu me considero um leitor melhor do que eu era antes de ingressar na universidade. Todo **conhecimento** que estou adquirindo faz com que desenvolva a minha capacidade de **discernimento** e aguçe minha **críticidade**
- 2- Sim, pois leio **diversos tipos de texto**, alguns por **prazer** e outros mais ligados à vida acadêmica e respeito outras formas de leitura com as quais não tenho tanta afeição
- 3- Sim, pois eu procuro ler aquilo que irá me **ajudar a me desenvolver** como pessoa tanto criativa como criticamente
- 4- Eu sou uma leitora excêntrica, leio por **prazer** e por **amor**. Ler me possibilita **conhecer** o que antes me era invisível. Leio em qualquer lugar, no ônibus, na calçada, em locais com barulho ou silenciosos, porque, por mais caótico que tudo esteja, ao abrir o livro, o mundo se cala.
- 5- Sim, eu cumpro minha função de leitor: eu leio
- 6- Sim, estou sempre tentando ler o **máximo** que posso e **entender** aquilo que leio, também sempre busco mudar minha forma de agir ou pensar de acordo com a minha opinião sobre aquilo que leio
- 7- Sim, pois me sinto **satisfeita e estimulada** por minhas escolhas
- 8- Sim, porque tento condizer com razões novas assuntos tratados no texto de maneira suficiente aos seus argumentos
- 9- Sim, pois leio **sempre** e procuro sempre ler, mesmo aqueles livros que não me agradam e ver o que eles têm a mostrar
- 10- Sim, porque busco ler o que mais me **enriquece de conteúdo**
- 11- Sim, pois procuro sempre ler de forma crítica, agregando novos **conhecimentos** à minha vida

- 12- Sim. Por ter **prazer** na leitura, por não ver os livros somente como obrigação
- 13- Sim, pois leio com consciência e sou capaz de **falar a respeito do que eu li**
- 14- Sim, pois me disponho a não somente ler e sim **compreender** de forma efetiva a leitura, de conhecer e pesquisar tal leitura
- 15- Sim, sei **fazer uso do que leio**
- 16- Sim, porque obtenho êxito quanto à **interpretação**, entendimento e percepção do diálogo entre uma obra e outra
- 17- Sim, pois eu leio, porque **gosto**
- 18- Sim, pois procuro entender, compreender e questionar uma leitura e também por **ler vários tipos de textos/livros**

#### UF2:<sup>20</sup>

- 1- Sim, porque gosto de ler, me envolvo com a leitura e **tiro o máximo possível** do material que tenho em mãos.
- 2- Acredito que sim, pois sou capaz de praticar o que descrevi na resposta acima.  
\*Um bom leitor compreende e absorve o que foi lido, é capaz de transformar aquele código em conhecimento e repassá-lo a outrem.
- 3- Sim, tento refletir sobre o que expliquei na questão anterior. \*Um bom leitor é aquele que: em primeiro lugar um bom leitor é aquele que se interessa pela leitura, você tem que ter uma boa relação afetiva com a leitura para pode se usufruir dela. Acessar o livro e aprender a usufruir dele é um aprendizado (também se pode aprender a gostar de ler), mas quanto mais desse conhecimento você tiver, melhor leitor você será. Quando você aprende a usufruir de sua leitura você se utiliza do que aprendeu em diversos aspectos de sua vida (pode ser mais prático, tipo ler uma teoria na universidade e saber aplica-la para uma análise, ou a um nível mais abstrato, ler um conto e (re)pensar sobre algo da realidade que o cerca) saber fazer essa tradução também é importante para um bom leitor.
- 4- Me considero uma boa leitora justamente por tentar praticar tudo o que foi escrito na questão anterior, tirando informações do livro das quais antes não

---

<sup>20</sup> Abaixo de algumas das respostas, consta a transcrição de respostas dadas à questão 18, à qual os participantes se referem em suas respostas na questão 19.

dispunha. \*É um bom leitor aquele que reflete acerca do livro e o questiona, como forma de se observar também o que está subjacente ao texto explícito).

5- Sim, pois tenho facilidade e prática de anos de leitura.

6- Sim, pois **leio de tudo e interpreto** bem os textos.

7- Sim. Creio que justamente pelas razões explanadas na questão anterior. Quando realizo a leitura de um livro, não paro após isso. Gosto de conversar com alguém que também tenha feito a mesma leitura e, caso esse alguém não exista, gosto de procurar **informações** sobre o que li ou somente **refletir** sobre o enredo, os personagens, a crítica apresentada (caso haja alguma envolvida, claro). \*Um bom leitor é aquele que consegue enxergar o texto de maneira crítica. Não digo isso pensando somente em análises acadêmicas, mas que consiga conversar, pensar sobre aquilo que foi lido. Acho que isso não se desprende de ler um livro só como forma de diversão. É possível ler algo como forma de entretenimento e também refletir de forma crítica sobre aquilo que foi lido.

De 51 respostas selecionadas, apenas 11 mencionaram “livro” e “literatura”, na sua maioria, de modo indireto e meramente alusivo, e a referência à literatura é feita em apenas dois enunciados (MA2) e em um deles de modo não necessariamente eufórico, pois separa a leitura que se faz por prazer daquela da literatura: “eu sei a diferença de ler por prazer e literatura.” (MA2)

Uma mudança sensível na concepção sobre a leitura que garantia prestígio antes e a que garante hoje. Em suas respostas, os alunos estão mais afetados pelo discurso do prazer na leitura e, de certo modo, pela afirmação do gosto eclético da leitura de vários textos, do que pela afirmação da leitura de textos consagrados. É como se o prestígio da leitura que se autoalimentava do prestígio do que se lia, ambos em função do acesso restrito e de sua raridade. Hoje em dia, com a democratização da técnica, e com a ampliação da oferta do que se lê e de sua variedade, é preciso legitimar o gesto pelo caráter do consumo por prazer ou para obtenção de conhecimento.

### 3.2 LEITURA E PRAZER

Ao responderem à questão “Quais são as motivações que levam você a ler? ”, a maioria dos alunos indicou o **prazer** como o fator preponderante. As porcentagens se apresentam da seguinte forma: MA1 77%, MA2 86%, UF1 90% e UF2 92%. Somente UF2 colocou na primeira posição, junto ao prazer, conhecimento gerais e exigência escolar e acadêmica.

As outras alternativas dividiram as respostas:

POSICÃO	MA1 <sup>21</sup>	MA2	UF1	UF2
1º	Prazer 23	Prazer 18	Prazer 28	Prazer 11 Conhecimentos gerais 11 Exigência escolar ou acadêmica 11
2º	Conhecimentos gerais 19	Atualização 15 Conhecimentos gerais 15	Exigência escolar ou acadêmica 24	Atualização 7
3º	Atualização 8	Exigência escolar ou acadêmica 9	Conhecimentos gerais 22	
4º	Exigência escolar ou acadêmica 6		Atualização 17	

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

De acordo com a pesquisa, 90% dos participantes de MA1, 92%, em MA2, 65%, em UF1 e 75%, em UF2, concordam totalmente com a ideia de que a leitura é uma fonte de prazer e entretenimento. Esses números corroboram o que constatamos no item anterior e indiciam representações compartilhadas por esses estudantes sobre a leitura. Nenhum dos estudantes marcou a alternativa que indicava discordar totalmente dessa ideia. Ao serem indagados sobre o que a leitura significa para eles, MA1 e UF2 indicaram, em primeiro lugar, o “prazer”, colocando esse quesito antes de itens como “fonte de conhecimento”, “fonte de sabedoria” e “desenvolvimento pessoal”. Essas respostas evidenciam a remanência e a cristalização de outros discursos sobre a leitura, independentemente do tipo de universidade, pública ou privada, ou do grau de formação do estudante no curso, iniciantes ou concluintes. Segundo Curcino (2019), esse destaque e frequência na afirmação do prazer na leitura indica não apenas uma relação do sujeito com essa prática, mas também uma injunção geral em

<sup>21</sup> Um participante de MA1, na opção “outros”, acrescentou o item “evolução pessoal”

nossa sociedade: é preciso ter prazer, é preciso que o sujeito da atualidade pense o mundo e suas escolhas balizado por essa injunção. É a crença nessa lógica que produz consumidores, porque uma vez convencidos de que devem agir para obter prazer (e mesmo não obtendo, é preciso ostentar que se obtém) basta produzir publicidades relacionadas à aquisição de objetos destinados ao prazer e à felicidade.

A leitura é uma fonte de prazer, entretenimento e lazer.	CT	CP	DP	DT	NS
MA1	90%	10%	0	0	0
MA2	92%	4%	4%	0	0
UF1	65%	29%	6%	0	0
UF2	75%	25%	0	0	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

- ( 1 ) Concordo totalmente (CT)
- ( 2 ) Concordo em parte (CP)
- ( 3 ) Discordo em parte (DP)
- ( 4 ) Discordo totalmente (DT)
- ( 5 ) Não sei (NS)

A questão de número 20 era motivada e permitia a escolha de mais de uma opção sobre o que a leitura significa para os participantes. Além de assinalar de modo objetivo o que a leitura significa, os participantes também tinham que colocar em uma escala de 1 a 5, sendo 1 a de maior importância e 5, a de menor importância.

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Prazer	Fonte de conhecimento	Fonte de conhecimento	Prazer
2º	Fonte de conhecimento	Fonte de sabedoria	Desenvolvimento cultural	Fonte de conhecimento
3º	Desenvolvimento Cultural	Desenvolvimento cultural	Prazer	Desenvolvimento cultural
4º	Crescimento Profissional	Prazer	Fonte de sabedoria	Fonte de sabedoria
5º	Fonte de sabedoria	Crescimento profissional	Crescimento profissional	Crescimento profissional

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Na questão 20, as opções “atividade que ocupa muito tempo”, “prática obrigatória” e “atividade exaustiva” foram assinaladas poucas vezes, porém não deixaram de ser marcadas. A opção “atividade entediante” não foi assinalada por nenhum grupo.

	MA1	MA2	UF1	UF2
atividade que ocupa muito tempo	0	0	1	0
prática obrigatória	2	3	3	0
atividade exaustiva	0	1	4	1
atividade entediante	0	0	0	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Nenhum dos participantes quis comprometer-se com a atribuição de um valor exclusivamente negativo de sua relação com a leitura, seja porque de fato nenhum a considere entediante, seja porque isso entra na ordem do indizível sobre essa prática. A ordem do discurso produz o consenso quanto ao que se pode e se deve dizer e quanto ao que não se pode e não se deve dizer, em especial, em certos campos do saber, em certas circunstâncias e para certos sujeitos. Estudantes de Letras incorporam a interdição, silenciosa como tal e, por isso, eficaz quanto ao que dizer sobre a leitura, sendo quem são e respondendo a um questionário como este. Não significa dizer com isso que não são sinceros em suas respostas. Significa antes dizer que sua sinceridade, que suas escolhas, que seu posicionamento frente ao tema estão submetidos ao funcionamento dos discursos em disputa em nossa sociedade.

O discurso do prazer é frequente nas respostas analisada, porque responde tanto a um dever dizer sobre essa prática de leitura, graças à sanção positiva de que socialmente dispõe, quanto responde a essa injunção geral da nossa sociedade de consumo. Em vários momentos, os participantes relacionam a ideia de ser um bom leitor ao fato de se gostar de ler. Ao responderem à questão “Você se considera um bom leitor?”, algumas justificativas evidenciam essa relação:

MA1

“**gosto** muito de ler”

“**adoro** ler”

“para mim, é um **prazer**”

“Se **apaixona** pelo livro e procura sempre ler algo novo”

MA2

“ler **por prazer**”

“Sim, pois eu sei a diferença de ler **por prazer** e literatura”

“**maravilhoso mundo das palavras**”

UF1

“pois leio **diversos tipos de texto**, alguns por **prazer** e outros mais ligados à vida acadêmica”

“leio por **prazer** e por **amor**”

“me sinto **satisfeita e estimulada**”

“Por ter **prazer** na leitura, por não ver os livros somente como obrigação”

“Sim, pois eu leio, porque **gosto**”

UF2

“porque **gosto** de ler”

“**boa relação afetiva** com a leitura”

Assim, segundo esse discurso, ser um bom leitor não se relaciona a habilidades e competências de interpretação, mas sim ao prazer e ao gosto de ler, a um modo ou disposição (é preciso gostar) e a uma finalidade (obter prazer), tal como abordam Barzotto e Britto ao listarem os mitos sobre a leitura e ao ludismo como explicam Serra, Britto e Camasmie (2015). Britto assevera que

Fala-se em promover o gosto pela leitura como se o problema fosse não gostar de ler, de não ter interesse. Na verdade, o problema, para a maioria, é não poder ler – seja porque não dispõe de condições objetivas (tempo, lugar, material apropriado) seja porque não dispõe de condições subjetivas (conhecimento, competência, formação). (BRITTO, 2016, p. 36)

Segundo o autor, “em vez de seguir dizendo que ler é divertido ou que ler é uma viagem, tratemos de ampliar as possibilidades de experiências estéticas das pessoas, reconhecendo que isso exige esforço e dedicação, reconhecer o valor do estudo e da formação, difundir as artes e a ciência” (BRITTO, 2016, p. 36). De acordo com o pesquisador, ler não se aprende de forma automática, pelo simples contágio. São necessárias atividades pedagógicas, ações e programas que propiciem vários momentos de leitura, e, entre eles, a experiência do “ler por ler”, do ler por prazer, do prazer de ler com o que aprendeu.

A resposta de um aluno de UF2 à pergunta que questionava o que é ser um bom leitor “Acessar o livro e aprender a usufruir dele é um aprendizado (também se pode aprender a gostar de ler), mas quanto mais desse conhecimento você tiver, melhor leitor você será.” inscreve-se na ideia de que ler pode contribuir para se obter conhecimento, e, de forma circular, é necessário saber ler para que se tenha conhecimento, ou seja, não se tratando apenas de uma questão de gosto ou prazer, como evidenciam alguns discursos que culpabilizam as leituras escolares, dando a elas adjetivos como “maçantes”, pela incapacidade de interesse pela leitura. Trata-se de um engodo, segundo Britto (2016, p. 42), porque as leituras que buscam apenas entretenimento, que não se articulam “a ações culturais, artísticas e intelectuais” e “pouco contribuem para a formação do leitor”. A solução não está, de acordo com o autor, numa pedagogia que se centre exclusivamente na obtenção do prazer dos alunos e que, por isso, se restrinja ao gosto deles, ao gosto que já adquiriram fora da escola. Curcino aponta que é necessário garantir os meios e as condições para que a leitura se desenvolva, ou seja “1) um aprendizado decente das técnicas, 2) acesso a materiais relevantes (livros, revistas, telas etc.), em abundância, variedade e qualidade, 3) contato precoce e perene com esses materiais, 4) tempo livre para exercer a prática” (CURCINO, 2019).

Um outro discurso que vincula prazer e leitura é o da leitura como viagem. Seleccionamos trechos de respostas dos quatro grupos que evidenciam essa imagem:

MA1

“Ela pode te **transportar** para diferentes momentos da história, conhecer a si e o mundo”

“[...] é uma forma de **fugir** da realidade”

“É importante porque faz a nossa mente ir até **lugares desconhecidos**”

“A possibilidade de **viajar** para outros mundos estando parado em um lugar”

“Porque amplia o conhecimento e nos leva a **lugares desconhecidos**”

“Abre a mente e nos leva a **diversos lugares**”

“A leitura primeiramente nos proporciona entender, explorar **outros lugares**”

MA2

“[...] além de abrir **portas para imaginação**”

“[...] possibilita a imersão do leitor **dentro de um novo mundo** [...]”

UF1

“Introduz pessoas em diferentes formas de cultura, faz adquirir informações, conhecer **lugares** que ela pode nunca ter estado, aumenta seus conhecimentos e sua imaginação”

“**Abrir os horizontes** para novas histórias, para a imaginação...”

“[...] sentimento de pertencer a **um ou vários lugares**”

UF2

“Para mim, a leitura é importante, pois, para além de nos proporcionar mais conhecimentos e ‘**viajar**’ para outros **lugares**”

“pode ser um tanto clichê, mas um livro é como uma **janela**, e através dele podemos **acessar uma realidade** que não a nossa (tanto em narrativas literárias quanto em livros teóricos) e esse contato com um **mundo exterior** ao nosso nos ajuda a compreender ao nosso mundo e a nós mesmos”

“a leitura possibilita que tenhamos acesso a conteúdos e realidades que muitas vezes não estão ao nosso alcance. Possibilita-nos conhecer essas **diferentes realidades** e estar em contato com diversas visões de mundo”

Essa representação da leitura como viagem, relativamente frequente, atribui-se à articulação entre duas atividades de lazer, de prazer. A leitura é representada como viagem, porque viajar é também algo relacionado a relaxamento, diversão e não somente, porque suas narrativas reconstróem outros espaços e lugares. Mais uma vez aqui se pode observar a relação direta, automatizada, entre leitura e narrativas de ficção para entretenimento. Não se fala em viagem, quando o objeto de leitura refere-se a conteúdos mais técnicos ou do cotidiano.

Segundo Barzotto e Britto (1998), a ideia de que ler é viajar é muito presente nas campanhas de incentivo à leitura e no discurso pedagógico. A presença da representação do livro como o instrumento que permite ir a outros lugares sem se deslocar deve-se a esse eco dessas campanhas e se indicia nas respostas dadas por participantes dos quatro grupos. Quando se formula o enunciado usando palavras como “viajar”, “janela”, “transportar”, “lugares desconhecidos”, “porta para a imaginação”, “janela”, “mundo exterior”, o que se indicia é a presença dessa cristalização do discurso propagado socialmente e que repercute nas respostas dos estudantes. Abreu adverte que “Um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela ‘viagem’ proporcionada pelos livros, pelo conhecimento de si e do mundo proporcionado pela alta literatura” (ABREU, 2001, p. 156-157), frisando que as desigualdades sociais não permitem igual acesso à leitura.

Ligados à articulação da leitura com prazer e satisfação, também se encontram enunciados que remetem a leitura à autoajuda, como uma fonte de alívio e refrigério para as dificuldades do dia a dia. Palavras como “alivia” (MA1), “tranquiliza” e “acalenta” indiciam essas representações:

MA1

“Porque **alivia** os **transtornos diários**, ajuda na educação e conhecimento das palavras e **tranquiliza**”

“Te faz **menos sozinho** e ensimesmado de uma maneira única”

MA2

“**acalenta** o coração em tempos difíceis”

UF2

“E também é bom quando você lê alguma coisa com a qual você se identifica, dá uma **sensação de que você não está sozinho no mundo** [...]”

Britto adverte que “talvez o problema esteja exatamente em insistir que a leitura é gostosa, divertida e, implicitamente, fácil, quando ler [...] é difícil e exigente” (BRITTO, 2016, p. 36). Segundo o autor, o discurso da leitura fácil e prazerosa não contribui para a formação de leitores, nem para o aumento e a propagação do direito à leitura a todos os grupos sociais. Para o autor

A atividade da leitura (escrita) exige rigor e perseverança, sendo muitas vezes penosa e distinta de atividades lúdicas ou de processamento automático. Prazer não é o mesmo que lazer é fruto de trabalho. O estudante deve aprender a encontrar satisfação no exercício intelectual e na ação disciplinada. (BRITTO, 2012, p. 95)

De acordo com o pesquisador, a ideia da leitura como entretenimento, amplamente difundida pelas campanhas de incentivo à leitura, “não difere de outras formas de consumo de cultura de massa (programas de televisão; cinema de entretenimento) e, justamente por isso, deixa de contribuir para a experiência formativa.” (Britto, 2012, p. 44). Ler não é só prazer, pois essa atividade exige esforço e dedicação. O autor não rejeita a possibilidade do prazer na leitura, mas o que preocupa é o fato de nossa sociedade incentivar a busca do prazer o tempo todo, como se não houvesse necessidade de esforço e empenho para se tornar um leitor.

Não há dúvida de que certos procedimentos de leitura podem ser aprendidos e o hábito de ler contribuir para que a pessoa haja de forma dinâmica e desenvolva; no entanto, se não tiver formação razoável e entusiasmo para tanto, de pouco lhe valerá qualquer estímulo à leitura ou instrução de como ler. Por isso, faz-se necessário fazer a crítica à máxima tão difundida de que a leitura conduz ao conhecimento e assumir que se trata exatamente do contrário: é o conhecimento que promove a leitura. Do mesmo modo, não há como sustentar a ideia de que o hábito resulta do gosto, posto que o gosto é expressão das formas de ser e do próprio nível de consciência e de conhecimento da pessoa (BRITTO, 2012, p. 44).

O discurso cristalizado, que vincula leitura e prazer, acaba levando quem não sente o tal “prazer” a se sentir como o errado. Entre os alunos que afirmaram não gostar de ler, encontram-se as seguintes justificativas: “pois não tenho tempo para ler um livro com calma e **saboreá-lo** como deve ser feito” (MA1); “não cultivo o hábito de ler, porém gosto de ler um livro inteiro **apreciar**, entender.” (MA1), “nunca tive muito interesse ou **gosto pela leitura**” (MA2), “leio livros que preciso e não necessariamente **por prazer**” (MA2). Nas paráfrases entre os termos “**saborear**”, “**apreciar**” “**gosto**” e “**prazer**” se evidencia a presença dos discursos da injunção ao prazer que reverberam mesmo sobre aqueles que afirmam não serem bons leitores, e atribuem a isso sua condição de leitor mediano, a razão desse desajuste, o de ler e não necessariamente gostar de fazê-lo. Entre as respostas, uma se destacou, quando em MA2, o participante afirmou “**prefiro me divertir** do que ler algum livro”, pois existe uma ruptura nesse enunciado, em que ele, de modo particularizado confronta diversão e leitura, antepondo os dois conceitos como antagônicos, de modo que ele se associa a uma outra formação discursiva, na qual não se encaixa a ideia de leitura como algo divertido e prazeroso. Como exceção, ele confirma a regra.

### 3.3 LEITURA E QUANTIDADE, FREQUÊNCIA E VARIEDADE

Como vimos anteriormente, a maior parte dos participantes, nas quatro turmas investigadas, afirmou ser a leitura ou a literatura a motivação que os levou a escolher cursar Letras. Além da coerção social para se afirmar leitor, o psicanalista e professor de literatura francês, Pierre Bayard (2007), ainda frisa a necessidade de se ler muito, e com frequência. Não basta apenas afirmar-se leitor, é necessário ostentar leituras feitas e sua adequação a diferentes contextos. Nesse modo de se representar o leitor, as características do bom leitor não se restringem à qualidade da leitura e da interpretação do que se lê, mas sim euforizam a quantidade e a variedade das leituras que o indivíduo é capaz de efetuar.

Nas respostas à questão que indagava se os participantes eram bons leitores, foram encontradas paráfrases que enfatizam a importância da variedade do que se lê como:

#### MA1

“gosto de **vários estilos de leitura**”

“gosto de **conhecer novos autores e histórias**”

“**tenho uma mente aberta para receber todo tipo de leitura**”

“**outras leituras**”

“busco ler **opções variáveis** de livros”

#### MA2

“estou **sempre em busca** de **novas fontes literárias**”

“sempre procuro coisas **novas e interessantes**”

“**contos de fada aos livros didáticos e científicos**, sempre busco ler até o fim,”

#### UF1

“leio **diversos tipos de texto**”

“estou sempre tentando ler o **máximo** que posso”

“pois leio **sempre** e procuro sempre ler, mesmo aqueles livros que não me agradam”

“por ler **vários tipos de textos/livros**”

#### UF2

Nenhum participante deste grupo citou a variedade de textos como justificativa para se

dizerem bons leitores.

Embora possamos identificar as referências à literatura e mesmo uma certa relação direta que se estabelece entre leitura e literatura, seja clássica ou de entretenimento, é sensível o número de alusões nas respostas dos alunos à importância de se ler textos variados, de diferentes origens, inclusive aqueles de que não se gosta e mesmo aqueles que são reprovados, mas que são lidos, tolerados ou aceitos na leitura dos outros. Esses enunciados que afirmam positivamente a variedade da leitura como uma qualidade do bom leitor são mais recentes historicamente, em especial, em âmbito escolar. Uma das fontes possíveis de legitimação desse discurso, segundo Curcino (2014), é o impacto produzido pela difusão da teoria dos gêneros tal como foi apropriada pela escola. Diante da afirmação da importância em reconhecer a especificidade, legitimidade e importância de se ensinar e aprender a interpretar e produzir textos diversos, emerge esse discurso que, pouco a pouco, em relação à leitura, ganha terreno no universo escolar e se torna um dos responsáveis pela perda de espaço nas aulas dos textos literários que até então predominavam.

A frequência também é um critério, segundo o consenso sobre a leitura, para a boa avaliação de um leitor. Podemos observar isso na formulação das respostas que fazem uso da palavra “sempre”:

**MA1**

“estou **sempre** em busca”

“pois **sempre** procuro coisas novas e interessantes”

**MA2**

“pois leio **sempre**”

**UF1**

“estou **sempre** tentando ler o máximo”

“pois leio **sempre**”

**UF2**

Nenhum participante deste grupo fez uso da palavra “sempre” em sua justificativa para se considerar ou não bom leitor.

Assumir-se como não leitor é um tabu. Segundo a “ordem do discurso”, descrita por Foucault (1996), há uma coerção nos dizeres, que permitem que algumas coisas sejam ditas e outras não, que algumas pessoas digam algumas coisas e outras não, que, em alguns lugares e tempos algo possa ser enunciado e em outros não. Os lugares de circulação também autorizam e determinam certos dizeres. Com base nisso, observamos nas respostas dos participantes apenas duas ocorrências em que dois alunos de letras se assumiram não leitores. Encontramos, entretanto, determinados enunciados, alguns apontados a seguir, que vão contra o tabu de se assumir não leitor, ainda mais dentro do curso de Letras, que tem como uma espécie de ideal do perfil o “gosto” pela leitura. Os participantes, ao justificarem o fato de não se considerarem bons leitores, elencaram fatos como a falta de tempo, a imaturidade e outras razões, porém demonstram a vontade de serem bons leitores, de lerem mais. A formulação “não muito”, encontrada na resposta de um aluno de MA1, à questão “Você se considera um bom leitor?”, indicia um modo de se assumir como não leitor, deixando uma brecha para a afirmação do contrário. Afirmar que se é bom leitor, mas não “muito” é bem diferente de dizer que não é absolutamente um bom leitor.

Algumas respostas apontam o fato de não ser desejável não ser um bom leitor, ou seja, espera-se ser um bom leitor. Isso pode ser percebido em enunciados como

**MA1**

“ainda não”

“quero ler mais”

“queria ter a oportunidade de ler mais”

“por não ser uma leitora assídua”

**MA2**

“eu deveria ler mais e ser capaz de expor o material lido”

**UF1**

“pois ainda estou formando o meu olhar crítico sobre o texto”

“Não tão bem como gostaria, mas me considero um bom leitor, [...] muito embora não tenha lido tudo o que gostaria de ler”

“tenho deixado a desejar. Porém, posso dizer que um dia (ensino fundamental e médio) fui uma boa leitora. Escolhia bem meus livros e textos e lia constantemente”

## UF2

“Gostaria de poder dispor de mais **tempo** e uma maior **disciplina** para me organizar e garantir algum momento de leitura com mais regularidade.”

Algumas maneiras de enunciar apontam um desejo de mudança e de evolução na prática da leitura, anunciado pelo “ainda”, que indicia um desejo de vir a ser um bom leitor. Tais enunciados confirmam o desejo de se tornar o leitor ideal do imaginário coletivo, aquele que lê muito e sempre, como apontam as justificativas,

Tendo no horizonte essa imagem idealizada, vários leitores se descrevem no futuro do pretérito, com verbos modais, que indicam desejo, projeção, intenção ou injunção, conforme observa Curcino (2018), numa espécie de nostalgia do não vivido: “eu poderia”, “eu deveria”, “eu gostaria” e, ao mesmo tempo, constatam e expressam, ainda que de modo a assumir uma culpa pessoal (tenho deixado a desejar, não tenho tempo, nem disciplina), há a consciência das condições materiais e necessárias para que se possa ser leitor (dispor de tempo, dispor de livros, adquirir um hábito, aprender a se concentrar).

No último enunciado de um entrevistado da UF1, vemos expressa uma constatação bastante interessante: “fui uma boa leitura. Escolhia bem e lia constantemente”. Além da explicitação das características que acredita definir o perfil do bom leitor, a aluna afirma algo que, em geral, não é considerado quando alguém se avalia ou avalia o outro em relação à leitura: a não perenidade, a inconstância da condição leitora. Segundo Curcino (2018), é exatamente em função das condições materiais que se pode, em certas fases da vida, dispor de tempo e recursos, e em outras, não, que se é ou não um bom leitor segundo essas qualidades que lhe caracterizam o perfil e que circulam sob a forma de discursos sobre a leitura.

## MA1

“Não muito, pois às vezes **prefiro me divertir do que ler algum livro**”

“Não muito, pois **não tenho tempo** para ler um livro com calma e **saboreá-lo** como deve ser feito. Tenho **pressa** sempre, até quando me sobra tempo, pois quero utilizá-lo para conseguir fazer várias coisas que geralmente não faço.”

“**Ainda não**, pois não **cultivo o hábito** de ler, porém gosto de ler um livro inteiro apreciar, entender. Quero ler mais para obter conhecimento e produzir textos cada vez melhores.”

“Não, pois creio que ainda me **falta mais dedicação e tempo** para com os livros.”

“Não, porque queria **ter a oportunidade de ler** mais.”

“Não, pois **falta tempo**.”

“Não, por **não ser uma leitora assídua**”

“Não, pois tenho dificuldade em terminar a leitura que começo por **falta de concentração**”

## **MA2**

“Não, **nunca tive muito interesse ou gosto** pela leitura.”

“Não muito. É muito difícil me ver com um livro de histórias, geralmente, leio livros que preciso e **não necessariamente por prazer**, mas não que isso seja um incômodo, acostumei a **ler por necessidade**.”

“Não. Antigamente eu era um bom leitor, pois **lia muitos livros de vários temas**, mas ultimamente **não ando com tempo** para ler.”

“Hoje em dia não, pois, por causa da **correria do dia a dia**, tenho lido poucos livros e somente faço a leitura de temas que me são interessantes (com exceção da obrigatoriedade escolar)”

“Não, **eu deveria ler mais e ser capaz de expor o material lido** com maior facilidade e clareza”

## **UF1:**

“Não, porque eu ainda **leio muito devagar**”

“Não, pois **ainda estou formando o meu olhar crítico** sobre o texto”

“Não, pois, devido **a vida corrida, trabalho com estudos**, tenho deixado a desejar. Porém, posso dizer que um dia (ensino fundamental e médio) fui uma boa leitora. **Escolhia bem meus livros e textos e lia constantemente**”

“**Não, porque leio bastante devido ao curso que faço**, embora goste de alguns desses livros relacionados ao curso, em meus momentos de lazer, leio mais por entretenimento e geralmente romances”

“**Não tão bem como gostaria**, mas me considero um bom leitor, pois consigo relacionar e compreender os textos de um modo geral, muito embora **não tenha lido tudo o que gostaria de ler**”

“Não, ainda tenho muito o que melhorar, **preciso ler mais livros** de temas que não

são meus preferidos”

**UF2:**

“Não, não me considero um bom leitor. Gostaria de poder **dispor de mais tempo e uma maior disciplina** para me organizar e garantir algum momento de leitura com mais regularidade.”

“Não, porque já faz **mais de um ano que eu não leio nada** a não ser HQs e textos aleatórios na internet.”

Entre os que não se consideram bons leitores, aparece com recorrência em MA1, MA2, UF1 e UF2 a palavra “tempo”. A falta de tempo é a principal explicação para a não-leitura ou para a leitura sem qualidade, de acordo com as respostas. Palavras como “calma”, “apreciar” e “dedicação”, esclarecem por que, na visão dos sujeitos a leitura se relaciona ao tempo e o tempo escasso ou corrido impede-os de serem bons leitores. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>22</sup>, feita pelo Instituto Pró-livro, em sua edição de 2016, apontou que, entre os considerados leitores pela pesquisa, 77% gostariam de ter lido mais. Entre as razões que dificultaram a leitura, impedindo os entrevistados de lerem mais, figura em primeiro lugar a falta de tempo com 43% das respostas. Entre os não-leitores, 32% alegou falta de tempo como razão por não terem lido nenhum livro nos últimos três meses. Essa alegação é muito frequente em pesquisa sobre a leitura, e não se apresenta como novidade nos dados que obtivemos. Assim como na alegação da falta de tempo, a admissão de não gostar de ler é enunciada de modo resignado, embora seja mais aceitável, menos condenável, segundo a lógica do que é enunciável sobre a leitura. Essa dimensão, conforme Bourdieu, (apud Curcino, 2019), é uma das formas mais perversas de incorporação do discurso dominante, já que o sujeito se assume e se crê responsável por aquilo que, na verdade, a sociedade e suas hierarquias já lhe haviam imposto. Não se nasce gostando de ler. Isso se aprende. Alguns, no entanto, não têm essa oportunidade (Cf Curcino, 2019)

Sobre o tema, Baade e Silva, em um artigo sobre a não leitura, comentam:

---

<sup>22</sup> A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, promovida pelo Instituto Pró-Livro, tem como objetivo investigar os hábitos de leitura do brasileiro, com o intuito de buscar ações efetivas de fomento ao consumo de livros. A sua primeira edição ocorreu em 2000, a segunda em 2007, a terceira em 2011 e a mais recente em 2015. Essa última edição buscou “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira.” É interessante observar que o conceito de “livro” para a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” contempla livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e áudio livros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo desse conceito, entretanto, manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais.

No mais das vezes, a alegação da falta de tempo aparece associada à necessidade de trabalhar. De fato, no Brasil, independentemente de região, um número muito expressivo de estudantes de graduação, principalmente os originários das classes mais humildes, precisa trabalhar - full time ou part time - para poder arcar com os custos de seus estudos.... Assim, após uma jornada de trabalho de oito horas diárias mais a subsequente frequência às aulas (três a quatro horas, conforme o turno), não surpreende a falta de disposição e energia desses estudantes no sentido de realizarem as leituras indicadas. Semestre após semestre, a não-leitura infelizmente constitui uma parte da formação das novas levas de profissionais nas mais variadas áreas. (BAADE e SILVA, 2016, p. 126)

Quando se atribui à falta de tempo o fato de não se poder ser um bom leitor, Conforme Curcino (2019), em geral, isso não vem acompanhado de uma crítica às condições desiguais ou de uma atribuição de responsabilidade a terceiros. A falta de tempo, infelizmente, assumida como uma condição natural da vida e manifesta sob o signo da resignação. Tal como há a reprodução social da resignação, há a condenação veemente de qualquer forma de resiliência. Segundo Britto, “para que as pessoas leiam mais é preciso que tenham mais tempo, e, quanto a isso, pouco se pode fazer nos marcos atuais – ter mais tempo para si é um desejo da pessoa nos tempos de hoje e isso supõe uma luta política radical.” (BRITTO, 2016, p. 35)

A segunda alegação mais numerosa é o fato de não gostarem de ler com 28% das respostas. Outra justificativa apresentada por aqueles que não se consideram bons leitores é a dificuldade de concentração, por entenderem que o bom leitor como aquele capaz de se concentrar e ler com atenção e interesse. Conforme Bourdieu (Apud Curcino, 2018), a concentração, assim como o gosto, não é uma capacidade biológica e individual essencialmente. É também um resultado do modo como somos socializados

A questão de número 22 perguntava qual é, para as pessoas, em geral, o principal obstáculo para a leitura. Os dados assim se apresentam:

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Não ter paciência para ler 19	Desinteresse 15	Falta de tempo 21	Não ter paciência para ler 9
2º	Não conseguir se concentrar 16	Não ter paciência para ler 13	Não conseguir se concentrar 16	Falta de tempo 8
3º	Desinteresse 15	Não conseguir se concentrar 12	Não ter paciência para ler 10	Preferir outras atividades 7
4º	Não compreender o	Não compreender o que lê 11	Não compreender o	Não conseguir se concentrar 6

	que lê 14	Falta de tempo 11 Preferir outras atividades 11	que lê 8 Não ter dinheiro para comprar livros 8	Desinteresse 6
5°	Preferir outras atividades 13	Ler muito devagar 2 Não ter dinheiro para comprar livro 2	Desinteresse 7	Não ter dinheiro para comprar livros 5
6°	Falta de tempo 11	Falta de bibliotecas 1	Preferir outras atividades 6	Não compreender o que lê 3
7°	Ler muito devagar 5		Ler muito devagar 3	Ler muito devagar 1
8°	Não ter dinheiro para comprar livros 2		Falta de bibliotecas 1	
9°	Falta de bibliotecas 1			

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Assim como “não gostar” e “não se concentrar”, a admissão de “não ter paciência”, “ter desinteresse”, apresentadas como as principais respostas a essa pergunta, são formas (ainda que tenham sido sugeridas pelo próprio questionário) de se expressar em relação à avaliação de si como leitor, que comumente são enunciadas.

A falta de biblioteca e os problemas econômicos não são apontados como os principais obstáculos que dificultam a leitura para a maioria das pessoas. A falta de biblioteca figura em último lugar com apenas a resposta de um participante em MA1, MA2 e UF1, sendo que nem aparece entre as razões apontadas por UF2. A falta de dinheiro vem em 8° lugar para MA1, com apenas duas respostas, em 5° lugar em MA2 e UF2 e, em 4° lugar, em UF1. Fatores mais subjetivos são citados nas primeiras posições: desinteresse, falta de paciência, dificuldade de concentração e o tempo. Essas constatações confirmam o modo como funciona a ideologia, por meio de discursos de modo a garantir, nos termos de Bourdieu, (Apud Curcino, 2018) a reprodução.

### 3.4 LEITURA E UTILITARISMO

Nas respostas a essas e a outras questões que formulamos, podemos notar também uma tendência de representações da leitura, de viés utilitário. Como descrevem Serra, Britto e Camasmie (2015), essa visão acerca da leitura relaciona o ato de ler à melhora da escrita, ao enriquecimento do vocabulário, à evolução da competência comunicativa. Trata-se de conceber a leitura de uma maneira pragmática, que pode ser aplicada em atividades e com finalidades específicas na vida social do indivíduo, além de atuar como uma justificativa escolar frequente para responsabilizar prioritariamente os alunos quanto a seu desempenho. Aliada à ideia de que ler e ler bem é uma decisão da ordem subjetiva e que depende exclusivamente do sujeito, que gosta ou não gosta, que tem ou não tem o hábito, é bastante frequente a vinculação de que só escreve bem quem lê muito. Não se pode negar que essa seja uma consequência, um resultado possível, mas que não necessariamente ocorrerá. Para se escrever bem é preciso, sobretudo, escrever, ser corrigido, reescrever.

O sintagma “ler por ler”, encontrado em vários momentos em que se fala sobre a leitura e presente na resposta de um participante de UF1 em que ele relaciona o bom leitor como aquele que “busca escolher uma boa leitura, visando algo para si, que **não lê por ler apenas**” antepõe-se aos discursos nos quais a leitura se relaciona ao utilitarismo. Palavras como “aproveitar” (MA1), “agregar” (MA1), “tirar o máximo possível” (UF2), “usufruir” (UF2) e “dissecar” (UF2) evidenciam a relação entre ler para adquirir algo. Quando alguém produz esse sintagma, está tentando quebrar a representação sobre a leitura, que aponta para o fato de que não se lê apenas por ler, mas para conseguir algo. Lê-se para adquirir conhecimento, para melhorar a escrita, para aumentar o vocabulário, para saber falar a respeito dos assuntos lidos, para tornar-se mais crítico.

“Ler por ler” é o lema da leitura por prazer e o modo como se afirmou uma prática antes considerada menor em espaço escolar, onde a leitura deveria ter um propósito, e em geral, o de garantir ilustração, competência retórica, habilidade de escrita e distinção. (Cf. VARELLA, 2018 e MEDEIROS, 2019). Em certa medida, essa visão mais pragmática e utilitárias da leitura perdeu espaço ao longo do tempo, sendo substituída pela ideia do ler por ler, mas, ainda assim, continua sendo um lugar-comum, em especial, relacionada ao contexto escolar

## MA1

“Porque ajuda a entender melhor os textos, **ajuda** a se comunicar melhor o raciocínio fica mais rápido”

“É importante para estar de acordo com as **normas do português** e para **treinar** sua interpretação

“**Amplia o vocabulário** ajudando a criatividade, é uma forma de fugir da realidade e **ampliar o conhecimento**”

“Porque **ensina** novas coisas, novas palavras, lições para vida”

“Desenvolve uma **boa escrita e vocabulário** e nos ajuda nos identificar com histórias e personagens”

“...  **aumenta** nosso **conhecimento e vocabulário**”

“Na leitura e na escrita. A leitura é a forma mais profunda de se entender algo ou alguém e **aprimorar o vocabulário**”

“...proporciona uma **melhora em nossa escrita**, facilitando o entendimento de textos e na **aquisição de conhecimento**”

## MA2

“Apesar de não ter muita frequência na leitura, considero a leitura é muito importante, pois o leitor **aumenta o seu vocabulário, adquire melhores argumentos, desenvolve melhor a fala**”

“A leitura é importante, porque **aprimoramos o nosso conhecimento**, conseguimos ser **críticos** a determinados assuntos que antes não sabíamos nada sobre ele, **ajuda na escrita** e nos faz ter uma visão mais ampla do mundo que nos cerca”

“**Aguça o senso crítico, melhora a escrita, a interpretação** pessoal de assuntos/fatos em geral...”

“Incentiva a imaginação, **melhora a escrita**, exige paciência e concentração e muda o mundo”

“A leitura é importante, pois **aumenta a bagagem cultural**, desenvolve o lado imaginativo, **amplia o vocabulário** e torna o ser humano um ser pensante e crítico”

## UF1

“Ela é importante uma vez que **estimula o raciocínio**, dá informações, **aumenta a inteligência**, diverte, **exercita a memória**, **fornece argumentos para debates**, **auxilia o hábito da escrita**”

“É um bom hábito, **deixa as pessoas mais atentas**, ajuda a **aperfeiçoar a escrita**, **bem como a fala e até mesmo o comportamento**. A leitura **abre portas para o conhecimento**, a curiosidade, a imaginação, é mesmo um **exercício para o cérebro**”

“Para **agregar novos conhecimento**, se forem livros acadêmicos, ou **auxiliar na escrita e na leitura**, formando uma pessoa mais informada e consciente do mundo em que vive”

“Expande horizontes e traz **riqueza de vocabulário**”

“Faz com que a pessoa conheça novas áreas, **aprenda a usar melhor sua língua tanto na parte oral como na escrita**”

“**Expande** tanto a **capacidade cognitiva** do leitor, **trabalha vocabulário**, criatividade e provém um maior **contato com a norma padrão da língua**”

## UF2

“A leitura é importante para **ampliar nosso conhecimento** acerca de determinado assunto, bem como para nos **tornar mais críticos** diante da realidade que nos envolve e para **desenvolver a competência escrita da língua**.”

“É um jeito de entretenimento, mas também é bom para **aprender a escrever, a se expressar**.”

“Enriquece não só culturalmente, mas também **ajuda a escrever melhor, ampliar o vocabulário, ter mais clareza de pensamento**.”

“Acessar o livro e aprender a **usufruir** dele é um aprendizado”

“sabe **dissecar** o livro”

Dessa imagem vem o discurso de que o bom leitor deve ser crítico, entender o texto, envolver-se com ele e aproveitar, ao máximo, o que o texto tem a oferecer. Britto adverte: “faz-se necessário fazer a crítica à máxima tão difundida de que a leitura conduz ao conhecimento e assumir que se trata exatamente do contrário: é o conhecimento que promove a leitura” (BRITTO, 2012, p. 44).

De acordo com os dados abaixo, apenas 3% de MA1, MA2, 13% de UF1 e nenhum aluno em UF2 discordam totalmente da máxima que afirma que ler pode fazer uma pessoa vencer na vida. Apenas 10% de MA1, 4% de MA2, 6% de UF1 e 9% de UF2 discordam totalmente da ideia de que a leitura torna o indivíduo uma pessoa melhor e mais solidária.

Ler bastante pode fazer uma pessoa vencer na vida e melhorar sua situação socioeconômica	CT	CP	DP	DT	NS
MA1	23%	58%	6%	3%	10%
MA2	32%	65%	0	3%	0
UF1	29%	38%	13%	13%	7%
UF2	9%	66%	17%	0	8%

Fonte: ZACCARO, 2017.

Um indivíduo leitor torna-se uma pessoa melhor e mais solidária	CT	CP	DP	DT	NS
MA1	42%	35%	3%	10%	10%
MA2	28%	37%	24%	4%	7%
UF1	20%	48%	13%	6%	13%
UF2	32%	41%	9%	9%	9%

Fonte: ZACCARO, 2017.

- ( 1 ) Concordo totalmente (CT)
- ( 2 ) Concordo em parte (CP)
- ( 3 ) Discordo em parte (DP)
- ( 4 ) Discordo totalmente (DT)
- ( 5 ) Não sei (NS)

Os trechos abaixo indiciam os discursos sobre a leitura como fonte capaz de tornar o indivíduo melhor

MA1

“pois sempre procuro a **moral** nos livros e tento usá-los na vida”

“aproveitar o máximo de **aprendizagem** que ela tenha para me oferecer”

“me interessa por tudo que me **agregue**”

“facilidade em **interpretar**”, “**entendo o que leio**”, “busco **entender** o que o livro quer ensinar”

MA2

“**ampliar meus pensamentos**”

“leitura **aguça o senso crítico**, melhora a escrita, a interpretação pessoal dos assuntos, busco o **aprendizado** através da leitura”

“somar ao meu **conhecimento**”

UF1

“Todo **conhecimento** que estou adquirindo faz com que desenvolva a minha capacidade de **discernimento** e aguça minha **críticidade**”

“irá me **ajudar a me desenvolver** como pessoa tanto criativa como criticamente”

“me **enriquece de conteúdo**”

“agregando novos **conhecimentos** à minha vida”

UF2

“**tiro o máximo possível** do material que tenho em mãos”

“Oferece ferramentas para um **desenvolvimento humano** do leitor, uma vez que a leitura proporciona experiências e vivências das mais variadas e tem o poder de **conscientizar ou desconstruir visões e discursos preconceituosos.**”

A resposta “Oferece ferramentas para um desenvolvimento humano do leitor, uma vez que a leitura proporciona experiências e vivências das mais variadas e tem o poder de conscientizar ou desconstruir visões e discursos preconceituosos.”, dada por um aluno de UF2. É uma resposta bem interessante e menos refém desses discursos recorrentes sobre a leitura, pois não apresenta uma visão utilitarista ao falar do desenvolvimento humano, e apresenta uma visão interessante do potencial desse desenvolvimento relativo à conscientização ou desconstrução de preconceitos. No entanto, nem todas as respostas que sinalizam para essa visão de que a leitura nos torna melhores, demonstram essa compreensão mais humanística.

### 3.5 LEITURA E ACESSO VIRTUAL

Segundo Roger Chartier as mudanças na leitura trazidas pelas novas tecnologias são “um evento único na história do livro e da leitura”, pois constituem “um corte, uma fratura” (CHARTIER, 1996, p. 106). De acordo com o historiador cultural, trata-se de uma revolução mais importante do que a invenção da prensa e dos tipos móveis, já que altera não só as formas de reprodução do texto, mas os suportes de leitura (CHARTIER, 1999, p. 97).

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso – ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem imagens nem limites. (CHARTIER, 1999, p.101-102)

A era digital, segundo Chartier (1999a, p. 113), trouxe uma revolução na técnica, no suporte e nas práticas de leitura. As novas materialidades trazem consigo alterações na manipulação, na percepção e nos gestos de leitura. Os modos de ler de um grupo de leitores, a forma como os textos são recebidos e apropriados por eles, inclusive no que diz respeito à relação dos sujeitos com os objetos de leitura, à relação física que se tem com esses objetos, traz importantes indícios para um pesquisador que se dedica à leitura, suas práticas e representações.

Os alunos participantes desta pesquisa foram convidados a dar a sua opinião sobre a leitura na internet, no computador ou em *tablets*. As respostas, apesar de abertas, foram divididas em SIM, para aqueles que demonstraram ser totalmente a favor do uso das novas tecnologias na leitura, PARCIALMENTE, para as respostas em que o aluno concorda com o uso das novas tecnologias, mas vê ainda algum problema ou dificuldade para usá-las e NÃO, para as respostas em que o participante se mostrou totalmente contra o uso dos suportes digitais para a leitura, e, ainda, SEM OPINIÃO, para aqueles que não souberam opinar. Os resultados, em porcentagens, apresentam-se a seguir:

A questão de número 23 solicitava que os participantes dessem sua opinião a respeito da leitura na *internet*, no computador ou em *tablets*. Apesar de ser uma questão aberta, a quantidade de respostas foi computada para compor o quadro que se segue:

	SIM	PARCIALMENTE	NÃO	SEM OPINIÃO
MA1	51%	34%	15%	0
MA2	47%	43%	10%	0
UF1	46%	37%	14%	3%
UF2	72%	19%	9%	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Os participantes desta pesquisa têm, em média, no primeiro semestre da universidade, tanto pública, como privada, 21 anos. No último semestre da universidade pública, eles têm, em média, 25 anos, e, na privada, 24 anos. Uma pessoa que concluiu o curso de Letras em 2017, aos 25 anos, nasceu em 1992, ou seja, é provavelmente um nativo digital<sup>23</sup>, e atuará em sala de aula nos próximos anos.

Trechos de respostas sobre a leitura nos meios digitais apontam a grande quantidade de tempo que os estudantes passam na internet e nos meios digitais, revelando muito sobre as suas práticas:

#### MA1

“passo um **número absurdo de tempo na internet**”

#### MA2

“a maioria **não sai da internet** por causa das redes sociais”

“Eu passo **a maior parte do tempo na internet**”

#### UF1

“por estar **sempre com algum dispositivo eletrônico**”

“Por ser a internet **o lugar em que passo mais tempo**”

<sup>23</sup> A expressão “nativo digital” foi cunhada por Prensky (2001) para designar aqueles que, a partir dos anos 80, já nasceram na era digital, enquanto os imigrantes digitais nasceram em um outro período, anterior à informática e tiveram que se adaptar ao novo universo tecnológico. O autor esclarece que a divisão entre os nativos e os imigrantes digitais não se dá apenas pela idade, mas pelo contato da pessoa com a tecnologia. Desse modo, indivíduos da mesma idade, mas de regiões e classes sociais diferentes podem ter uma relação diferente com as novas tecnologias.

## UF2

\*Nenhuma resposta relacionada ao tempo usado na internet e nos meios eletrônicos foi encontrada neste grupo.

Nenhum participante de UF2 citou o tempo que passa conectado à internet. Apesar disso, somente nesse grupo houve uma grande maioria de respostas a favor das leituras nos meios digitais. Nos outros grupos, as respostas se dividiram entre aqueles que apoiam tal tipo de leitura e os que a aprovam, porém com alguma ressalva, como o desconforto físico ou falta de atenção com as leituras desse tipo, demonstrando preferência pelos materiais impressos, pelo livro físico. Chartier esclarece:

São ainda grandes as defasagens entre a obsidiante presença da revolução eletrônica nos discursos (Inclusive neste...) e a realidade das práticas de leitura que permanecem maciçamente ligadas aos objetos impressos e só exploram muito parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital. (CHARTIER, 2002, p. 113)

Em várias respostas, os participantes demonstram valorizar o uso dos meios digitais para a leitura, porém ainda preferem o livro impresso.

## MA1:

“É uma boa forma para quem não pode comprar livros físicos, porém nem se compara ao prazer de **sentir o cheiro** de um livro em mãos.”

“Eu acho bom, porque na internet há textos muito interessantes, mas eu prefiro a **leitura no papel de modo tradicional.**”

## MA2:

“[...]é interessante ter **o livro físico** para fazer **grifos** diretamente nele e marcar as páginas”

“mas eu prefiro **o livro na mão**, pois além da tela do computador cansar meus olhos, o livro na mão posso ler em qualquer lugar em que eu me sinta confortável”

“Acho que não se compara à leitura do **livro físico**, porém é uma fonte de maior e fácil acesso”

“ler o **documento físico** é melhor”

**UF1**

“Tem o fato também de gostar muito do **livro físico** pelo cheiro e modelos. Adoro os de capa dura”

“Acho útil poder ter acesso a livros virtualmente, **mesmo preferindo ler no papel**”

“[...] mas eu prefiro **livros físicos** pois a sensação de lê-los é muito melhor”

“Gosto, **mas** prefiro a leitura dos livros físicos”

**UF2**

Nenhum participante fez alusão ao livro físico, nem apontou as vantagens da leitura no material impresso.

Nesses enunciados, faz-se uma referência positiva ao livro físico, ao seu cheiro, à capa, e ao fato de se poder levá-lo para qualquer lugar. Chartier (1999a) já havia descrito a possibilidade de o leitor deixar suas marcas no livro impresso, ocupando os espaços em margens, folhas em branco e até na contracapa, algo que não era possível antes da invenção do códex e que dada sua importância foi sendo incorporado pelo texto digital a partir de uma série de recursos. É bastante interessante observar que, em uma das respostas acima, o participante da pesquisa (MA2) afirma sentir falta da possibilidade de grifar o texto, de deixar suas inscrições marcadas no material durante a leitura, o que, já se sabe, foi resolvido nos novos livros eletrônicos.

Para se referirem ao livro físico, os participantes usaram expressões como “modo tradicional” (MA1); “livro físico” (MA1); “o livro como conhecemos” (UF1) “leitura no papel”; “livro impresso” (MA2), “livro comum” (UF1), mas também a expressão “livros de verdade” (MA1), que indicia, de modo bastante interessante, uma representação singular do livro impresso graças ao modo como é especificado e qualificado. Vemos emergir enunciados que se valem da estratégia de comparação como meio de avaliação, assim, como da estratégia de qualificação como meio de distinção. Essa avaliação prioritariamente positiva do livro impresso equivale a um imaginário consolidado, a uma representação duradoura e frequente, simbolicamente hierarquizada, que faz com que, mesmo em um momento e em uma cultura exposta massivamente ao digital, tendo acesso sistemático aos textos por esse meio, reitera-se a representação tradicional do livro e da leitura. Segundo Chartier

De um lado, a longa história da leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. Da invenção da imprensa não decorrem imediatamente novas maneiras de ler. Do mesmo modo, as categorias intelectuais que associamos ao mundo dos textos perduraram diante das novas formas do livro. (CHARTIER, 2002, p. 112)

Nas respostas dadas pelos participantes, percebe-se que, apesar de julgarem positiva a leitura nos novos moldes<sup>24</sup>, para alguns, os novos suportes apresentam facetas negativas como o fato de atrapalhar a concentração e levar a uma maior distração do que a leitura no material impresso, tornando-se cansativa para alguns dos sujeitos. Chartier (2002) esclarece que as mudanças nas práticas não acontecem no mesmo ritmo que as mudanças nas tecnologias. As alterações nas práticas dos leitores costumam ocorrer de maneira mais lenta do que as inovações nos suportes.

**MA1:**

“A leitura nos aparelhos digitais **atrapalha a concentração**, pois sempre tem uma vontade de acessar redes sociais”

“Considero **cansativa**, gosto de ter o livro nas mãos.”

“Acho prático para os que conseguem, eu **me distraio**.”

“**Eu tenho dificuldade**, mas acho super válido e acessível”

“Na minha opinião, **é muito ruim, não consigo me concentrar** e a letra no computador **me prejudica**.”

**MA2:**

“...mas eu prefiro o livro na mão, pois, além da tela do computador **cansar meus olhos**, o livro na mão posso ler em qualquer lugar em que eu me sinta **confortável**.”

“É uma **leitura cansativa**, porém é um meio de ler em qualquer lugar com um pouco mais de facilidade.”

**UF1:**

“**Eu não consigo ler no computador ou em tablets**, não é produtivo e **não consigo**

<sup>24</sup> Apenas 30% em MA1, 23% em MA2, 12% em UF1 e 33% em UF2 afirmaram ler livros digitais (e-books), entretanto os textos na internet ocupam os primeiros lugares nas leituras efetuadas pelos participantes da pesquisa: 53% em MA1, 71% em MA2, 68% em UF1 e 59% em UF2.

**me concentrar”**

“Provoca-me dores de cabeça e me **canso fácil.**”

“...embora seja **fisicamente cansativo** usar um monitor para ler”

“Tende a ser mais **cansativo. Para mim, só funciona com textos da Universidade notícias e textos curtos.**”

“Apesar da acessibilidade, não acho que **o conteúdo da leitura seja absorvido da mesma forma.**”

**UF2:**

“A leitura por estes meios é **mais cansativa** e mais demorada também, acho que não rende tanto (não para mim).”

“Acho uma coisa inovadora e muito boa para o meio ambiente, porém, **confesso que não me adaptei ainda.**”

“**Eu não gosto muito**, mas acho uma ferramenta muito válida no mundo em que vivemos.”

Os participantes da pesquisa, em seus enunciados, afirmam aceitar a leitura nos meios digitais, considerando-a válida, entretanto, em um segundo momento das respostas, afirmam que, apesar de um julgamento positivo dessas formas de leitura, para eles, elas não servem. Grande parte dos enunciados se caracteriza pelas construções adversativas (mas, porém), ou concessiva (embora), com que se constrói a comparação e um paralelismo na comparação, cuja formulação indicia uma opinião positiva dos meios digitais, mas que, diante da injunção (da pergunta, do contexto de entrevista, dos discursos sobre a leitura, da circunstância de emitir opinião) a escolher um meio, a estabelecer uma hierarquia, opta-se pelos discursos que dispõem de mais autoridade simbólica que os outros. A euforia técnica com as novas tecnologias não dispõe ainda de maior prestígio que a força da tradição humanística implicada, relacionada e consolidada acerca do livro impresso. Diante da força desses discursos em disputa, um participante demonstra culpa, ao justificar a comparação entre os meios digitais e os livros impressos. Ele usa o verbo “confessar”, como se revelasse algo errado, pronunciasse uma heresia, cometesse um pecado para os dias atuais: “**Confesso** que não me adaptei ainda.”

Em algumas respostas, encontra-se a ideia também já relativamente difundida, graças a historiadores, como Eco (2010) e Chartier (2002b), e vários estudiosos da leitura, de que o livro físico não desaparecerá e que a leitura nos suportes digitais apenas complementa a leitura nos moldes tradicionais. Historicamente, no séc. XV, o códex substituiu o rolo, que era usado para a leitura. Chartier questiona se “devemos pensar que nos encontramos às vésperas de uma semelhante mutação e que o livro eletrônico irá substituir ou já está substituindo o códex impresso tal como conhecemos em suas diversas formas: livro, revista, jornal?” (CHARTIER, 2002b, p. 106-107).

Sobre o assunto, o autor assevera que a convivência entre as formas digitais e impressas de leitura não será exatamente pacífica, mas ela é mais “sensata que as lamentações sobre a irremediável perda da cultura escrita ou o entusiasmo sem prudência que anunciavam a entrada imediata de uma nova era da comunicação”. Para o historiador “o novo suporte do escrito não significa o fim do livro, a morte do leitor” (Chartier, 2002b, p. 117). Chartier ainda adverte que a mudança dos textos para as suas formas digitais não deve significar a exclusão dos manuscritos ou dos impressos que os antecederam.

Nas respostas ao questionário, expressa-se a compreensão da coexistência entre as duas formas, o que demonstra formas de estabelecimento de convivência entre elas na experiência cotidiana, assim como demonstra o senso de conservação diante da presença do virtual, e que determina essa ponderação ao mesmo tempo concessiva para a novidade e conservadora quanto ao objeto tradicional. Ao serem questionados sobre a sua opinião a respeito da leitura na internet, no computador ou em *tablets*, alguns enunciados chamaram a atenção:

**UF1:**

“... é algo **complementar** ao livro físico e **não algo que vá substituí-lo**”

“O livro como conhecemos **não deixará de existir**, nem ter a competição, mas terá um **aliado** com esses avanços.”

**UF2:**

“...embora eu defenda a ideia de que os livros, em sua forma física, **jamais irão se extinguir**, considero as inovações tecnológicas de hoje muito vantajosas.”

Em muitas das respostas, encontra-se, como argumento a favor da leitura em meios digitais, a questão econômica e a possibilidade de acesso fácil aos textos, democratizando-os. Chartier considera que “sem materialidade, sem localização, o texto em sua representação eletrônica pode atingir qualquer leitor dotado do material necessário para recebê-lo” (CHARTIER, 1999b, p. 104). Isso não significa, no entanto, que o autor, com isso, posiciona-se euforicamente sobre essa desmaterialização e deslocalização dos textos. Para ele, essas mudanças podem alterar a recepção de alguns textos, afetando sua significação.

**MA1:**

“**Amplia o acesso à leitura** a vários grupos da sociedade”

“...**alcança um número grande de pessoas.**”

“Uma forma de se ler, os livros no Brasil são caros e **os e-Books são mais baratos.**”

“E acho viável em algumas situações, pois nem sempre temos **recursos para comprar** ou alugar livros de verdade.”

“Este tipo de leitura facilita a leitura pra quem não tem tempo, **nem dinheiro para comprar livros**, o que é ótimo.”

**UF2:**

“...**a internet democratizou o acesso** aos textos”

“Acho **uma salvação**, porque **livros são caros.**”

“Tem algumas vantagens como **acesso mais barato a livros...**”

Além dos fatores econômicos, em defesa da leitura nos meios digitais, surgem argumentos como o espaço para armazenamento dos livros e a sua praticidade.

**UF2:**

“...*e-books* são muito bons para quem **não tem espaço** para guardar livros físicos ou não quer gastar espaço com isso.”

“Gosto da **portabilidade** e da **praticidade** de se ler em plataformas como essa. Além disso, esse tipo de equipamento **ocupa pouco espaço** tanto dentro de um celular/*tablets* quando dentro da bolsa. Muitas vezes é necessário levar mais de um livro para a aula e, nessas horas, um livro baixado é muito mais prático.”

O tempo também foi citado como uma das defesas da leitura nesses suportes:

**MA1:**

“Acho válida, pois permite um acesso rápido, facilita os leitores, permite maior **tempo** para ler uma vez que se lê em qualquer lugar.”

**UF2:**

“Acredito ser muito válida, pois facilita muito a vida de quem, por vezes, não possui **tempo** para ir à uma biblioteca ou mesmo levar um livro consigo, folheá-lo e lê-lo. No meu caso, é de grande valia, pois consigo ler diversas coisas na internet enquanto trabalho. De outra forma não me seria possível acessar tal quantidade de informações em tão pouco tempo.”

A defesa da leitura nos meios digitais vem acompanhada da justificativa da praticidade, da acessibilidade, de como isso a democratiza, levando a oportunidade de ler àqueles que não teriam condição de comprar um livro. Além dos argumentos relacionados a uma economia financeira, alegam a praticidade de carregar vários livros de uma vez, sem ocupar espaço na bolsa ou nos armários em casa. Além de todos esses fatores citados, é interessante registrar que um dos participantes (UF2) citou que a leitura nos meios digitais é muito boa para o meio ambiente e um aluno (MA1) lembrou-se do fato de que, para o escritor, esse tipo de leitura não é muito bom, pois ele não tem o mesmo retorno financeiro que teria ao vender os livros.

A afirmação de que a leitura nos meios digitais é mais barata, leva a uma reflexão importante e necessária: mais barata para quem? Afinal quem no Brasil tem acesso ao equipamento? Quem pode pagar internet móvel? Quem tem cartão de crédito para comprar e-books on-line? Afirmar que a leitura nos meios digitais atinge um grande número de pessoas ou vários grupos da sociedade reafirma discursos repetidos pelas publicidades, que acabam ganhando força de verdade. Entre as reportagens e publicidades que veiculam tais discursos, encontramos, no site [porvir.org](http://porvir.org)<sup>25</sup>, o artigo “Facilitar acesso é maior benefício de livros digitais”, em que se encontra o seguinte trecho:

“Permitir o acesso é transformador. Você consegue dar chance de conhecer um livro a quem não tinha”, diz Betina von Staa, pesquisadora em tecnologias educacionais.

---

<sup>25</sup> Facilitar acesso é maior benefício de livros digitais. Revista Porvir de Educação, 2012. Disponível em: <<http://porvir.org/facilitar-acesso-e-maior-beneficio-de-livros-digitais/>>. Acesso em 10 jan. 2019.

Para a especialista, o Brasil pode se beneficiar com a difusão dos e-books porque é logisticamente complicado transportar livros entre os estados. O Brasil tem dimensões continentais. É caro e difícil levar livros para o interior. Com os livros digitais, isso fica mais fácil”, afirma. (REVISTA PORVIR DE EDUCAÇÃO, 2012)

O exemplo acima é apenas um entre os tantos que circulam pela grande mídia: a ideia de que a leitura em meios digitais é democratizante. A redundância nos argumentos da publicidade e nas respostas dos alunos é um exemplo interessante do funcionamento dos discursos, de sua produção e difusão, de sua capacidade de fornecer o que dizer, de limitar o que dizer, demonstrando a força desses discursos, a sua difusão e institucionalização. Expressões como “democratização do acesso”, “acesso mais barato a livros”, “praticidade”, “economia de espaço”, “portabilidade”, “acesso rápido”, “acesso a muitas informações rapidamente” fazem parte do rol dos argumentos publicitários das grandes empresas de tecnologia digital, assim como são incorporadas e manifestas sob a forma de variantes como “permitem maior tempo para ler, uma vez que se lê em qualquer lugar”; “facilita muito a vida de quem não possui tempo para ir a uma biblioteca” etc.

Na questão de número 20, que era objetiva, os participantes tinham que apontar o que a leitura significa para eles. Entre as opções, havia um espaço denominado “Outros”, para preencher com alguma informação complementar. Um aluno da UF1 escreveu o seguinte: “A leitura é uma atividade que requer tempo e dinheiro de que muitas vezes não disponho”, na questão de número 22, o mesmo estudante marcou as seguintes alternativas como obstáculos para a leitura: “falta de tempo” e “não ter dinheiro para comprar livros.” Esse aluno afirmou ter lido 30 livros no último ano. Na resposta sobre a leitura na internet, computador ou *tablets*, para ele, “É bastante acessível por questão de preço e às vezes muito mais rápido de ler...”. Nessa resposta, o sujeito dá indícios de que a prática da leitura nos meios digitais, para alguns, pode suprir as duas carências citadas por ele: tempo e dinheiro.

Apesar da adesão aos discursos que qualificam positivamente a leitura em tela, outro aspecto a ser apontado é o fato de os participantes demonstrarem desconfiança frente aos textos fornecidos pela internet, questionando sua veracidade e credibilidade, de modo generalizado, sem que a questão houvesse especificado a que modalidade de textos se referia. Sobre a proliferação dos textos na internet, Chartier (2002b) afirma que essa construção coletiva do conhecimento que a era digital permite pode levar ao caos, pelo excesso. O autor adverte, ainda nos anos 90, de que “são necessários instrumentos capazes de selecionar, classificar, hierarquizar” (CHARTIER, 2002b, p. 119) as leituras, tal como é enunciado pelos participantes da pesquisa:

**MA1:**

“Pode ser incrivelmente **útil e proveitosa**, desde que o leitor tenha a mínima capacidade de selecionar **o que é relevante excluindo o banal.**”

“Ajuda na questão da praticidade e economia, pois temos mais acesso a materiais e conteúdos que talvez não tenhamos em outros lugares, porém devemos sempre **desconfiar da veracidade.**”

“Ruim, fontes mal formatadas, tradução sem qualidade.”

**MA2**

“A leitura virtual é uma evolução, inclui e dá rápido acesso à leitura, embora não sempre seja boa, **por haver informações equivocadas.**”

“Deve ser trabalhada a capacidade do leitor de analisar a **validade das fontes/ diferenciação de fatos e rumores.**”

“Prefiro ler o livro físico, por causa da **veracidade das informações.**”

**UF1:**

“A leitura na internet deve ser cuidadosa, já que há uma grande quantidade de **informações produzidas por qualquer pessoa.**”

Apesar do julgamento eufórico dos suportes digitais de textos, há um certo descrédito dos textos disponíveis na internet, como se observa nas respostas acima. Os participantes da pesquisa questionam sua autoria, a veracidade de suas informações e até mesmo a sua integralidade, citando o fato de faltarem páginas em alguns textos, o que dificulta o trabalho com eles. Além disso, é interessante notar que a pergunta não especifica o tipo de leitura a que se refere. Ela apenas questiona o que o participante pensa sobre a leitura na internet, no computador ou em *tablets* e, apesar disso, muitas respostas afirmaram ser importante escolher bem o que vai ler, verificar a autoria e as fontes da informação, demonstrando não relacionar a leitura no suporte digital à mesma leitura de livros e textos que poderiam ser lidos no modo tradicional, no papel.

Essas respostas vinculam a leitura na internet à leitura de textos dispersos, conteúdos produzidos por usuários da rede, de modo fragmentado e superficial, ou notícias de sites e conversas de redes sociais. A expressão “livro de verdade”, mencionada em uma das

respostas, aponta que alguns objetos culturais e alguns tipos de textos gozam de maior prestígio, enquanto outros não devem ser contados, nem computados para classificar uma pessoa como leitora, pela novidade, precariedade, ou mesmo resistência a certas mudanças.

Podemos perceber isso com a afirmação de um dos alunos de que esses meios facilitam o acesso a diversos tipos de livros nos últimos anos, fazendo com que muitas pessoas possam ler, mas “isso não quer dizer que o número de leitores aumentou necessariamente, devido à falta de tempo e interesse das pessoas”. Ao dizer que o número de leituras aumenta com os suportes digitais, mas que isso não significa que o número de leitores tenha aumentado, o participante mostra a ideia de que a leitura de meios digitais não é válida e os indivíduos que a praticam não podem ser contados como leitores, já que não leem o que é valorizado como leitura, ou seja, livros impressos, classificados e validados como “boa leitura”, por falta de tempo e de interesse e da concorrência com essas outras formas de oferta de textos.

Em alguns casos, os participantes enunciaram que os suportes digitais podem ser a “atualização de práticas que já existem”. “O mundo muda o tempo todo e por que não mudar com ele?” é a pergunta de um aluno do último semestre da rede particular, que se junta à afirmação: “Trata-se de um caminho interessante a ser explorado, representa uma total revolução em nosso cotidiano”.

Traçando-se uma comparação entre as respostas dadas à questão 16, sobre qual é o principal modo de acesso aos livros, e a questão 23, a respeito da opinião dos participantes sobre o uso de novas tecnologias na leitura, percebe-se que, em todas as turmas, a maior fonte de acesso à leitura se dá por meio da compra dos livros, o que comprova a preferência da maioria pelo material impresso, ficando em segundo lugar, o uso da internet para as leituras. O empréstimo de bibliotecas aparece apenas em terceiro lugar em três grupos (MA1, MA2 e UF2) e em quarto lugar em UF1. Os e-books aparecem apenas em quinto lugar em MA1 e UF2 e, em sexto lugar, em MA2 e UF1.

A questão 16<sup>26</sup> perguntava qual é o meio de acesso aos livros lidos pelos participantes e obteve como respostas o que se apresenta no quadro abaixo:

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Comprados 80% (24)	Comprados 85% (18)	Comprados 84% (26)	Comprados 91% (11)
2º	Internet 53% (16)	Internet 61% (13)	Internet 67% (21)	Internet 66% (8)

<sup>26</sup> A soma das porcentagens não totaliza 100%, pois os participantes tinham o direito de marcar mais de uma resposta sem a necessidade de hierarquizá-las.

3°	Presentes 43% (13) Biblioteca 43% (13)	Emprestados 47% (10)	Biblioteca 64% (20)	Biblioteca 50% (6)
4°	Emprestados 36% (11)	Biblioteca 42% (9)	Fotocópia 58% (18)	Presente 41% (5) Fotocópia 41% (5)
5°	E-book 16% (5)	Presentes 33% (7)	Emprestados 29% (9)	Emprestados 33% (4) E-book 33% (4)
6°	Distribuídos pelo governo 6% (2)	E-book 23% (5)	Presentes 25% (8) E-book 25% (8)	
7°	Fotocopiados 3% (1)	Fotocópia 19% (4)		
8°		Distribuídos pelo governo 4% (1)		

Fonte: ZACCARO, 2017.

Na pergunta 12, sobre o que os participantes mais leem, a leitura de textos na internet aparece em primeiro lugar em MA2 e UF1 e, em terceiro lugar, em MA1 e UF2. Já a leitura de livros digitais aparece apenas no quarto lugar em UF2, em sexto lugar, em MA1 e, no nono lugar, em MA2 e UF1. Esses dados indiciam que, quando se trata da leitura de livros, a preferência aponta para o material impresso, já nos meios digitais, os participantes leem textos diversos, sendo esse tipo de leitura a maior quantidade apontada por eles. Nas justificativas para a leitura de textos na internet, os participantes apresentaram respostas como as que seguem:

#### MA1

“É o que tenho **acesso mais rápido**, que exige menos atenção, questão de tempo”

“...**acessibilidade** financeira”

“Textos da internet, pois passo um **número absurdo de tempo na internet**”

#### MA2

“...pela **facilidade e praticidade** da leitura. São leituras que podem ser feitas mais rapidamente pela correria do dia a dia.”

“O **fácil acesso** aos textos e a possibilidade de **interação** com pessoas que tiveram acesso aos mesmos conteúdos”

“Eu passo **a maior parte do tempo na internet** então isso facilita com que eu tenha uma leitura decorrente dos textos que lá existem”

“Textos na internet pela **facilidade de acesso** e o possível **encadeamento de leitura**”

#### **UF1**

“Leituras digitais devido à **facilidade** por estar sempre com algum dispositivo eletrônico”

“Textos na internet pela **comodidade, acessibilidade, instantaneidade e diversidade**”

“Por ser a internet **o lugar em que passo mais tempo** e assim conseqüentemente leio mais nesse local”

#### **UF2**

“No meu caso, é de grande valia, pois consigo ler diversas coisas na internet enquanto trabalho. De outra forma não me seria possível **acessar tal quantidade de informações em tão pouco tempo.**”

“Gosto da **portabilidade e da praticidade** de se ler em plataformas como essa.”

Segundo os alunos, os principais motivos que levam à leitura de textos na internet são a fácil acessibilidade e a praticidade, já que muitos participantes alegam que a falta de tempo exige a leitura mais rápida e o acesso mais fácil, entretanto, uma informação aparece em mais de uma resposta: os estudantes passam muitas horas na internet e essa presença constante faz com que a leitura por esse meio tome os primeiros lugares nas respostas. Um aluno citou a possibilidade de interação com outros leitores como um atrativo para a leitura de textos na internet e um outro citou a facilidade de “encadeamento” com outras leituras relacionadas ao texto que está sendo lido.

Um aluno do último semestre da universidade pública afirmou que:

#### **UF2**

Acho que a leitura tem ocupado um espaço maior na vida das pessoas de forma geral por causa da internet e computadores e *tablets*, o acesso tem crescido e as pessoas acabam nem percebendo que estão lendo mais do que antes quando estão navegando pelos sites, independente de seu conteúdo.

A resposta do participante aponta para uma visão mais aberta e democrática do que é a leitura, fugindo aos padrões que consideram somente algumas leituras como merecendo esse título. No entanto, apesar de romper, em certa medida, com um dos discursos consensuais e tradicionais sobre a leitura, que tende a produzir um tipo de hierarquia ligada ao valor eufórico do objeto livro impresso, do conteúdo textual de origem literária e consagrada, o que enuncia esse aluno se inscreve em um outro discurso, de circulação mais recente, que, de um lado, defende a ampliação dos tipos de textos a serem lidos, incluindo os de menor extensão; de outro, defende a praticidade, a portabilidade e a acessibilidade do suporte digital, aderindo e reproduzindo o que enuncia a publicidade desse objeto e do que é produzido na web.

Participantes dos quatro grupos apontaram as redes sociais, a internet e os meios digitais como a causa de considerarem que os alunos que estão atualmente no Ensino Fundamental leem menos do que eles na mesma época. Essa visão aponta para um discurso conservador em relação à leitura baseado mais uma vez na impressão nostálgica, sem fundamentos empíricos, sobre outros leitores.

A pergunta de número 25 questionava se os alunos que estão agora no ensino fundamental, em relação à época em que o entrevistado tinha a mesma idade, leem mais do que a geração dos participantes da pesquisa, leem menos do que a sua geração, leem o mesmo tanto que a sua geração lia, se são mais abertos e curiosos a outros tipos de textos.

	MA1	MA2	UF1	UF2
Leem mais	3%	23%	23%	16%
Leem menos	63%	53%	39%	25%
Leem o mesmo	17%	5%	20%	33%
Mais curiosos e abertos	17%	14%	6%	25%
Não sei	0	5%	12%	0

Fonte: ZACCARO, 2017.

Após a parte motivada da questão, os participantes foram convidados a justificar suas respostas. Apresentam-se a seguir algumas respostas selecionadas entre as justificativas:

**MA1**

“Estão procurando cada vez menos as bibliotecas, pois passam a maior parte do tempo nas **redes sociais**”

“Acredito que as crianças de hoje apreciem mais **jogos e brincadeiras virtuais** nem

menos do que a minha geração”

“...a **modernização** está afastando os jovens dos livros físicos”

“Leem menos do que a minha geração com **avanço da tecnologia** isso é fácil **acessibilidade** a geração de hoje costuma ler menos e passar mais tempo em **computadores e videogames**”

“...os tempos atuais são **assombrosos** no que diz respeito à leitura [...] os jovens buscam **escapismos, o fácil, o rápido, o dinâmico** em detrimento dos cânones consagrados que, se não lidos, devem ser ao menos conhecidos por qualquer estudante que se preze.”

“...a nova geração se preocupa com o **virtual**”

“Leem menos que a minha geração por causa do uso de **tecnologia** que desviou atenção”

“...nessa era de **rede sociais** todos os dias percebo como eles têm dificuldade com leituras”

“Leem menos do que a minha geração leem muito menos por conta da **tecnologia**”

“Leem menos que a minha geração por causa da **internet e redes sociais**”

## MA2

“A minha geração não estava tão incluída na **geração digital e das redes sociais**. Acredito que com isso eles leem menos”

“...na minha época, não existiam **redes sociais**, quando pegava um livro pra ler, era só ele, hoje eles dividem esse tempo com as redes sociais e quando leem alguma coisa, muitas vezes por não se concentrarem”

“...preferem outros tipos de leitura que estejam relacionados às **tecnologias**”

“...o aumento desenfreado do consumismo que está criando gerações dependentes de **tablets, celulares e, pior, das redes sociais**.”

“Leem menos, com os alunos vivendo hoje em uma geração que quer tudo em um estalar de dedos e com as facilidades e variedades que a **era digital** disponibiliza por **meio de jogos e programas de televisão**”

“Leem menos, o boom de informações causado pela **internet** os distancia da leitura convencional”

## UF1

“...é provável que alguns **leiam mais em quantidade**, pois na minha época de ensino fundamental poucos tinham um **computador ou acesso à internet**”

“Leem menos do que a minha geração acredito que leiam menos porque preferem gastar seu tempo livre em **redes sociais**”

“...com a **evolução da tecnologia** livros têm se tornado uma atividade menos interessante a eles”

“...e os mais jovens já nasceram inseridos nesse contexto o que leva uma **maior impaciência** para com a leitura”

“além de receberem mais informação por meio sonoro ou de imagens **tendem a buscar resumos** de obras literárias por imediatismo ou administração ruim de tempo na época em que fiz o ensino médio o **acesso à internet** era escasso então tínhamos de consultar bibliotecas e realmente ler hoje todos acessam a internet e são bombardeados de informações então os alunos pegam informações superficiais na internet”

## UF2

“Acredito que por conta das **tecnologias**, os jovens têm menos tempo para se dedicar a leitura”

Em seus julgamentos dos outros em relação à leitura, alguns afirmam que os adolescentes dos dias de hoje não leem da mesma forma que eles, porque seriam mais dependentes e adaptados ao acesso de textos por meio virtual, lendo, mas não necessariamente com qualidade. Isso é manifesto indiretamente pelas alusões, em construções parciais, mas sugestivas, ao par semântico quantidade X qualidade. Na grande maioria dos enunciados, esse par semântico não é aludido de modo excludente, o que se manifesta em vários desses enunciados sob a forma de um pressuposto, ao se afirmar que os jovens de hoje “leem menos” é que antes se lia mais e melhor. Leem menos o quê? Em UF1, ainda que de maneira modalizada, a exploração desse par semântico pressupõe uma exclusão: “é provável que alguns leiam mais em quantidade”. Aqui a afirmação de que se lê mais em quantidade pressupõe que o mesmo não se dá em relação à qualidade.

Em MA1, dos 26 alunos que justificaram a resposta dada à questão de número 25, 19 responderam que os alunos que estão no Ensino Fundamental atualmente leem menos do que

a própria geração na mesma fase porque tem “desinteresse pelos livros”, dando como justificativa para a diminuição na leitura as redes sociais, os jogos virtuais, os computadores e os videogames. Segundo um dos respondentes, vivemos “tempos assombrosos” quanto à leitura:

#### **MA1**

Leem menos do que a minha geração, sobretudo no Brasil, os tempos atuais são **assombrosos** no que diz respeito à leitura e o incentivo desta. No geral, os jovens buscam escapismos, o fácil, o rápido, o dinâmico, em detrimento dos cânones consagrados que, se não lidos, devem ser ao menos conhecidos por qualquer **estudante que se preze**. A cultura da educação **passa longe de nossa realidade**.

Um dos alunos considera válida a leitura na internet, não apenas a leitura de livros: “Leem menos do que a minha geração, mas leem o tempo todo quando estão conectados, são mais abertos e curiosos a outros tipos de textos”.

Em MA2, 53% dos participantes consideram que a geração que está agora no ensino fundamental lê menos do que a sua geração na mesma época, porque são “gerações dependentes de *tablets*, celulares e, pior, das redes sociais.” Na resposta “Leem menos, o boom de informações causado pela internet os distancia da leitura convencional.”, fica clara a ideia de que ler textos diversos na internet não é uma leitura que possa ser considerada e que seus usuários não podem se dizer “leitores”, já que não leem o que é convencional. Outra resposta que aponta a mesma ideia é “São mais abertos e curiosos, devido ao amplo acesso gerado pela internet, atualmente os alunos leem mais, porém nem sempre são livros didáticos ou grandes literaturas”, chamando de “grande literatura” os clássicos, os livros que são considerados de qualidade. Os alunos citam a ideia de que os adolescentes atualmente querem tudo com facilidade, num “estalar dedos” e a “era digital” disponibiliza isso.

No grupo MA2, 47% dos participantes consideram que os alunos que estão agora no ensino fundamental leem menos do os alunos de sua época nessa faixa etária. Na resposta “Leem menos, pois os alunos atualmente estão mais focados em outras coisas mais atrativas, mas eles não conhecem a leitura, porque nunca leram um livro, se eles resolvessem ler, saberiam que o que tem dentro do livro é bem mais interessante.”, o participante dá uma resposta generalizante e muito abrangente “nunca leram um livro.” Os participantes apontam

as redes sociais e a tecnologia como a grande culpada pelo menor número de leitores entre os adolescentes atuais.

Em MA2, 6 alunos consideram a leitura online como válida para considerarem que a nova geração lê mais do que a própria lia na mesma idade. Em uma das respostas, o aluno demonstrou conhecimento de que nem todas as leituras são valorizadas: “Leem mais, em tempos em que há, por exemplo, "vloggers", divulgando livros e pessoas do mesmo círculo escrevendo eu sinto que os jovens estão lendo mais, ainda que, para muitos, não seja ‘leitura de qualidade’”. Um dos participantes citou a escola em que trabalha, que é da rede privada, e que tem um cronograma de leituras para os alunos. Em duas respostas, os participantes afirmaram que a leitura aumentou graças a um “maior acervo destinado ao público jovem” e à facilidade de acesso aos livros que os jovens encontram na atualidade.

Em UF1, 53% dos participantes creem que os alunos do ensino fundamental hoje em dia leem menos do que a sua geração lia. As redes sociais e a tecnologia também são citadas como as responsáveis pelo desinteresse pelos livros.”Leem menos do que a minha geração. Com a evolução da tecnologia, livros tem se tornado uma atividade menos interessante a eles.”. Segundo alguns participantes, adolescentes que estão atualmente no fundamental são desinteressados e não têm paciência para ler livros, só querem o que é fácil e rápido, sofrem de imediatismo e administram mal o próprio tempo. 30% dos participantes de UF1, consideram que os adolescentes atuais leem mais, por causa da internet que facilita o acesso aos textos.

Na resposta encontrada em UF1 “Leem mais do que a minha geração. Acho que leem mais, só que não o que **a sociedade considera como boa leitura por serem textos de internet**”, o participante demonstra ter consciência de que certas leituras não são validadas socialmente, apesar de ele mesmo considerar a atual geração mais leitora do que a sua. Outro participante explica que se refere a “textos da internet curtos” ao afirmar que os alunos leem mais atualmente.

Em UF2, 58% consideram que os adolescentes contemporâneos leem mais. Apenas 25% acredita que eles leem menos do que a sua geração. As respostas de UF2, em sua maioria, também citam a tecnologia e as redes sociais como o motivo que afasta os adolescentes da leitura. Em uma das respostas, o participante afirma que, com a internet os alunos estão mais expostos a textos diversos, porém ele questiona a qualidade dessas leituras:

## **UF2**

Com o advento da internet, a leitura, em sua mais ampla concepção, se expandiu consideravelmente entre os jovens, que, em grande parte do tempo, estão conectados online, acessando sites de diversos conteúdos, interagindo em redes sociais e, conseqüentemente, mantendo um contato com a leitura de um modo muito mais intenso em relação à época em que eu me encontrava nesse contexto. Porém, quero frisar aqui que o fato de estarem tendo mais acesso à leitura, o conteúdo em si é muitas vezes questionável em relação à qualidade e/ou relevância do mesmo. Esse configura um caso em que a quantidade é muito diferente da qualidade.

O conceito do que é leitura nas respostas de UF2 já é mais amplo do que nas turmas ingressantes: “mesmo que não seja um livro ou algo relacionado à escola e à cultura, a atividade de leitura está sempre presente na vida destas crianças, nas redes sociais e nos aplicativos de conversação.”, em outra resposta encontramos o seguinte: “Se considerarmos a leitura de livros físicos, acredito que leem bem menos do que a minha geração. Se a pergunta se refere às leituras em geral, acredito que leem até mais por conta da acessibilidade que a tecnologia trouxe à geração atual”. Entretanto, um outro participante frisa que tais conteúdos “muitas vezes não são considerados produtivos pelos professores.” Abreu (2001), sobre o assunto esclarece que

Aquilo que os discursos convencionais sobre a leitura ensinam - até mesmo para os professores - é que há leitores de segunda categoria, assim como há cidadãos de segunda categoria: aqueles que não falam a língua da escola e não leem os livros que a escola gostaria que lessem.”Esquece-se” de que a leitura não é prática neutra, que no contato de um leitor com o texto (assim como de um autor com o texto) estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais.”Esquece-se” de que diferentes leituras revelam diferentes modos de inserção nas formas da cultura e são condicionadas por eles. (ABREU, 2001, p. 155-156)

Segundo a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2015, o número de estudantes do Ensino Fundamental II considerados leitores subiu para 84%, contra os 78%, da edição de 2012.

Sobre o assunto, João Luis Ceccantini afirma que

A ideia de que hoje se lê menos do que há tempos atrás apoia-se sobretudo no gradativo desinteresse pela leitura literária ao longo das últimas décadas em especial se essa for compreendida no sentido estrito das obras clássicas ou canônicas, encarregadas da transmissão de certo patrimônio cultural de excelência entre as gerações. (CECCANTINI, 2009, p. 208)

Segundo o autor, nunca se leu tanto no Brasil, entretanto a leitura dos clássicos tem, cada vez mais, dado espaço para leituras de caráter utilitário, como livros religiosos e de autoajuda, leituras de entretenimento e de outras linguagens como histórias em quadrinhos e revistas, mas elas não são consideradas válidas para qualificar um leitor, quando se leva em conta um critério mais qualitativo de avaliação.

Para outros participantes, os meios digitais e a internet não são representados como vilões e sim os meios privilegiados de acesso a diversos textos. Nos quatro grupos, foram encontradas respostas de participantes que acreditam que a tecnologia faz com que os estudantes do Ensino Fundamental leiam mais atualmente.

#### **MA1**

“O maior acesso à internet possibilita as pessoas a buscarem assuntos de seus interesses e não somente de leituras obrigatórias. **São mais abertos e curiosos a outros tipos de textos**”

“...percebo haver **maior curiosidade** estimulada pelas muitas informações novas disponíveis”

“Com a internet, os livros e textos ficam com maior exposição”

“Com toda tecnologia e **facilidade à informação** as crianças **procuram saber de tudo** um pouco”

“São mais abertos e curiosos a outros tipos de textos por conta do acesso à internet”

#### **MA2**

“os alunos que conheço que estudam em escolas particulares leem mais do que eu lia na mesma idade mas **preferem outros tipos de leitura** que estejam relacionados às **tecnologias**”

“a leitura de **textos on-line** provavelmente aumentou”

“Leem mais, em tempos que há, por exemplo, "**vloggers**", divulgando livros e pessoas do mesmo círculo escrevendo, eu sinto que os jovens estão lendo mais”

“São abertos e curiosos, devido ao amplo acesso gerado pela **internet**, atualmente os alunos leem mais”

“São mais abertos e curiosos, com o **avanço da internet** e o surgimento de novas **redes sociais**”

## UF1

“Leem mais do que a minha geração, ainda que essa leitura esteve relacionada **textos de massa** acredito que eles leem mais”

“Leem mais do que a minha geração, acho que leem mais só que não o que a sociedade considera como boa leitura por serem **textos de internet**”

“Acredito que os alunos leiam mais agora devido à maior facilidade de acesso aos **textos e livros pela internet**”

“Leem mais do que a minha geração. Minha resposta está relacionada com **textos da internet curtos**”

“Com a internet e o **acesso ao meio virtual**, eles podem ler mais que a minha geração na época do ensino fundamental, são mais abertos e curiosos também”

“O acesso aos livros é maior, a literatura com foco no público jovem tem crescido e os próprios adolescentes têm se interessado mais por literatura”

“Com o avanço das **redes sociais**, outros tipos de textos são mais acessíveis aos jovens”

“Eles têm mais acesso a livros e textos com o desenvolvimento de **novas tecnologias** e maior **acesso à internet, computadores** etc”

“Leem mais, porque têm mais acesso à **internet** e também porque são mais incentivados, são mais curiosos, novamente por causa da internet onde há muitas sugestões e possibilidades”

## UF2

“Se a pergunta se refere às leituras em geral, acredito que leem até mais por conta da **acessibilidade que a tecnologia trouxe** à geração atual”

“Talvez na **internet** o acesso deles seja um tipo de leitura, talvez eles leiam mais de outras coisas menos formais”

“Atualmente os alunos têm mais acesso a outros tipos de leitura, sobretudo por conta da **internet**. Então, de certa forma, eles possuem mais oportunidades de leitura, mas leem mais conteúdos diferentes, que muitas vezes não são considerados produtivos pelos professores”

“Leem mais devido **ao bombardeio de informação** ao qual todos nós estamos submetidos”

“Na minha opinião, os alunos leem mais hoje em dia, justamente devido a maneira que são constantemente expostos a textos em suas mais variadas formas. Com o advento da **internet**, a leitura, em sua mais ampla concepção, se expandiu consideravelmente entre os jovens, que em grande parte do tempo estão **conectados online**, acessando **sites** de diversos conteúdos, interagindo e redes sociais e consequentemente, mantendo um contato com a leitura de um modo muito mais intenso em relação à época em que eu me encontrava nesse contexto.”

Apesar das considerações mais simpáticas, ou menos marcadamente antipáticas em relação às práticas de leitura dos mais jovens e de textos disponíveis na internet, as apreciações baseadas no par semântico quantidade X qualidade tendem a ser negativas, porque não relacionam diretamente quantidade à qualidade: os jovens leem mais, mas o que leem são “outros tipos de leitura”, “textos on-line“, “textos de internet curtos”, “literatura com foco no público jovem”, “outras coisas menos formais”, “conteúdos diferentes”, “bombardeio de informação “.

Ao citar as maiores barreiras para a frequência da leitura dos alunos no Ensino Fundamental, nas quatro turmas pesquisadas, a primeira razão apontada foi a falta de vontade. MA1 colocou em primeiro lugar, junto com a falta de vontade, a internet e os videogames e, em segundo lugar, o alto preço dos livros. Em terceiro lugar, as quatro turmas apontaram a dificuldade de compreensão. UF1 colocou em terceiro lugar também o alto preço dos livros. A dificuldade de acesso a bibliotecas aparece em quarto lugar em MA1, em quinto, em UF2 e apenas em sexto lugar nas respostas de MA2 e UF1.

A pergunta de número 26 solicitava que os participantes apontassem as maiores barreiras para a frequência da leitura dos alunos que estão atualmente no Ensino Fundamental. Tratava-se de uma questão motivada, com a possibilidade de se assinalarem até duas respostas.

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Falta de vontade 21 Internet e videogames 21	Falta de vontade 28	Falta de vontade 23	Falta de vontade 8
2º	Alto preço dos livros 10	Internet e videogames 15	Internet e videogames 18	Internet e videogames 7
3º	Dificuldade de compreensão 9	Dificuldade de compreensão 12	Dificuldade de compreensão 15	Alto preço dos livros 6

				Dificuldade de compreensão 6
4°	Dificuldade de acesso a bibliotecas 4	Lentidão de leitura 4	Alto preço dos livros 14	Lentidão da leitura 4
5°	Lentidão da leitura 2	Alto preço dos livros 3	Lentidão da leitura 6	Dificuldade de acesso a bibliotecas 3
6°		Dificuldade de acesso a bibliotecas 2	Dificuldade de acesso a bibliotecas 4	

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Um dado relevante que teve destaque nas respostas dos alunos dos quatro grupos diz respeito ao fato de os participantes demonstrarem desconhecimento e falta de familiaridade com alunos do ensino fundamental, afirmando não ter contato com essa faixa etária. Algumas respostas baseiam-se na própria experiência do estudante em sua época de escola, outras em adolescentes que eles conhecem informalmente, como primos, amigos e conhecidos, sem que tenha sido a universidade a propiciar o contato dos alunos com os jovens que frequentam o ensino fundamental atualmente. Também é interessante apontar que, na questão a respeito do papel da escola em relação à leitura, 6, entre 30 alunos de MA1, deixaram a resposta em branco; 2, entre 21, em MA2 e 1, em um grupo de 31 participantes, em UF1, tendo deixado apenas a mensagem: “sem opinião formada.”. Apenas em UF2, todos os participantes responderam à questão. Partindo da ideia de que o curso de Letras é uma licenciatura, que tem o objetivo de formar professores para a educação básica, é preocupante o desconhecimento dos estudantes sobre temas relacionados à leitura, o que parece revelar uma ausência de momentos de discussão e reflexão sobre o tema. Como as respostas vagas, incertas, em branco, os chutes e os “achismos” são remanescentes nas turmas iniciantes e nas turmas concluintes, na universidade pública e na privada, não há grandes transformações nos discursos dos que entram e dos que saem do curso. Isso evidencia a omissão dos cursos de Letras na formação de professores capazes de atuar nas frentes de incentivo da leitura. Seguem exemplos de respostas que apontam o desconhecimento dos participantes:

**MA1**

“com base nas pessoas dessa idade que conheço”

“não sei dizer”

“nunca vejo amigos mais novos lendo”

“não sei afirmar, mas acho que o gosto por ler vem independente da geração”

## **MA2**

“Os alunos que conheço que estudam em escolas particulares leem mais do que eu lia na mesma idade”

“Meus primos odeiam leituras e principalmente as mais densas”

## **UF1**

“Não tenho certeza, estou **chutando** baseando-me em poucas crianças que conheço”

“não tenho conhecimento. Na minha época do ensino fundamental por exemplo havia pouco incentivo”

“Não tenho contato com os alunos que estão agora no ensino fundamental, mas é provável que alguns leiam mais em quantidade”

“Isso aconteceu comigo em dado momento no ensino fundamental”

“Não tenho contato com ensino fundamental desde que saí dele então não tenho conhecimento para responder tal questão”

“Não tenho dados que confirmem se estão lendo mais ou menos”

## **UF2**

“tenho a impressão”

“Não sei dizer”

“não tenho muita informação”

“Não sei afirmar ao certo”

O estágio foi citado apenas pelo grupo de UF2. Em UF2, 4 alunos de 12 citaram o estágio como o momento que propiciou o contato com alunos de ensino fundamental, permitindo uma certa familiaridade com essa faixa etária, o que leva a uma resposta mais embasada na realidade:

## UF2

“Pela minha experiência de **estágio** e em meu trabalho voluntário com crianças de modo geral”

“A minha vivência de **estágio** aconteceu na mesma escola em que estudei os anos finais do Ensino Médio e pelo que pude observar”

“Acho necessário ressaltar que, durante diversas vezes no meu período de **estágio**, vi alguns alunos carregando livros consigo retirados da biblioteca.”

“Depende muito do contexto, **na escola em que fiz estágio** as crianças liam tanto quanto eu lia na minha época”

### 3.6 LEITURA E ESCOLA

#### 3.6.1 O papel da escola na formação de leitores

A pergunta de número 30 pedia que os participantes assinalassem quem mais influencia um leitor a ler. Nos quatro grupos pesquisados, a resposta foi unânime, em primeiro lugar o professor foi apontado como o maior influenciador, seguido da mãe, que figura em segundo lugar, nas respostas dos quatro grupos. Na quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, apresentada em 2016, os resultados se invertem: entre os que consideram que alguém os influenciou a se tornar leitor, aparece, em primeiro lugar, a mãe e, em segundo, o professor. Esses dois resultados distintos não são divergentes. Eles revelam que, entre várias possibilidades, o professor figura entre as duas primeiras.

Para os alunos que participaram desta pesquisa, o professor é o principal incentivador do leitor. Isso torna, na visão deles, o papel da escola, ainda mais fundamental nas questões referentes à mediação e promoção da leitura, logo, na formação do leitor. Um participante de MA1 afirmou que o papel da escola é: “Importantíssimo, pois os professores acabam tendo mais influência no desempenho de estudo dos alunos do que os pais e responsáveis”. Para um aluno de MA2: “A escola é muito importante para a introdução da literatura na vida dos jovens, mas ela precisa se adaptar aos novos tempos e oferecer novos tipos de livros para os seus alunos.”

POSIÇÃO	MA1	MA2	UF1	UF2
1º	Professor (a) 17	Professor (a) 14	Professor (a) 24	Professor (a) 9
2º	Mãe 11 Amigo (a)	Mãe 13	Mãe 19	Mãe 7
3º	Pai 6	Amigo (a) 8	Pai 17	Amigo (a) 6
4º	Outro parente 5	Pai 6	Amigo (a) 15	Pai 5
5º	Líder religioso (padre, pastor...) 3	Outros 4	Outro parente 5	Outro parente 4
6º		Outro parente 2 Líder religioso (padre, pastor...) 2	Líder religioso (padre, pastor...) 3	Líder religioso (padre, pastor...) 2
7º			Outros 1	Outros 1

Fonte: ZACCARO, 2017.

O papel da escola na formação de leitores é um tema recorrente e que merece ainda ser o centro de muitos debates e reflexões. Costa (2009, p.25) afirma que “a escola mostra-se o ambiente de trabalho propício para o desenvolvimento de competências de leitura” (COSTA, 2009, p. 25). Zilberman assevera que

Não que a difusão da leitura e o consumo da literatura sejam competência exclusiva dessa instituição: as responsabilidades poderiam ser repartidas entre várias agências, associadas algumas ao poder público, outras a entidades privadas. Porém, a escola, no Brasil, detém uma importância cultural que, muitas vezes, só é percebida quando ela falha. (ZILBERMAN, 2012, p. 9)

Para Chartier, a escola deve se ocupar da leitura, em seus dois sentidos: “a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos” (CHARTIER, 1996, p. 240). Solé junta-se ao debate: “Quando a leitura é considerada objeto de conhecimento, seu tratamento na escola não é tão amplo como seria de se desejar, pois em muitas ocasiões instrução explícita limita-se ao domínio das habilidades de decodificação” (SOLÉ, 1998, p. 36). Segundo a autora, é necessário que a escola trabalhe a compreensão e as estratégias de leitura, já que

o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (SOLÉ, 1998, p. 33)

Britto (2013, p.113) esclarece que ensinar leitura é uma ação político-social, ligada a valores humanos. Segundo o autor, para que a escola “cumpra sua função é preciso abandonar a pedagogia do gostoso, o utilitarismo e o reducionismo didático” (BRITTO, 2013, p. 176). A escola, de acordo com Britto, precisa oferecer um convívio constante e progressivo com textos, deixando para trás a ideia de que ensinar é transmitir conteúdo (BRITTO, 2013, p. 179).

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo, homologada em dezembro de 2017, que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica, buscando nortear os currículos e propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas em todo o Brasil. O documento também abarca políticas para a formação de professores, produção de material didático e avaliação.

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que todo estudante deve desenvolver ao longo da escolaridade básica. Entre as dez Competências Gerais da Base Nacional, nenhuma cita diretamente a leitura. Nem mesmo a competência de número 4, que abrange as linguagens, refere-se às práticas de leitura, como se observa a seguir:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017)

Um dos eixos descritos pela base é o eixo que trata da Leitura. Segundo o texto do documento, esse eixo “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.” (BRASIL, 2017)

Tendo como base a importância da reflexão sobre o tema, a questão de número 28 perguntava sobre o papel da escola em relação à leitura e de que forma ela tem exercido esse papel. Os alunos de MA1 usaram palavras como: “influência”, “estímulo”, “despertar”. Para a maioria, o papel da escola é importantíssimo, e, por isso, deve incentivar o gosto pela leitura,

estimulando e despertando os alunos. Segundo os participantes, a escola não pode forçar seus alunos, não pode pressionar, como costuma fazer, tornando a leitura algo maçante e obrigatório. Em uma das respostas o aluno afirmou que “a escola banaliza a leitura e trata apenas dos aspectos formais do texto” (MA1). Em outra resposta, o aluno afirmou que a escola faz esse papel de maneira medíocre e superficial (MA1). Em algumas respostas, aparecem sugestões de como deveria ser o trabalho com a leitura na escola, como a criação de programas, a promoção de debates e reflexões, de forma dinâmica e prazerosa.

De 24 alunos do grupo MA1 que responderam a essa questão, 11 creem que a escola não tem cumprido satisfatoriamente seu papel em relação à leitura. Apenas 2 participantes acreditam que a escola tem sido eficaz na formação de leitores. Aparecem expressões como “total omissão”, e afirmações como “tem exercido de forma medíocre, superficial, pouco crítica e insubstancial”. Apenas em uma das respostas, o estudante cita a falta de estrutura como uma das causas do mau desempenho da escola com as questões da leitura.

Nas respostas, podem ser encontradas justificativas para o fracasso da escola nesse sentido: “A escola deve incentivar a leitura de todas as formas que conseguir, porém de um jeito mais dinâmico que não faça os alunos se sentirem pressionados e obrigados e é isso que muitas fazem atualmente”. É recorrente a ideia de que a obrigatoriedade e a pressão atrapalham os objetivos da escola de despertar o gosto pela leitura. Sobre o assunto, João Luís Ceccantini assevera que

Ao lidar com as questões ligadas aos jovens, e particularmente no que diz respeito a leitura, a escola brasileira não tem sabido encontrar soluções convincentes, de maneira oposta ao que se tem passado em relação à infância, em que, pouco a pouco, se vão acumulando sucessos relevantes. Hoje, sem dúvida, um dos maiores problemas a enfrentar na formação de leitores é o de como dar continuidade às conquistas obtidas junto às crianças, à medida que vão crescendo, de tal modo que continuem sendo leitores fiéis e motivados. Não bastam leituras que os jovens fazem por pressão direta ou indireta do ambiente escolar. (CECCANTINI, 2009, p. 220)

Nas duas respostas em que se afirma que a escola tem cumprido bem o seu papel, encontram-se os seguintes enunciados: “Em geral todas as escolas estimulam (a leitura)” (MA1) e “A escola tem um papel de incentivar a leitura e sempre o exerce bem”. (MA1). Ambos trazem a ideia de uma avaliação generalizada, como se não houvesse problemas específicos dependendo da escola, da classe social, da região onde ela se encontra.

No grupo MA2, as palavras “incentivo” e “prazer” apareceram com frequência nas respostas. Segundo os participantes desta turma, a escola tem o papel de propiciar o acesso aos livros, introduzir a literatura na vida dos alunos e ser uma facilitadora da leitura. As

respostas deixaram clara a importância de expandir as leituras, além dos clássicos, a necessidade de diminuir o preconceito com outras leituras, buscando adaptar-se “aos novos tempos”. Alguns participantes citaram as diferenças entre a escola pública e a privada, mostrando que, para eles, nas escolas públicas, a leitura é menos trabalhada ou é trabalhada de modo ineficaz. Em uma das respostas, o entrevistado citou o desgaste dos professores como a causa do “trabalho ruim” com a leitura.

De 19 alunos que responderam à questão, 5 consideram que a escola não tem cumprido satisfatoriamente o seu papel quanto à leitura. Em uma das respostas, o participante cita o desgaste do professor e, em outra, aponta que, no seu ponto de vista, o respondente considera que o professor é o responsável pelo estímulo à leitura, já que sempre há bibliotecas nas escolas: “Depende muito do professor. Todas as escolas ou a maioria tem uma biblioteca, basta o professor interferir para a utilização.” (MA2) e “O incentivo parte do professor tornando o livro mais atrativo ao aluno, porém devido ao desgaste profissional isso está em escassez.” (MA2). Em MA2, apenas 4 responderam que a escola tem cumprido bem o seu papel quanto à leitura: “a cada ano isso aumenta ainda mais. Mesmo que de forma obrigatória os alunos melhoram a leitura e compreendem melhor o que leem, isso por causa da escola.”

Em algumas respostas, os alunos citam as diferenças entre as condições econômicas das escolas como fator determinante para a qualidade do trabalho com a leitura:

**MA1**

“Tudo depende de qual rede falamos. A rede pública em alguns casos não estabelece relação nenhuma, ela não exerce um papel mais importante que seria um estímulo.”

**MA2**

“levando em consideração a escola privada, é muito cobrada a leitura.”

“há exceções em escolas precárias, por exemplo, que não podem contar com uma biblioteca.”

“nem todas exercem tal papel, pois nem todas oferecem o mesmo acesso aos livros ou possuem acervo, por exemplo.”

**UF1**

“por ser uma escola privada de alto rendimento, os alunos têm um cronograma de leitura e os livros que devem ler, e são vários.”

Nas respostas de UF1, apareceram expressões como “inserção”, “primeiro contato”, “fomentar”. Para eles, a escola tem o papel de guia, de inserir os alunos na cultura letrada, de fomentar a vontade de ler nos alunos. Segundo a maioria das respostas, ela não deve limitar as leituras, dando liberdade de escolha e adequando as leituras à idade. A escola deve se abrir a vários tipos de texto, além dos clássicos, que “não fazem parte da realidade dos alunos”. A preocupação da instituição escolar deve ser a de formar leitores críticos e reflexivos, entretanto a escola costuma trabalhar mais os aspectos formais do texto, deixando a interpretação, os sentidos em um segundo plano.

De 31 alunos de UF1 que responderam à questão, 9 acreditam que a escola não tem cumprido seu papel, “poucas são as escolas populares que exercem esse papel, a grande maioria não chega nem a tentar e responsabiliza os alunos atribuindo a eles o fracasso” (UF1) e “Hoje a escola pouco indica esses livros e quando medeiam uma leitura fazem apenas em seu aspecto formal não dando maior clareza do sentido dos textos”. (UF1)

O grupo UF2 usou palavras como “facilitador”, “acesso”, “incentivo”. Segundo as respostas desse grupo, a escola não deve inibir e pressionar os alunos, permitindo o acesso a variados tipos de texto, de variados gêneros. Nesse trabalho, a escola deve considerar os desejos e gostos particulares. Em uma das respostas, o participante frisou a importância do bibliotecário como um mediador de leituras, como alguém que apresente os livros e os disponibiliza aos alunos. De 12 alunos que responderam à questão, 7 acreditam que a escola tem fracassado no seu trabalho com a leitura. As críticas desses alunos se baseiam nas leituras obrigatórias, na falta de liberdade de escolha, na indicação de clássicos, que não se relacionam à realidade dos alunos. Além disso, segundo essas respostas, a escola foca seu trabalho nas avaliações e na preparação para o vestibular. Apenas 1 aluno de UF2 respondeu que a escola tem cumprido bem o seu papel.

Em suas respostas, os participantes citam a necessidade de o aluno ter liberdade de escolha, de a escola possibilitar o contato com textos diversos, sem pressionar, dando possibilidade de leituras de acordo com o gosto e a faixa etária dos alunos, entretanto, em MA1, 92% acreditam que o professor deve indicar os títulos, em MA2, 80%, em UF1, 67% e, em UF2, 59% compartilham da mesma ideia.

Se o professor é reconhecido como o maior responsável, nas respostas desses alunos, pelo incentivo e formação de leitores, é ele também um alvo das críticas nesse processo. A escola, assim como o processo, é descrita como espaço fundamental para a formação dos

leitores, e ela também é representada de maneira negativa, uma vez que não cumpre, ao menos a escola pública, com essa sua responsabilidade.

### 3.6.2 A escolha dos materiais de leitura

Poemas, clássicos, jornais, enciclopédias, gibis e mangás são bem vistos como leituras adequadas à escola, recebendo a maior parte da aprovação dos entrevistados. Os *best sellers* também foram considerados adequados às indicações da escola. A Bíblia, os livros de receitas e os livros de autoajuda são consideradas leituras inadequadas para a escola, recebendo a maior parte de avaliações negativas.

A questão de número 27 solicitava que os participantes marcassem com S as leituras que a escola deve incentivar e N aquelas que a escola não deve incentivar:

Poemas	SIM	NÃO
MA1	100%	0
MA2	100%	0
UF1	100%	0
UF2	100%	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Clássicos	SIM	NÃO
MA1	100%	0
MA2	90%	10%
UF1	96%	4%
UF2	100%	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Jornais	SIM	NÃO
MA1	86%	14%
MA2	100%	0
UF1	96%	4%
UF2	100%	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Enciclopédias	SIM	NÃO
MA1	70%	30%
MA2	90%	10%
UF1	90%	10%
UF2	84%	16%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Gibis	SIM	NÃO
MA1	87%	13%
MA2	85%	15%
UF1	90%	10%
UF2	100%	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Best sellers	SIM	NÃO
MA1	73%	27%
MA2	76%	24%
UF1	64%	36%
UF2	83%	17%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Mangás	SIM	NÃO
MA1	50%	50%
MA2	71%	29%
UF1	61%	39%
UF2	83%	17%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Bíblia	SIM	NÃO
MA1	26%	74%
MA2	43%	57%
UF1	33%	67%
UF2	17%	83%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Receitas	SIM	NÃO
MA1	24%	76%
MA2	38%	62%
UF1	39%	61%
UF2	67%	33%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Autoajuda	SIM	NÃO
MA1	23%	77%
MA2	28%	72%
UF1	25%	75%
UF2	33%	67%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

A totalidade das respostas de MA1 e UF2 indica que os entrevistados creem que a escola deve recomendar a leitura dos clássicos da literatura. Em MA2 e UF1, aparecem respostas negativas, porém com baixa representatividade: 2 em 21 (MA2) e 1 em 31 (UF1). A leitura de poemas tem a totalidade de respostas positivas. Todas as turmas entrevistadas, sem exceção, acreditam que a escola deve incentivar a leitura de poemas.

Quando se trata da leitura de *best sellers*, a quantidade de entrevistados que não recomendam que a escola incentive tal leitura aumenta, entretanto ainda é maior o número de entrevistados que não veem problema na leitura desse tipo de texto. Em MA1, 74% acreditam que a leitura de *best sellers* deve ser incentivada pela escola, MA2, 76%, em UF1, 65% e, em UF2, 84%.

Os livros de autoajuda são rechaçados, tendo, em MA1, 77% de respostas negativas, assim como 71%, em MA2, 75% de rejeição em UF1 e 65% em UF2. Como essas respostas, os entrevistados revelam as apreciações mais correntes sobre o papel da escola em relação à leitura. Assim, reafirmam a importância do trabalho com textos de ficção e de preferência aqueles já consagrados entre os cânones escolares. No entanto, não se opõem, antes o contrário, ao trabalho com textos de menor prestígio, mais breves e de gêneros distintos, respondendo tanto ao consenso do trabalho com textos variados, quanto ao do trabalho com textos do cotidiano (jornais e revistas) e do gosto dos alunos, ou com potencial lúdico, de gerar prazer (gibis e mangás). Embora mais abertos a textos variados, demonstram ter clareza entre o trabalho com textos com potencial de exploração pedagógica e outros que não caberia à escola abordar (Bíblia, livro de receitas e autoajuda). Com suas avaliações, eles parecem estar mais aptos do que os alunos de Letras de outras gerações a corresponderem ao que preconiza Abreu:

Conhecendo melhor as leituras comuns, é possível que decidamos reorientar nossa intervenção, seja deixando de fazer esforços no sentido de difundir leituras já disseminadas na sociedade, seja passando a orientar nosso interesse para além das obras consagradas dos grandes escritores e pensadores. (ABREU, 2001, p. 156)

A autora corrobora com a importância do conhecimento das leituras que fogem às obras consagradas, como um meio de os responsáveis pela formação de leitores atuarem de modo mais eficaz na difusão da leitura na sociedade.

As questões de número 31 e 32<sup>27</sup> pediam que os participantes citassem nomes de livros ou de autores que eles recomendariam e os que não recomendariam a alunos do Ensino

---

<sup>27</sup> Quatro alunos em MA1 e sete em MA2 deixaram a resposta em branco.

Médio. As listas abaixo trazem, por ordem de recorrência, as respostas dadas pelos entrevistados. O número que aparece entre parênteses depois dos nomes dos autores ou das obras indica quantas vezes eles foram mencionados pela turma. Os autores ou livros sem número à frente foram citados apenas uma vez.

### MA1

Recomendaria	Não recomendaria
Machado de Assis (7)	Stephenie Meyer (7)
Fernando Pessoa (4)	Paulo Coelho (5)
Clarice Lispector (3)	Augusto Cury (4)
J.K. Rowling (2)	Kéfera e outros youtubers (3)
Graciliano Ramos (2)	Série Crepúsculo (3)
Paulo Coelho (2)	50 tons de cinza (3)
José de Alencar (2)	Autoajuda
Jorge Amado (2)	Paulo Freire
Cecília Meireles (2)	Bella André
Luis de Camões (2)	Nicolas Sparks
O apanhador no campo de centeio (2)	Livros sobre religião
Pequeno Príncipe (2)	Dom Casmurro
David Foster Wallace	Bukowski
Marcel Proust	Dostoievsk
Dan Brown	Preconceitos e verdades sobre sexo
Mário Quintana	Minha luta (Adolf Hitler)
Martha Medeiros	Padre Marcelo Rossi
Augusto dos Anjos	Lyanla Vanzant
André Batista	Zibia Gasparetto
Leon Tolstoi	Livros que contenham ideias
Dostoievsk	estereotipadas
Alexandre Dumas	*quatro alunos deixaram a resposta em
Meg Cabot	branco
J. R. Tolkien	
Julio Verne	

Caio Fernando Abreu John Green Dan Brown As vantagens de ser invisível O morro dos ventos uivantes Garotas de vidro Iracema Capitães de areia Um caso perdido Doze minutos Crime e castigo	
--	--

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

#### MA2

Recomenda	Não recomenda
Machado de Assis (10)	Paulo Coelho (6)
Guimarães Rosa (7)	Macunaíma (3)
J K Rowling (4)	Kéfera (2)
Pedro Bandeira (3)	Livros de youtubers (2)
Clarice Lispector (3)	Stephanie Meyer (2)
Harry Potter (3)	Chico Xavier (2)
Caio Fernando Abreu (2)	Senhor dos Anéis (2)
José de Alencar (2)	50 tons de cinza (2)
Eça de Queiroz (2)	E. L. James
Mia Couto (2)	Bruna Vieira
Paulo Leminski (2)	Pe Marcelo Rossi
Tati Bernardi	Augusto Cury
Marcos Rey	Zibia Gasparetto
José Saramago	Bukowski
Rubem Fonseca	Amor de perdição
Rubem Braga	A cidade e as serras
Mário de Andrade	Harry Potter

Douglas Adams (O guia do mochileiro da galáxia)	Código da Vinci
Bill Waterson (Calvin e Haroldo)	O alienista
Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas)	Missa do galo
Anthony Burgess (A laranja mecânica)	Sermão da sexagésima
Agatha Christie	Os lusíadas
Vinicius de Moraes	Livros de autoajuda
Manoel de Barros	
J D Salinger (O apanhador no campo de centeio)	*Sete alunos deixaram a resposta em branco.
O senhor das moscas	
Revolução dos bichos	
Marjani Satrapi	
Vladimir Nabokov	
Kurt Vonnegut	
Carlos Drummond de Andrade (O sentimento do mundo)	
As vantagens de ser invisível	
Augusto Cury	
*Dois alunos deixaram a resposta em branco	

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

### UF1

Recomendaria	Não recomendaria
Machado de Assis (15)	Paulo Coelho (8)
Clarice Lispector (9)	Cinquenta tons de cinza (8)
Carlos Drummond de Andrade (6)	Crepúsculo Stephenie Meyer (7)
Fernando Pessoa (5)	Augusto Cury (4)
Guimarães Rosa (3)	Autoajuda (4)
José Saramago (3)	Bíblia (3)
Jack Kerouac (2)	Pe Marcelo Rossi (3)

1984 George Orwell	John Green (3)
A cidade do sol	Zíbia Gasparetto (2)
Admirável mundo novo Aldous Huxley	Textos religiosos (2)
Água viva	Chico Xavier (2)
Albert Camus	Harry Potter (2)
As vantagens de ser invisível	A Náusea
Asterix e Obelix	Aluisio Azevedo
Cecília Meirelles	Aristóteles
Chico Buarque	Assim falou Zaratrusta Nietzsche
Cidade de Deus	Autores Religiosos
Cortiço	Best sellers
Crime e castigo	Camões
Dostoievsk	Constantino (Veja)
Eça de Queirós	Dan Brown
Ecce Homo Nietzsche	Dostoievsk
Emile Zola	Fábio de Melo
George Orwell Revolução dos bichos	Homero
George R R Martins	João Cabral de Mello Neto
Gota d'água	Joyce
Graciliano Ramos	Kama Sutra
Guia do mochileiro das Galáxias	Machado de Assis
Homero	Manuel Bandeira
J K Rowling	Marcuschi
José de Alencar	Nabokov
Leandro Gomes Batista (Cordel)	Platão
Leitura e política – Britto	Pondé
Lord Byron	Revista Veja
Manuel Bandeira	Revolução do bichos (George Orwell)
Marcos Bagno	Romeu e Julieta
Marcos Rey	Stephen King
Meninos em guerra	Tolstoi
O diário de Anne Frank	Tudo o que você precisa saber para não ser idiota
O Hobbit	

O livro de Mormon	Viagens a minha terra – Almeida Garret
-------------------	--

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

## UF2

Recomenda	Não recomenda
Machado de Assis (5)	Augusto Cury (3)
Clarice Lispector (2)	Paulo Coelho (3)
Mia Couto (2)	50 tons de cinza (2)
Jane Austen	Victor Hugo
Stephen Chbosky	Gabriel García Marques
Sir Arthur Conan Doyle	Gustave Flaubert
Oscar Wilde	Madame Bovary
Marcelino Freire	Olavo de Carvalho
Haruki Murakami	Lobão
Eu receberia a pior notícia dos seus lindos lábios	Curso de linguística geral
Dentro da casa (uma peça de teatro)	Crepúsculo
Drummond	Harry Potter
Gabriel García Márquez	Padres
Dom Quixote – Miguel de Cervantes	Aristóteles
Edgar Allan Poe	Fiódor Dostoiévski
Júlio Cortazar	Schopenhauer
Carlos Drummond de Andrade	Zíbia Gasparetto
Monteiro Lobato	Padre Marcelo Rossi
Jorge Amado	Autores de autoajuda
Eduardo Galeano	Kéfera
Gabriel Garcia Marques	Felipe Neto
Jogos vorazes	
O guia do mochileiro das galáxias	
Asano Inio (autor de mangás)	
Capitães da Areia – Jorge Amado	

Harry Potter – J.K Rowling	
Todo Dia – David Levithan	
Cartas de amor aos mortos (Ava Dellaira)	
Sábado à noite (Babi Dewet)	
Um cadáver ouve rádio (Marcos Rey)	

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Algumas referências, como Marcos Bagno e Marcuschi, têm em comum o fato de não serem textos indicados para o Ensino Fundamental II e Médio, tal como solicitado na questão. São textos lidos na universidade, para fornecer subsídios teóricos para os futuros professores e cuja citação revela opiniões individuais de leitura.

Na questão em que os entrevistados poderiam apontar espontaneamente os autores que recomendariam na escola, os nomes mais citados <sup>28</sup>foram

MA1: Machado de Assis (7), Fernando Pessoa (4) e Clarice Lispector (3)

MA2: Machado de Assis (10), Guimarães Rosa (7) e J K Rowling <sup>29</sup>(4)

UF1: Machado de Assis (15), Clarice Lispector (9), e Carlos Drummond de Andrade (6)

UF2: Machado de Assis (5), Clarice Lispector (2) e Mia Couto (2)

A surpresa se apresenta na presença de J K Rowling, citada 4 vezes em MA2.

As respostas dadas espontaneamente à questão sobre qual obra ou autor não recomendariam aparecem da seguinte forma:

MA 1: Stephenie Meyer <sup>30</sup>(7), Paulo Coelho (5) e Augusto Cury (4)

MA2: Paulo Coelho (6), Macunaíma (3) e Kéfera (2) Livros de *youtubers* (2) Stephanie Meyer (2) Chico Xavier (2) Senhor dos Anéis (2) 50 tons de cinza (2)

UF1: Paulo Coelho (8), Cinquenta tons de cinza (8) e Stephenie Meyer (7)

UF2: Augusto Cury (3) Paulo Coelho (3) 50 tons de cinza (2)

Ao contrário das questões 31 e 32, nas quais os participantes citavam espontaneamente autores e livros, a questão de número 33 era dirigida, apresentando nomes de autores com o intuito de que os participantes marcassem com S aqueles que consideram adequados para a leitura na escola e, com N, os que consideram inadequados. Eles também podiam deixar o item em branco, caso desconhecessem a obra do autor citado. Foram mencionados nos

<sup>28</sup> O critério para a colocação na ordem em que os nomes se apresentam foi a quantidade de vezes que o autor foi citado nas respostas dos participantes.

<sup>29</sup> J K Rowling é autora da série de livros Harry Potter

<sup>30</sup> Stephenie Meyer é autora da série Crepúsculo.

resultados abaixo, apenas os autores que, em alguma das categorias, obteve 50% ou mais de marcações dos participantes.

Os autores com maiores índices de rejeição, ou seja, aqueles que os participantes assinalaram N, como inadequados para a leitura na escola foram:

MA1: Chico Xavier, com 60%, Pe Marcelo Rossi com 66%, Stephenie Meyer (Saga Crepúsculo) com 60% e Paulo Coelho com 50%

MA2: Pe. Marcelo Rossi com 95%, Chico. Xavier com 95%, Augusto Cury com 72%, Paulo Coelho com 61%.

UF1: Pe. Marcelo Rossi com 83%, Chico Xavier com 77%, Paulo Coelho com 67% e Augusto Cury Com 64%.

UF2: Pe. Marcelo Rossi com 83%, Augusto Cury com 75%, Paulo Coelho com 58% e Zíbia Gaspareto com 50%.

Em relação aos autores que não seriam indicados, é sensível a rejeição aos *best-sellers* religiosos e de ficção. Chamam a atenção as referências a Chico Xavier e seus índices de rejeição, uma vez que ele não foi citado espontaneamente na questão anterior, com resposta não motivada. Nela são citados livros religiosos em geral e alguns autores religiosos de bastante visibilidade. Paulo coelho é vítima de seu sucesso. Um fenômeno de vendas, talvez ele seja um dos autores brasileiros mais conhecidos no mundo, é o mais rejeitado por professores, intelectuais e críticos.

Os autores com maiores índices de aprovação, ou seja, aqueles que os participantes assinalaram S, como adequados para a leitura na escola foram:

MA1: Fernando Pessoa com 100%, Machado de Assis com 96%, Jorge Amado com 93%, José de Alencar com 93%, Clarice Lispector com 90%, Mario Quintana com 85%, J K Rowling com 76%, Érico Veríssimo com 60%, Pedro Bandeira com 63%, J.R. Tolkien com 53%.

MA2: Fernando Pessoa com 100%, Clarice Lispector com 95%, Érico Veríssimo com 95%, José de Alencar com 90%, Mario Quintana com 90%, Machado de Assis com 86%, Jorge Amado com 86%, JK Rowling com 85%, Pedro Bandeira com 76%, J.R. Tolkien com 76% e Stephenie Meyer com 61%,

UF1: Machado de Assis com 100%, Fernando Pessoa com 100%, Clarice Lispector com 100%, Jorge Amado com 96%, José de Alencar com 95%, Mario Quintana com 93%, Érico Veríssimo com 83%, Pedro Bandeira com 70%, J. K. Rowling com 58%, e JR Tolkien com 52%.

UF2: Jorge Amado com 100%, Mario Quintana com 100%, Érico Veríssimo com 100%, Machado de Assis com 92%, Fernando Pessoa com 91%, Clarice Lispector com 91%, José de Alencar com 83%, JK Rowling com 83%, Pedro Bandeira com 83% e JR Tolkien com 83%.

Em relação a esses autores mais aprovados, não há surpresas. São, em geral, autores clássicos nacionais, de renome internacional e altamente validados pelas instituições de ensino, como Machado de Assis e Fernando Pessoa. Mario Quintana e Érico Veríssimo sequer foram citados espontaneamente, mas, em respostas motivadas, são lembrados e ganham destaque. Além de clássicos nacionais, eles são cânones escolares, ou seja, são comumente indicados, comentados e lidos na escola. A discrepância nos dados se encontra em MA2, ao citar Stephenie Meyer, com 61%. Ela não corresponde a nenhum clássico internacional, entrando, na verdade, na lista de *best-sellers*. Sua entrada nessa lista, unicamente nessa turma e nesse volume de referência, só pode ser explicada pela crescente leitura coletiva, como indicação do curso, de algum professor, ou pelo lançamento de algum sucesso.

	MA1			MA2			UF1			UF2		
	S	N	D	S	N	D	S	N	D	S	N	D
Machado de Assis	29	0	1	18	3	0	31	0	0	11	1	0
Paulo Coelho	12	15	3	5	13	3	7	21	3	5	7	0
Jorge Amado	28	1	1	18	1	2	30	0	1	12	0	0
José de Alencar	28	2	0	19	1	1	29	0	2	10	2	0
Zibia Gasparetto	5	11	14	2	6	13	7	12	12	4	6	2
Augusto Cury	11	14	5	2	15	4	7	20	4	3	9	0
Erico Veríssimo	18	3	9	20	1	2	26	2	4	12	0	0
Chico Xavier	6	18	7	2	20	1	5	24	2	4	8	0
Pe Marcelo Rossi	3	20	7	1	20	2	3	26	2	2	10	0
J. K. Rowling	23	5	2	18	4	1	18	12	1	10	2	0

Fernando Pessoa	30	0	0	21	0	0	31	0	0	11	1	0
Clarice Lispector	27	3	0	20	0	1	31	0	0	11	1	0
Stephenie Meyer	10	18	2	13	10	0	12	15	4	8	4	0
Pedro Bandeira	19	2	9	16	1	6	22	1	8	12	0	0
Mario Quintana	25	0	5	19	0	2	29	0	2	12	0	0
J. R. Tolkien	16	9	4	16	3	2	16	12	3	10	2	0

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Ao final das questões, nas quais eram deixadas indicações do que é recomendável e do que não é recomendável a alunos de Ensino Médio, alguns alunos deixaram recados. Um participante de UF1 afirmou que “Recomendaria que descobrissem um gênero com o qual se identifiquem e, quando descobrissem o gosto pela leitura, estariam prontos para qualquer livro.” Outro participante de UF1 deixou a mensagem: “O importante é ler.” Um participante de UF2 escreveu: “Não há nenhum livro que não recomendaria. Acharia interessante e apoiaria meu aluno em sua leitura mesmo que essa fosse de algum livro ou gênero que não gosto muito particularmente.”

Os participantes questionam as leituras maçantes, as leituras que visam somente ao vestibular, afirmam que a escola precisa abrir-se a novas leituras, aceitar o diferente, não ter preconceitos, entretanto, os participantes rejeitam leituras como best-sellers e livros tidos como de baixa qualidade.

Uma das vertentes da Análise do Discurso, segundo Sírio Possenti (2001, p. 20), diz respeito aos discursos sobre a leitura, dedicando-se à circulação dos textos: que textos “circulam em quais espaços em quais épocas e por quais razões”. Nesse tipo de pesquisa, investiga-se que tipo de autor circula preferencialmente em um espaço e qual autor é evitado. Quais são as leituras de prestígio e quais são rechaçadas. Segundo Possenti, essa vertente da AD trata de questões como “o que seria ou não bom ler, em cada idade e em cada grupo” (2001, p.21). Para o autor, a Análise do Discurso é um conjunto de teorias sobre as restrições que o discurso sofre. Uma das facetas do controle se dá na circulação dos textos, que tipos de textos circulam em determinados lugares e em outros não. A seleção de gêneros e temas, segundo Possenti, é uma forma de controle.

Em uma de suas pesquisas, Anne-Marie Chartier (2005) investigou professores que formam professores e alunos do Instituto Universitário de Formação de Mestres, na França,

sobre suas práticas de leitura. Na pesquisa, surgiram temas como o trabalho com os suportes diferenciados e a leitura de gêneros diversos. Os sujeitos demonstraram, em seus discursos, a presença do sintagma “verdadeiras leituras” em relação à leitura de outros gêneros, como “algo menor”, “algo que não conta”. A autora mostra a necessidade de se levarem os futuros professores a uma leitura mais reflexiva e a importância dos professores formadores nesse processo, buscando estratégias de intervenção. Anne-Marie Chartier defende a importância das trocas, dos compartilhamentos dessas práticas de leitura como um cimento das identidades docentes. A leitura, o que é lido e como se lê integra-se, segundo a autora, na preparação da profissão, explicitando a necessidade de uma reflexão coletiva sobre o tema.

### 3.6.3 Escola X liberdade

Ceccantini assevera que para que a escola obtenha êxito em seu trabalho com a leitura:

Para buscar esse objetivo, será necessário lançar mão, sem pudor de uma postura não instrumental e de um conjunto bastante aberto de obras, contemplando não apenas aquelas inseridas no cânon, mas também aqueles textos capazes de estabelecer um diálogo vibrante com referências que sejam significativas para o grupo de crianças ou jovens com os quais o mediador quiser interagir. Sem isso, a velha fogueira de tempos primitivos certamente continuará perdendo de sua roda preciosos integrantes. (CECCANTINI, 2009, p. 230)

O lugar para a leitura na escola é limitado pelo programa repleto de conteúdos que a instituição acredita ter que “cumprir”. Um dos participantes da pesquisa apontou isso em sua resposta: “ainda há grande dificuldade por conta de **discursos hegemônicos** que ainda circulam na escola como “o bem-falar”, o “bom português” ou o “português correto”, que distancia leituras e diálogos mais próximos do aluno e **impõe os clássicos** fora de contexto.”

Britto explica que

A cultura escolar tem, tradicionalmente, um perfil disciplinar, que se sustenta em um conjunto de conteúdos fixos, o que tem sido um dos aspectos que mais dificulta o avanço da reflexão pedagógica na educação. Esse modelo de escola cumpre funções sociais definidas e é ideologicamente sustentado. Na prática convencional, tais conteúdos, apesar de se vincularem a campos importantes do conhecimento, tornaram-se informações fragmentadas para serem fixadas na memória, perdendo a referencialidade e o sentido formativo que deviam ter. (BRITTO, 2016, p. 81)

Em várias respostas, aparece a ideia de que a escola deve apresentar textos diversos e de gêneros variados e dar a liberdade de escolha aos alunos para que eles formem o seu gosto, entretanto é interessante notar que, ao indicar os textos e autores que a escola deve ou não

incentivar, os participantes colocaram, nos primeiros lugares, os cânones da literatura e os clássicos. Castanho ao discutir a formação de professores de Literatura nos cursos de Letras, assevera “com pouco espaço para a prática e quase nenhuma discussão pertinente à didática, o professor recém-formado vê-se desorientado, atendo-se a técnicas já consagradas, de modo que o modelo se repete ininterruptamente” (CASTANHO, 2012, p. 12). Segundo Anne-Marie Chartier:

Quando falam de pedagogia da leitura, os futuros mestres restituem de bom grado o discurso atual sobre a necessidade de expor os alunos a diferentes tipos de textos, sobre suportes variados (álbuns, livros histórias em quadrinhos, jornais, cartazes) sem hierarquizar a priori os gêneros e os textos. Mas quando são interrogados sobre suas práticas, eles selecionam na memória as verdadeiras leituras e esquecem as outras. (CHARTIER, 2005, p. 90)

O aluno sai do curso com concepções muito semelhantes àsquelas com as quais entrou. Como não se sente preparado suficientemente para a docência, tende a repetir na sala de aula as experiências pelas quais passou durante a própria vida escolar, tanto na maneira de abordar a leitura quanto nas indicações de livros e autores.

Para Zilberman a democratização da leitura na escola diz respeito a se tornar acessível a qualquer grupo e também a possibilitar “uma perspectiva crítica e atuante, segundo a qual leitor se singulariza, porque se posiciona não apenas diante do objeto livro colocado à sua frente, mas perante o mundo que ele traduz” (ZILBERMAN, 2012, p. 64).

Possenti esclarece que a Análise do discurso investiga os dispositivos de circulação social dos textos, ou seja, “quais textos circulam em quais espaços e por quais razões” (POSSENTI, 2001, p. 20). Segundo o autor, as questões a respeito do assunto abordam o que seria bom ou não ler, retomando a “ordem do discurso”, descrita por Foucault (1996), que explicita as restrições que circundam os discursos. Nas respostas dadas pelos sujeitos desta pesquisa, apresentam-se leituras que são autorizadas ou não pela escola, o controle dos textos que devem ou não circular no espaço escolar. Possenti afirma que isso não se relaciona a censura ou proibição necessariamente, mas com a seleção do que, nas representações dos futuros professores de Língua Portuguesa e Literatura, devem ser as leituras indicadas pela instituição escolar. Segundo Britto

Percebe-se, mesmo nos depoimentos da gente simples, que não sabe ler ou que não “lê” com frequência, que, quando se afirma que ler faz bem, que ler é bom, não se está pensando em leituras utilitárias, como as de uma lista, de instrução de medicação ou de receita de comida, mas sim imaginando-se leituras edificantes, leituras de livro, leituras de conteúdos que estão para além da vida prática. (BRITTO, 2012, p.18)

Foucault em sua obra *Vigiar e punir*, traça um paralelo entre a escola e a prisão, nomeando-as como “instituições de sequestro”, que isolam os indivíduos da sociedade para moldá-los e discipliná-los, sob a vigilância de “alguém que exerce sobre eles um poder” (FOUCAULT, 2011, p. 88), como o professor, o diretor da escola ou da prisão. A representação que os alunos participantes da pesquisa têm da escola se indicia pelo campo semântico das palavras que usam ao descrever o papel dessa instituição em relação à leitura. Em MA1, foram encontrados os termos “obrigação”, “forçar” e “pressionado”. Em MA2, há a presença de palavras como “exigir”, “impõe” e “arbitrária”. Em UF1, verificam-se os vocábulos “preso”, “obrigatória”, “limitar”, “falta de liberdade” e, finalmente, em UF2, leem-se termos como “inibidor”, “impõe”, “cobrando”, “podar” e “censurar”. Zilberman discute a falta de liberdade nas leituras escolares:

Raras vezes na escola, seu aparato (como salas de aula), seus instrumentos (como livro didático) e sua metodologia (como a execução do dever de casa) provocam lembranças aprazíveis de leitura. As atividades pedagógicas provocam o tédio, quando não são vivenciadas como aprisionamento, controle ou obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino. (ZILBERMAN, 2012, p. 53)

Abaixo apresentam-se trechos de respostas que evidenciam essa representação da escola como aparelho de repressão.

#### MA1

“A escola tem que incentivar e não **forçar** como é feito hoje em dia”

“A escola **obriga** aluno a ler de tal maneira que os alunos perdem o interesse na leitura”

“A escola deve incentivar a leitura de todas as formas que conseguir, porém de um **jeito mais dinâmico** que não faça os alunos se sentirem **pressionados e obrigados** e é isso que muitos fazem atualmente”

#### MA2

“O papel da escola incentivar a leitura de qualquer obra, ela tem exercido esse papel com leituras **obrigatórias** do **cânone** sem maiores explicações do porquê”

“a escola **impõe** a leitura, é **arbitrária** isso afasta o aluno”

“nem sempre a abordagem escolhida ou até mesmo os livros **impostos** conseguem acompanhar as gerações de leitores que temos hoje em dia”

#### UF1

“Mediar a relação entre aluno e leitura de modo que este leia diferentes tipos de literatura, não ficando **preso**, seja erudita, seja de entretenimento, ou popular. A escola não deixa muito claro que tipo de leitura espera dos alunos e tem como parâmetro uma **leitura idealizada** que remete à cultura europeia”

“deve se **abrir espaço** maior para escolha de livros pelos estudantes do ensino fundamental e para leitura individual nos horários de aula”

“...de forma que parece **obrigatória**”

“O papel da escola incentivar a leitura e não a **limitar** como às vezes faz. Deve sim ser um guia para os alunos mais **dando liberdade** pra encontrar o seu **gosto** literário e a si”

“não apenas ler por **obrigação**”

#### UF2

“ainda há grande dificuldade por conta de **discursos hegemônicos** que ainda circulam na escola como “o bem-falar”, o “bom português” ou o “português correto”, que distancia leituras e diálogos mais próximos do aluno e **impõe** os **clássicos** fora de contexto.”

“acredito que a maioria das escola costumam **desvalorizar determinadas leituras**, sobretudo as provindas da internet, e dá destaque apenas para as **literaturas de prestígio.**”

“Acredito que apenas esteja **cobrando** as leituras para fins **avaliativos** e não culturais.”

“Ela deve, desde anos iniciais motivar leituras [de **livre e espontânea vontade**] aos alunos”

“não **imponha** simplesmente títulos e mais títulos simplesmente por serem abordados em vestibulares.”

“O papel da escola é incentivar a leitura e não “**podar**” os alunos quanto aos gostos que eles já trazem de fora da escola, por exemplo, **censurar** o aluno porque ele lê um best-seller e não um clássico. No entanto, a escola foca muito em fazer com que os

alunos leiam os “clássicos” e **tira a liberdade de escolha** do aluno, o que torna a leitura uma tarefa **maçante** e **chata**, com uma cara de **obrigatoriedade** que tira todo o **prazer** da leitura.”

Os dados abaixo tornam-se bastante relevantes, ao se compararem com os discursos sobre a falta de liberdade e as sugestões democráticas de escolha das leituras por parte dos alunos. Os participantes foram convidados a marcar algumas afirmações com a seguinte numeração:

1-Concorda plenamente

2-Discorda totalmente

3-Não sabe

Professor deve indicar os títulos	1	2	3
MA1	92%	0	8%
MA2	80%	15%	5%
UF1	67%	4%	29%
UF2	59%	25%	16%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Cada um deve escolher o que lê	1	2	3
MA1	76%	15%	9%
MA2	95%	5%	0
UF1	69%	13%	18%
UF2	75%	9%	16%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

O professor deve mediar a leitura	1	2	3
MA1	54%	16%	30%
MA2	70%	18%	12%
UF1	77%	6%	17%
UF2	90%	0	10%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

A maior parte dos alunos dos quatro grupos concorda plenamente com a ideia de que os professores devem indicar as leituras e mediá-las. Entretanto, a maior parte dos participantes dos quatro grupos também acredita e concorda plenamente que os estudantes devem escolher suas leituras.

A questão permitia a resposta “**não sabe**”. Foram separados abaixo apenas as porcentagens de alunos que responderam que não sabiam responder, demonstrando não terem refletido sobre os assuntos relativos à leitura escolar.

Professor deve indicar os títulos	
MA1	8%
MA2	5%
UF1	29%
UF2	16%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Cada um deve escolher o que lê	
MA1	9%
MA2	0
UF1	18%
UF2	16%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

O professor deve mediar a leitura	
MA1	30%
MA2	12%
UF1	17%
UF2	10%

**Fonte:** ZACCARO, 2017.

Um dos discursos cristalizados a respeito da leitura é a ideia de que ler é prazer. Com base nessa representação que as campanhas de fomento à leitura ecoam nas mídias, se constitui um outro discurso, a escola falha no seu papel de formadora de leitores, porque essa instituição torna a leitura enfadonha e maçante, afastando os estudantes dessa atividade. Seguem alguns trechos de respostas presentes nos quatro grupos participantes da pesquisa, fato que comprova que esse discurso é perene e remanente. Ele não se perde, nem se transforma com os anos de formação, pelos quais os alunos de Letras passam.

#### **MA1**

“Incentivar e muito a leitura tornando-a prazerosa os olhos dos alunos ao contrário do que fazem como uma **obrigação** uma atividade **maçante**”

“As escolas deveriam criar programas **dinâmicos**”

“Muito mal, **forçando** a leitura que deveria ser algo **prazeroso**”

“Estimular como uma forma **prazerosa** de busca por conhecimento pessoal e geral”

#### **MA2**

“O incentivo parte do professor tornando o livro mais **atrativo** ao aluno”

“O papel da escola é tornar a leitura **atrativa**, mesmo que ela não o seja para um adolescente e **expandir** isso além dos **clássicos**, deixando a princípio que o aluno leia sobre o que **interessa** a ele, adquirindo, dessa forma, o hábito da leitura”

#### **UF1**

“normalmente ela diminui o **gosto** por textos de **alta literatura** por não ajudar

devidamente”

“seria um incentivo e **práticas menos acadêmicas**”

“não serão iniciados neste mundo através de **obras clássicas** que não fazem parte da realidade atual deles”

“Acredito que a escola deve incentivar a leitura de forma prática e **espontânea**”

## UF2

“No meu ver, a escola peca na forma como incentiva à leitura, visto que por falta de uma didática mais efetiva, torna-a **maçante** e vista pelos alunos como apenas mais um componente **avaliativo**.”

“já que a leitura precisa começar de alguma forma é importante levar em consideração os **desejos particulares** dos alunos, para que vejam na leitura algo **prazeroso e não pesaroso**”

“...**tira a liberdade de escolha** do aluno, o que torna a leitura uma tarefa **maçante e chata**, com uma cara de **obrigatoriedade** que tira todo o **prazer** da leitura.”

Tendo como ponto de partida essa ideia, bastaria dar leituras agradáveis e criar situações lúdicas a respeito dessas leituras para formar leitores. Especialistas no assunto, como Britto, advertem que para se formar um leitor não basta propiciar-lhe momentos agradáveis e lúdicos. Britto afirma que

Se não se quer que a biblioteca (e a escola) seja o lugar de submissão ao autoritarismo, tampouco se deseja que ela seja o lugar da mesmice cotidiana, da repetição do óbvio. Para desmontar a armadilha, é preciso propugnar para que as atividades escolares – nas salas de aula e na biblioteca – se organizem com base em questões que provoquem a crítica à realidade e uma relação criativa com o conhecimento, buscando o diálogo entre o saber sensível-prático (aquilo que as pessoas trazem de sua experiência imediata) e o patrimônio científico produzido pela humanidade. Esse caminho se trilha com atividades de estudo e de experimentação estética, com projetos sistemáticos de leitura de textos, grupos de pesquisa, clubes de leitores, sessões de leitura pública, espaços de estudo individual, com roteiros e bibliografias sugeridos pelos professores. É nessa perspectiva que a biblioteca escolar, ao mesmo tempo passa a ser contraponto ao ensino enfadonho e se torna experiência e de acesso ao conhecimento. (BRITTO, 2016, p. 81)

A questão que envolve a leitura é mais política do que de gosto ou prazer. É necessário que a escola ofereça momentos de leitura e reflexão profunda a respeito do que se lê para que a formação de leitores capazes de efetuar leituras cada vez mais densas, que fujam ao simples prazer de leituras fáceis, seja possível e viável.

### **3.6.4 Caminhos para a formação de leitores na escola e pela escola**

Segundo Leal e Rosa (2015) a escola deve deixar claro quais são os objetivos das leituras e diversificar suas finalidades, mostrando, com base em textos autênticos, na íntegra, que ler não é só decodificar letras e palavras. A escola deve seguir uma perspectiva enunciativa, na qual o sentido do texto não vem da simples decodificação das palavras. Para as autoras, “uma questão importante é a seleção dos textos que o professor traz pra sala de aula e os que escolhe deixar fora, principalmente por considerar que são inadequados” (LEAL; ROSA, 2015, p. 34). Segundo elas, é importante que os autores sejam situados nos contextos que condicionam o que escrevem, com quem estabelecem diálogos, com que objetivos escrevem. As leituras devem abordar as circunstâncias da produção dos textos. De acordo com as autoras, para que a escola forme leitores críticos, não deveria haver censura aos textos que não estão de acordo com o que os professores julgam ser bons para os seus alunos. O ideal seria que se discutissem textos diversos com base em sua historicidade, refletindo sobre valores que possibilitaram a sua origem. Ceccantini afirma que

estará fadado ao fracasso o projeto que identificar a formação de leitores ao modelo tradicional de “ensino de literatura”, fundado num conjunto de obras fechado e generalizado para qualquer contexto, geralmente apresentado o aluno por meio de fragmentos de um livro didático, aos quais o estudante se dirige para atingir este ou aquele objetivo pragmático. (CECCANTINI, 2009, p. 229)

Alguns participantes apontam a necessidade de que a escola se democratize, principalmente no que tange às práticas de leitura, como um participante de MA2 que afirma: “O papel da escola é tornar a leitura atrativa mesmo que ela não o seja para um adolescente e expandir isso além dos clássicos, deixando a princípio que o aluno leia sobre o que interessa a ele adquirindo, dessa forma, o hábito da leitura”, um estudante de UF1 que respondeu que “O papel da escola é incentivar a leitura e não a limitar como às vezes faz, ela deve sim ser um guia para os alunos mais dando liberdade para encontrar o seu gosto literário e a si.” E um participante do grupo UF2 que respondeu que a escola “deve, desde anos iniciais motivar leituras [de livre e espontânea vontade] aos alunos, levando a bibliotecas e outros lugares que

possam aproximar o aluno desse ambiente”. Britto atenta para o fato de que se incute “nos bordões promocionais a sugestão de que ler seria fácil e bastaria querer, e que qualquer um pode ler qualquer coisa, e que qualquer leitura é legítima” (BRITTO, 2016, p. 30). O autor afirma

Tampouco é o caso de insistir na leitura conforme o gosto. Trata-se de outro grande equívoco pedagógico: o de sobrevalorizar o gosto pela leitura, principalmente quando o gosto se referencia na cotidianidade e no entretenimento. O gosto não é a manifestação de determinações biológicas ou genéticas, nem é fruto de uma aprendizagem autodirigida e imanente; gosto se aprende, se muda, se cria, se ensina. Gosto se aprende, se critica, se renova. Se a pessoa só interage com arte fácil e de consumo e se educa neste ambiente, não tem como considerar outras formas de expressão e de recepção do objeto estético. Ler, para além do que já somos, ler como experiência e possibilidade de por ela se modificar, supõe a posse de conhecimentos que muitas vezes não são de domínio imediato, exigindo desprendimento, abertura, determinação, disciplina. Sem disposição para ler e sem a compreensão do que seja literatura, a pessoa rapidamente passa a acreditar que tal livro é chato e que a história não prende a atenção e que o autor está enrolando. Se o que se busca é promover a leitura como valor, é imperativo encontrar estratégias mais densas e mais fundamentadas de estimular a leitura, reconhecendo que ler, em muitas situações, é difícil e que a satisfação que daí se pode retirar é de natureza muito distinta da que oferece o entretenimento cotidiano. (BRITTO, 2016, p. 31)

Um dos discursos relacionados à democratização da leitura na escola é aquele que afirma que os alunos deveriam ter liberdade para escolher suas leituras, como se encontra em uma resposta de um participante de UF1: “Recomendaria que descobrissem um gênero com o qual se identifiquem e, quando descobrissem o gosto pela leitura, estariam prontos para qualquer livro.” Há também a ideia recorrente de que o “O importante é ler.” (UF1), e que qualquer leitura já é um bom começo para a formação de um leitor. Vê-se isso na resposta de um aluno de UF2: “Não há nenhum livro que não recomendaria. Acharia interessante e apoiaria meu aluno em sua leitura mesmo que essa fosse de algum livro ou gênero que não gosto muito particularmente.”

Antunes adverte

É claro que um livro na mão do jovem, mesmo que mal aproveitado, é sempre melhor do que nada, mas os altos investimentos pedem mais do que isso; pedem uma estrutura capaz de tornar essas iniciativas mais eficientes para a formação do verdadeiro leitor, aquele que lê, compreende e age em função da leitura. (ANTUNES, 2015, p. 9)

Se a leitura fica à mercê do gosto do estudante, de suas escolhas, de suas preferências, ele não se desenvolverá, não será preparado para leituras mais profundas e intensas, que não

oferecem prazer momentâneo, mas que são imprescindíveis para que o indivíduo se torne cada vez mais competente como leitor. Britto (2016) assevera que o gosto é construído social e historicamente e as escolhas seguem o mesmo caminho. Desse modo, os estudantes leriam sempre do mesmo, do conhecido, do desejado.”A leitura crítica não se submete ao mimetismo do imediato, devolvendo a cada um o que já lhe é conhecido: ela precisa buscar um diferencial – a potencialidade de abrigar o conhecimento humano” (BRITTO, 2016, p. 78). Para o autor, são necessários mais momentos de leitura de qualidade, com articulações culturais e intelectuais a respeito do que se lê.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta nossa pesquisa buscou depreender representações sobre as práticas de leitura compartilhadas por alunos do primeiro e do último semestres do Curso de Letras de duas diferentes instituições, a partir das abordagens teóricas da História Cultural e da Análise do Discurso. O objetivo foi investigar o que dizem os futuros professores sobre suas práticas e que representações sobre a leitura são por eles compartilhadas, buscando semelhanças e diferenças nesses dizeres e filiações a certas formações discursivas. Com base na análise das respostas dadas ao questionário aplicado aos quatro grupos, verificou-se a presença de discursos remanentes sobre a leitura nos enunciados produzidos pelos alunos entrevistados, tanto quando se referiam às próprias opiniões e práticas, quanto ao se referirem a outros sujeitos. As representações de leitura que figuram nessas respostas apresentam semelhanças importantes, tanto junto aos alunos que estão iniciando como àqueles que estão concluindo o curso de Letras (independentemente de pertencerem ao grupo de alunos da rede pública ou privada). Essa semelhança indicia a força de conservação de certos discursos, que, adquirem valor de verdade e circulam de maneira naturalizada.

Segundo as respostas dos participantes, a motivação que levou a maioria a escolher o curso de Letras foi a leitura ou a literatura. De acordo com os dados da pesquisa, a docência não é o fator mais determinante, nem se encontra entre os mais citados como motivação para a escolha do curso. Apesar disso, como se trata de uma licenciatura, o curso de Letras tem como uma de suas funções, talvez a principal, a formação de professores para a área de ensino de língua materna, línguas estrangeiras, literatura e leitura. É necessário que se distinga o que é formar um especialista em uma área e um professor. No primeiro caso, o estudante é formado para dominar os conteúdos do curso, para preencher seu repositório de conhecimentos sobre os assuntos da área, além da tentativa de repor e suprir lacunas que o estudante traz do ensino básico; no segundo caso, ocorre a preparação de alguém que domina os conteúdos e sabe trabalhá-los na educação básica, que conhece a realidade em que irá atuar, que sabe como planejar e executar uma aula. Formar o aluno como leitor é importante, mas é necessário que se pense na formação do professor de leitura. O equívoco dos cursos de formação docente encontra-se, na maior parte dos casos, nessa dicotomia. Grande parte do conteúdo programático e do tempo na graduação é dedicada a disciplinas que ensinam tópicos aos alunos, com o objetivo de melhorar sua escrita e sua leitura, sem reflexões constantes e profundas sobre o espaço da sala de aula, no qual os futuros professores atuarão. Um dos

indícios desse processo é a manutenção do que se enuncia sobre a leitura quando o aluno entra no curso e sai dele. Isso também testemunha a força dos discursos consensuais sobre a leitura, a que os alunos foram expostos antes e em outros espaços distintos da universidade. A remanência desses discursos a respeito da leitura e o desconhecimento dos alunos sobre a geração que se encontra atualmente no ensino fundamental e médio evidenciam uma omissão da universidade na formação de profissionais aptos e conscientes de suas atribuições. A universidade costuma apontar problemas e criticar a escola, porém falha em seu papel na formação de professores. Essas considerações apontam para a necessidade de se repensarem as matrizes curriculares dos cursos de Letras, objetivando um maior contato com a realidade e com as práticas efetivas que abrangem a leitura na escola.

Alguns estudantes do último semestre da universidade pública indicaram o estágio como um momento privilegiado de contato com a realidade. Tais respostas se destacaram entre aquelas em que os participantes partem de suposições e experiências pessoais, do convívio com amigos ou familiares, para analisar a leitura dos alunos que estão agora no ensino fundamental. Foram frequentes respostas como “sem opinião formada”, “não sei responder”, com dizeres vagos, incertos e também respostas em branco, com “chutes” e “achismos”. Esse tipo de enunciado, que demonstra falta de preparo e desconhecimento da realidade escolar, aparece tanto nas turmas iniciantes, quanto nas turmas concluintes, na universidade pública e na privada, demonstrando que não há grandes transformações nos discursos dos que entram e dos que saem do curso, que não há um salto efetivo nas concepções dos estudantes que passam pelos bancos universitários no que diz respeito à leitura e às suas práticas.

Essa constatação, a partir do que enunciam por meio de um questionário de uma pesquisa, pode ser relativizada. Como estudiosos da área de análise dos discursos e da história cultural das práticas e representações da leitura, sabemos que o que se enuncia não corresponde necessária e plenamente às práticas, às concepções e valores. O que se enuncia é, sem dúvida, um indício, mas não um reflexo. Isso não significa dizer que embora não sejam um reflexo não atuem como fonte para refletirmos e propormos práticas como componentes curriculares, oficinas e estágios dedicados a reflexões sobre a leitura e suas práticas.

Em muitas respostas, os participantes da pesquisa apontam representações do bom leitor como aquele que lê literatura, desconsiderando outros objetos de leitura, como revistas, reportagens e artigos científicos. As representações de “boa leitura”, segundo as quais apenas as leituras de prestígio devem ser consideradas como leituras válidas, levam ao julgamento

dos outros e de si mesmos como não leitores. Quando foram questionados sobre os suportes digitais, os participantes, em sua maioria, colocaram-se a favor da leitura em *tablets*, computadores e celulares, considerando-a importante nos dias atuais, porém a grande maioria, apesar de aprovar a leitura nos meios digitais, afirmou preferir o livro impresso, porque assim podem tocá-lo, manuseá-lo, sentir seu cheiro, fazer anotações nele. Em uma das respostas, inclusive, o estudante disse preferir o livro “de verdade”, o que deixa transparecer que, em sua visão, os livros lidos nos meios digitais ‘não são livros de verdade’. Apesar de tecerem um julgamento eufórico, ou seja, positivo, aos suportes digitais, existe ainda um descrédito dos textos disponíveis na internet e um certo desconforto na prática da leitura nesses meios. Parte representativa das respostas apresenta a seguinte estrutura: um elogio aos meios digitais + uma construção adversativa + uma justificativa apresentando um ponto negativo da leitura nesses suportes. Os alunos pesquisados também atribuem à tecnologia o afastamento dos adolescentes da leitura. Há ainda os que defendem esses suportes, justificando suas respostas com base na praticidade da acessibilidade, na democratização da leitura, que dá oportunidade de ler àqueles que não teriam condição de comprar um livro, mimetizando assim os principais argumentos utilizados na publicidade das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Entretanto, a afirmação de que a leitura nos meios digitais é mais barata deveria ser seguida do questionamento: “mais barata para quem?”. Em um país com tanta desigualdade social, é complexo afirmar que a internet e os meios digitais chegam a todos de igual forma.

A análise discursiva dos dizeres dos participantes evidenciou também a força da ideia, tantas vezes repetida, da vinculação da leitura ao prazer. Segundo grande parte dos participantes, ser um bom leitor não se relaciona a habilidades e competências de interpretação, mas sim ao prazer, ao gosto de ler. Não houve, entre as respostas, o questionamento dessa premissa. Talvez seja esse consenso o mais forte quando, na atualidade, alguém é colocado diante da situação de ter de falar da leitura: é preciso se dizer leitor, porque tem prazer em ler ou se dizer não leitor, porque não gosta de ler. A falta de bibliotecas e os problemas econômicos não foram apontados como os principais obstáculos que dificultam a leitura para a maioria das pessoas, e o que impede, efetivamente, que grande parte dos brasileiros possam escolher ser leitor, aprender a ser leitor, aprender a gostar de ser leitor. Esse foi outro aspecto ausente nas formulações dos alunos: a compreensão de que o gosto da leitura é algo que se aprende, não se relaciona direta e exclusivamente ao indivíduo, mas sim a suas condições sociais de leitura.

Para a maior parte dos participantes desta pesquisa, o professor é o principal incentivador dos leitores. Com base nisso, várias respostas apontam a escola como o espaço privilegiado de contato dos indivíduos com a leitura. Segundo as respostas dos alunos pesquisados, a escola é fundamental na formação do leitor, mas tem falhado nesse papel. Relacionado ao discurso que vincula leitura e prazer, nasce a ideia de que a escola não cumpre satisfatoriamente sua função, porque torna a leitura enfadonha, desinteressante e cansativa. Em várias respostas, encontrou-se a presença de discursos que descrevem a escola como uma instituição repressora, um lugar em que falta liberdade, no qual as leituras são obrigatórias e desvinculadas da vida dos adolescentes, um local que não abre espaço para as escolhas pessoais e para o “gosto” do novo leitor em formação. Dessas constatações, é digno de nota o papel que o professor desempenha de acordo com as respostas dos entrevistados. Apesar das críticas dos alunos à escola, em grande parte, baseadas na força de um discurso muito próprio ao universo publicitário e ligado à lógica capitalista, da ênfase no prazer, há um reconhecimento de seu papel fundamental como instância a partir da qual ler e ser leitor se tornou possível.

Para que os futuros professores possam definir estratégias eficazes de formação de leitores competentes, é indispensável que se conheça a realidade com que se vai lidar, que se compreenda de modo aprofundado que é necessário que sejam ampliadas as oportunidades de leitura, de trocas, de debate e reflexão sobre o que se lê. É fundamental que os estudantes do ensino básico sejam frequentemente expostos à leitura, que essa leitura seja feita de modo profundo e que a densidade e a complexidade dos textos sejam intensificadas de forma gradativa. Deixar que os alunos escolham suas leituras, de acordo com o seu gosto, não é uma prática que necessariamente leva o sujeito a ler textos cada mais difíceis e tornar-se mais competente como leitor. O que distancia os estudantes da leitura não é a falta de prazer ou liberdade, mas sim a deficiência no domínio das técnicas, a falta de frequência com materiais complexos e desafiadores, com graus de dificuldade crescentes, e sobretudo, de condições materiais e consciência da ausência dessas condições como limitadores das práticas, dos gostos, das possibilidades de vir a ser leitor.

Embora questionem a falta de liberdade na instituição escolar e tragam discursos democráticos a respeito da leitura, os participantes da pesquisa acreditam que há leituras indicadas para a escola e leituras que não devem ser levadas para a sala de aula. Ainda que a maior parte dos estudantes pesquisados defenda a ideia de que a escola deve se abrir para outros gêneros de leitura, ampliando a variedade de textos, além da leitura dos clássicos e dos

livros de vestibular, as respostas apontam que os alunos do curso de Letras recomendam autores consagrados, como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, e rejeitam leituras como Paulo Coelho, Augusto Cury e *best-sellers*. Pela falta de preparo durante a sua formação na licenciatura, e os poucos momentos de reflexão sobre o tema, os novos docentes tendem a reproduzir as mesmas escolhas de títulos de livros e de nomes de autores que seus professores sempre fizeram, com uma tendência a repetir as práticas de leitura com que conviveram em seu período escolar.

Todas essas informações e dados podem levar a uma reflexão sobre a natureza da formação de professores no curso de Letras, principalmente no que concerne à leitura e à importância que ela tem na vida dos sujeitos. Seria útil, com base nesses dados, que os responsáveis pela formação dos futuros professores de Português repensassem o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), as matrizes curriculares, as disciplinas, as ementas, os objetivos, para que reflexões profundas sobre a leitura e suas práticas na sala de aula ganhassem mais espaço. O curso de Letras deve primar por formar professores capacitados para atuar na educação básica, docentes que sejam habilitados a mediar leituras e formar leitores, por meio da difusão da leitura de qualidade nas escolas. Apresenta-se, portanto a necessidade de abordagens mais críticas e reflexivas a respeito do tema, tendo como base os pontos de vista sociocultural e principalmente político que envolvem as questões a respeito da leitura. O que os participantes da pesquisa enunciam aproxima-se do senso comum, o que implica que, como professores, também reproduzirão grande parte desses discursos consensuais, contribuindo assim com a reprodução e perpetuação de certos discursos sobre a leitura, alheios, na maioria das vezes, ao caráter autoritário e burguês desses discursos. Ao final do curso, os concluintes não trazem representações sobre a leitura muito distintas daquelas que circulam socialmente e estão presentes nos dizeres dos alunos iniciantes. Seria de se esperar que após três, quatro ou cinco anos na universidade, houvesse uma transformação nos modos de se conceberem a leitura e suas práticas, aproximando-as de uma visão mais crítica, que não a relacionasse, por exemplo, à leitura por gosto ou prazer, de modo exclusivo, mas reconhecendo-a como uma prática que excede a mera decodificação, cuja possibilidade de exercício excede o mero interesse individual de cada leitor, cuja emancipação, por meio de seu exercício, excede o simples acúmulo de textos e rótulos de leitura de clássicos, assim como a adesão ingênua aos modismos dos textos breves e fragmentários. É preciso apostar na ampliação da reflexão sobre a dimensão política, social e econômica implicada nos gestos de leitura. Assim, é necessário que sejam abandonadas as visões ingênuas e superficiais sobre o tema e que se

pense em ações efetivas, que garantam o acesso de todos à leitura e ao letramento e que ultrapassem a simples decodificação de letras e palavras, possibilitando a todos os cidadãos o contato com os mais diversos materiais de leitura e o desenvolvimento de habilidades capazes de levar o indivíduo a ser um leitor competente e crítico de textos densos e profundos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. (org.). **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995
- ABREU, Márcia. **Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura**. In: MARINHO, M. (Org.). Ler e navegar: espaços e percursos da leitura. Campinas: ALB; CEALE; Mercado de Letras, 2001
- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Estereótipos y clichés**. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2010
- FERNANDES JÚNIOR, Antonio. **A Felicidade em práticas discursivas contemporâneas**. In: Kátia Menezes de Souza; Humberto Pires da Paixão. (Org.). Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade. 01ed.São Paulo: Intermeios, 2015, v. 01, p. 209-236.
- ANTUNES, Benedito. **O papel dos cursos de letras na formação dos professores de leitura e literatura**. CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores... São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 7252-7262 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141735>>.
- ANTUNES, Benedito. **O ensino da literatura hoje**. Revista FronteiraZ - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária- nº 14 – Julho de 2015. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/22456-61464-1-PB.pdf
- BARZOTTO, Valdir. Heitor.; BRITTO, Luiz Percival Leme. **Promoção x Mitificação da Leitura**. In: Boletim informativo da ALB. Campinas, n. 3,1998.
- BATISTA, Antonio A.G. **Os professores são “não-leitores”?** In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da. Leituras do Professor. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998. p.23-60. (Coleção Leituras no Brasil)
- BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BENEVIDES, Araceli Sobreira. **A leitura e a formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos/as do curso de Letras**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2005.
- BRITTO. Luiz Percival Leme. **O leitor interdito**. In Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, 2003. (p. 143-164)
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Letramento no Brasil**. Curitiba, IESDE Brasil, 2013
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura – biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016 (recurso digital)
- CASTANHO, Ana Paula Belomo. **O ensino da literatura e a formação de professores em cursos de letras**. Dissertação (Mestrado em Literatura) Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis: 2012
- CAVALLO, G; CHARTIER, R. (orgs.) **História da Leitura no Mundo Ocidental I**. São Paulo: Ática, 1998.
- CECCANTINI, João Luis. **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. In: SANTOS, Fabiano dos, MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia M.K. (orgs). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Editora Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Do códice ao monitor: a trajetória do escrito**. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012) Acesso em: 20 de julho de 2018.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999a.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999b.
- CHARTIER, Roger. (org.) **A história da leitura no Mundo Ocidental 2**. Trad. São Paulo: Editora Ática, 1999c.
- CHARTIER, Roger. **Do livro à leitura**. In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. 2º Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Chartier, Roger. *À beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002a.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.

CHARTIER, Roger. **Do social ao cultural. In: A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009

CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura-1880-1980.** Tradução Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Anne Marie **Os futuros professores e a leitura.** In: GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G. (orgs). **Leitura: práticas, impressos, letramentos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (p. 89-97)

CORSI, Fabrícia Migliorato. **Representações das práticas de leituras no Ensino Médio: o que dizem os alunos de escolas públicas de Minas Gerais sobre si, como leitores.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

COSTA, Marta Morais. **Literatura Infantil.** Curitiba: IESDE Brasil, 2009

COURTINE. J-J. **O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político.** In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzato, 1999, p. 15-22.

CURCINO, Luzmara. **Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja.** 2006. 337 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2006.

CURCINO, Luzmara. **Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso.** In: GREGOLIN, M. R. V.; KOGAWA, J. M. M. (orgs.). Análise do discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas. Araraquara: Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CURCINO, Luzmara. **Velhos novos leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos.** ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 41 (3): p. 1013-1027, set-dez 2012.

CURCINO, Luzmara. **Desafios ao ensino de leitura frente às ordens que regulam sua produção na atualidade.** In: MOMESSO, M.R.; ASSOLINI, F. E. P.; (et al) (orgs.). Das práticas do ler e escrever. Ao universo das linguagens, códigos e tecnologias. Porto Alegre: CirKula, 2014.

CURCINO, Luzmara. **Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores.** In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). (In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CURCINO, Luzmara; BORGES, Rafael. **Uma análise discursiva do “ser leitor” nas “Dicas de Leitura” do Blog do Galeno.** Interletras, ISSN N° 1807-1597. V. 6, Edição número 24, 2017.

CURCINO, Luzmara. **Medios de comunicación y política: discursos sobre la lectura y la representación como lectores de los presidentes de Brasil (1995-2016)**. In: DAGATTI, M.; SARGENTINI, V. (orgs.). Los pueblos de la democracia. Política y medios en el siglo XXI. San Fernando: La Bicicleta, 2018.

CURCINO, Luzmara. **Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros**. Relatório de Pós-doutorado, UNICAMP, Campinas, 2018. (mimeo).

CURCINO, Luzmara. **O que se ensina quando se ensina a ler: discursos sobre a leitura e sua incidência sobre as práticas de ensino e de formação dos sujeitos em nossa sociedade**. In: REP's – Revista Eventos Pedagógicos – UNEMAT: SINOP, dez/2019. (no prelo)

ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FIORIN, José Luiz. **A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária**. Revista Línguas e Letras, v.7, n°12, I sem, p.11-25.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2011

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1997 (p. 27-38)

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes – O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HÉBRARD, Jean, CHARTIER, Anne-Marie. **Discursos sobre a leitura**. São Paulo: Ática: 1995.

HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares: entre leitura pública na França do III Império e da III República**. Porto Alegre: Mercado das Letras, 2009.

HÉBRARD, Jean. **A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita**. Revista do Centro de Educação, UFSM, Cascavel, [v. 32, n. 1, jan.jun. 2007](http://casavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/657/468) <http://casavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/657/468> Acesso em 30 de setembro de 2014.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. Disponível em:

[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/relatorio\\_sintese/2017/Letras-Portugues.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Letras-Portugues.pdf)

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A Leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEAL, Telma Ferraz; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Formação de leitores na escola: leitura como prática social**. In. Brasil. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (org.). **Leituras do Professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).

MEDEIROS, Rejane Rodrigues Almeida. **Representações do ensino da leitura: as aulas de português na escola secundária brasileira (séculos XIX e XX)**. 2019 (no prelo) Doutorado em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do Texto e do Discurso - Mapeando Conceitos e Métodos**. São Carlos: 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto – Formulação e Circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIVA, Aparecida (org.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1977.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP, 1997a, p. 61-161.

PÊCHEUX, M. e C. FUCHS **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP, 1997b, p.163-253.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso Estrutura ou Acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

POSSENTI, Sírio. **Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?** In: MARINHO: Marildes (org.). Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido**. Educar, Curitiba, n. 20, p. 59-75. 2002. Editora UFPR.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives Digital Immigrants. On the Horizon**, Vol. 9 Issue: 5, pp.1-6. 2001.

ROSIN, Pamela da Silva. **Peculiaridades do exercício da função autor em redes sociais: uma análise discursiva de "mensagens compartilhadas" pelo Facebook**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

STAA, Betina Von. Facilitar acesso é maior benefício de livros digitais. **Revista Porvir de Educação**, 2012. Disponível em: <http://porvir.org/facilitar-acesso-e-maior-beneficio-de-livros-digitais/> Acesso em 10 jan. 2019.

VARELLA, Simone. **Como e por que se deve ler: um panorama dos discursos sobre a leitura manifestos em vídeos em prol dessa prática**. Disponível em: <file:///C:/Users/Seven/Downloads/63-115-1-SM.pdf> Acesso em 12 de julho de 2017

VARELLA, Simone. **A promoção da leitura: discursos e práticas de seu incentivo no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Práticas de leitura na escola**. Orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

## ANEXOS

### ANEXO A – QUESTIONÁRIO

**QUESTIONÁRIO DIRIGIDO**

Público alvo: Alunos concluintes do Curso de Letras  
Tipo de instituição: Universidade pública  
Cidade da instituição: São Carlos

1) Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2) Formação:

( ) 1a graduação curso de \_\_\_\_\_

( ) 2a graduação curso de \_\_\_\_\_

3) Estudou no Ensino Básico em:

( ) Rede pública municipal  
( ) Rede pública estadual  
( ) Instituto Federal  
( ) Rede particular  
( ) Parte na rede pública, parte na rede privada  
( ) Outros: \_\_\_\_\_

4) Renda familiar: (Salário mínimo em 2017: R\$ 937,00)

( ) até 1 salário mínimo  
( ) 1 a 2 salários mínimos  
( ) 2 a 5 salários mínimos  
( ) Mais de 5 salários mínimos

5) Profissão do pai: \_\_\_\_\_  
Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

6) Você decidiu cursar Letras, porque identifica-se sobretudo com: (Você pode escolher mais de uma opção.)

( ) o estudo da gramática  
( ) a leitura  
( ) a literatura  
( ) a produção de textos  
( ) a docência (quer ser professor)  
( ) as línguas estrangeiras  
( ) Outra: \_\_\_\_\_

7) O que normalmente você faz no tempo livre: (Você pode escolher mais de uma opção.)

( ) assiste à televisão  
( ) escuta música  
( ) descansa  
( ) reúne-se com amigos ou família  
( ) assiste a filmes  
( ) joga videogame  
( ) sai com amigos  
( ) lê (jornais, revistas, livros, textos na internet)



- navega na internet
- pratica esportes
- assiste a eventos esportivos na televisão
- faz compras
- passeia em parques e praças
- acessa redes sociais (Facebook, Instagram, Twiter)
- escreve
- vai a bares e restaurantes
- viaja
- desenha/pinta
- vai ao cinema, teatro, museus, exposições
- faz trabalhos manuais, artesanato

Ordene, de 1 a 5, as cinco principais atividades que você indicou na questão anterior, de número 7, em uma ordem decrescente, sendo 1 a de maior frequência e 5 a de menor frequência:

- 1- \_\_\_\_\_
- 2- \_\_\_\_\_
- 3- \_\_\_\_\_
- 4- \_\_\_\_\_
- 5- \_\_\_\_\_

- 8) Quantos livros você leu nos últimos doze meses? \_\_\_\_\_  
Quantos desses livros, você leu de forma espontânea? \_\_\_\_\_  
Quantos desses livros, você leu por exigência do trabalho ou da escola/universidade? \_\_\_\_\_  
Quantos desses livros, você leu para entretenimento? \_\_\_\_\_  
Qual foi o último livro que você leu? \_\_\_\_\_

9) Você frequenta alguma biblioteca?

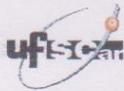
- Sim       Não

10) Que tipo de biblioteca?

- pública/municipal  
 acadêmica/universitária  
 outra. Explique: \_\_\_\_\_

11) Em que disciplina da universidade há mais demanda de leitura de livros? (Numere de 1 a 4, nos parênteses, em ordem crescente, sendo 1 aquela em que há mais demanda de leitura e 4, aquela em que há menos demanda.)

- Língua portuguesa  
 Literatura  
 Línguas estrangeiras  
 Leitura e produção de textos  
 Outras: \_\_\_\_\_



12-O que você lê com mais frequência? (Você pode escolher mais de uma opção.)

- Revistas
- Poesia
- Contos e crônicas
- Romances
- Livros religiosos
- Livros de política, história ou ciências sociais
- Biografias
- Autoajuda
- Artes
- Ensaios, ciências e humanidades
- Esoterismo
- Jornais
- Livros indicados na universidade
- Textos da universidade
- Histórias em quadrinhos
- Textos na internet
- Livros digitais
- Áudio-livros
- Bíblia

Outros: \_\_\_\_\_

Ordene, de 1 a 5, as cinco principais atividades que você indicou na questão anterior, de número 12, em uma ordem decrescente, sendo 1 a de maior frequência e 5 a de menor frequência:

- 1- \_\_\_\_\_
- 2- \_\_\_\_\_
- 3- \_\_\_\_\_
- 4- \_\_\_\_\_
- 5- \_\_\_\_\_

13-Explique que razões você atribui à maior quantidade de leitura desse tipo de material que você indicou na questão anterior:

\_\_\_\_\_

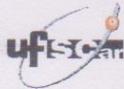
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

14) Sobre a leitura de livros, você costuma ler: (Você pode assinalar mais de uma alternativa.)

- apenas trechos ou capítulos
- o livro inteiro de uma só vez
- o mesmo livro mais de uma vez
- partes do livro mais de uma vez
- pulando páginas
- mais de um livro ao mesmo tempo
- lê até o fim mesmo se não gostou do livro



15) Que razões e que tipos de livros o levam a ler parcialmente o texto?

---

---

---

---

---

16) A maioria dos livros que você lê são: (Você pode escolher mais de uma opção.)

- Emprestados por outras pessoas
- Comprados
- Bibliotecas
- Presenteados
- Distribuídos pelo governo
- Internet (baixados ou online)
- Ebooks
- Fotocopiados

17) Na sua opinião, a leitura é importante, porque

---

---

---

---

---

18) Na sua opinião, um bom leitor é aquele que:

---

---

---

---

---

19) Você se considera um bom leitor? Por quê?

---

---

---

---

---



20) Para você, o que a leitura significa? (Você pode escolher mais de uma opção.)

- Fonte de conhecimento
- Crescimento profissional
- Fonte de sabedoria
- Desenvolvimento cultural
- Prazer
- Uma atividade que ocupa muito tempo
- Prática obrigatória
- Uma atividade que produz cansaço/ exige muito esforço
- Uma atividade entediante

Outros: \_\_\_\_\_

Ordene, de 1 a 5, as cinco principais respostas que você indicou na questão anterior, de número 20, em uma ordem decrescente, sendo 1 a de maior importância e 5 a de menor importância:

1- \_\_\_\_\_

2- \_\_\_\_\_

3- \_\_\_\_\_

4- \_\_\_\_\_

5- \_\_\_\_\_

21) Quais são as motivações que levam você a ler?

- prazer
- atualização
- conhecimentos gerais
- exigência escolar ou acadêmica

Outros: \_\_\_\_\_

22) Para as pessoas, em geral, o principal obstáculo para a leitura é:

- Ler muito devagar
- Não compreender a maior parte do que lê
- Não ter paciência para ler
- Não conseguir se concentrar
- Falta de tempo
- Desinteresse
- Preferir outras atividades
- Não ter dinheiro para comprar livros
- Falta de bibliotecas

Outros: \_\_\_\_\_

23) Dê a sua opinião sobre a leitura na internet, no computador ou em tablets:

---

---

---

---

---

---



24) Numere as alternativas com 1, se concorda plenamente e 2, se discorda totalmente e 3, se não sabe.

- ( ) o professor deve indicar os títulos
- ( ) cada um deve escolher na biblioteca o que ler
- ( ) a leitura deve ser sempre seguida de uma avaliação
- ( ) a leitura deve ser sempre seguida de um debate ou discussão em sala
- ( ) a leitura deve ser acompanhada de atividades, como resumos e questionários
- ( ) o aluno tem o direito de parar a leitura, caso não esteja gostando do livro
- ( ) o professor deve mediar a leitura, suprimindo as lacunas no repertório dos alunos
- ( ) o professor deve atribuir notas ou pontos extras para as leituras feitas espontaneamente
- ( ) o professor deve ler trechos dos livros com os alunos em sala de aula
- ( ) deve haver um tempo para a leitura durante o período escolar

25) Na sua opinião, os alunos que estão agora no Ensino Fundamental, em relação à época em que você tinha a mesma idade:

- ( ) leem mais do que a sua geração
- ( ) leem menos do que a sua geração
- ( ) leem o mesmo tanto que a sua geração lia
- ( ) são mais abertos e curiosos a outros tipos de textos

Outros: \_\_\_\_\_

Justifique sua resposta:

---

---

---

---

---

26) As maiores barreiras para a frequência da leitura dos alunos do Ensino Fundamental são: (Assinale até duas alternativas.)

- ( ) o alto preço dos livros
- ( ) falta de vontade
- ( ) a internet e os videogames
- ( ) dificuldade de acesso a bibliotecas
- ( ) dificuldade de compreensão
- ( ) a lentidão da leitura

27) Marque com S as leituras que a escola deve incentivar e N aquelas que a escola não deve incentivar:

- ( ) Clássicos da literatura
- ( ) Best Sellers
- ( ) Gibis
- ( ) Livros de autoajuda
- ( ) Jornais
- ( ) Mangás
- ( ) Bíblia
- ( ) Enciclopédias
- ( ) Livros de receita
- ( ) Poemas



28) Na sua opinião, qual é o papel da escola em relação à leitura? De que forma ela tem exercido tal papel?

---

---

---

---

---

---

29) Você deve numerar as afirmações abaixo, seguindo o seguinte critério:

- ( 1 ) Concordo totalmente.
- ( 2 ) Concordo em parte
- ( 3 ) Discordo em parte
- ( 4 ) Discordo totalmente
- ( 5 ) Não sei

- ( ) Ler bastante pode fazer uma pessoa vencer na vida e melhorar sua situação socioeconômica.
- ( ) Cada leitor tem sua interpretação e não há leitura errada.
- ( ) Um indivíduo leitor torna-se uma pessoa melhor e mais solidária.
- ( ) Quem lê viaja, pois a leitura é uma fonte de prazer, entretenimento e lazer.

30) Quem mais influencia um leitor a ler:

- ( ) Mãe (ou responsável do sexo feminino)
- ( ) Pai (ou responsável do sexo masculino)
- ( ) Outro parente
- ( ) Professor (a)
- ( ) Amigo (a)
- ( ) Padre, pastor, líder religioso
- ( ) Outros \_\_\_\_\_

31) Cite três títulos ou autores que você recomendaria a alunos do Ensino Médio:

- 1- \_\_\_\_\_
- 2- \_\_\_\_\_
- 3- \_\_\_\_\_

32) Cite três títulos ou autores que você **não** recomendaria a alunos do Ensino Médio:

- 1- \_\_\_\_\_
- 2- \_\_\_\_\_
- 3- \_\_\_\_\_



33) Marque com S os autores que você considera adequados para a leitura na escola e, com N, os que você considera inadequados, ou deixe em branco se desconhecer a obra do autor:

- ( ) Machado de Assis
- ( ) Paulo Coelho
- ( ) Jorge Amado
- ( ) José de Alencar
- ( ) Zíbia Gasparetto
- ( ) Augusto Cury
- ( ) Érico Veríssimo
- ( ) Chico Xavier
- ( ) Padre Marcelo Rossi
- ( ) J. K. Rowling (Série Harry Potter)
- ( ) Fernando Pessoa
- ( ) Clarice Lispector
- ( ) Stephenie Meyer (Série Crepúsculo)
- ( ) Pedro Bandeira
- ( ) Mário Quintana
- ( ) Rick Riordan (Série Percy Jackson)
- ( ) J. R. Tolkien (Senhor dos Anéis)

<sup>i</sup>A questão de número 29 teve como base as reflexões de Barzotto e Brito, no texto Promoção X mitificação da leitura, encontrado no Boletim Informativo da ALB (Associação de Leitura do Brasil), n.3, de agosto de 1998

<sup>ii</sup> Algumas questões foram baseadas nos questionários da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, feita pelo Instituto Pró-Livro, nos anos de 2008 e 2012. As pesquisas podem ser consultadas no site [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)

**ANEXO B – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS RESPOSTAS DADAS ÀS QUESTÕES ABERTAS**

**13-Explique que razões você atribui à maior quantidade de leitura desse tipo de material que você indicou na questão anterior:**

**MA1**

1-Textos da internet: é o que tenho acesso mais **rápido**, que **exige menos atenção**, **questão de tempo**.

2-Poesia é um gênero que me chama mais atenção, tem um sentimento implícito que pode ser sentido imediatamente e é o texto que leio e não vejo o tempo passar.

3-Romances pelos meus gostos literários e por ser uma romântica.

4-Romances pelo prazer na leitura.

5-Livros digitais pela facilidade de poder ler em qualquer lugar e acessibilidade financeira.

6-Poesia por gosto e para melhora das minhas próprias produções.

7-Poesia por identificação pessoal.

8-Bíblia, pois amo ler a Bíblia.

9-Jornais, pois o jornal atende às necessidades de estar a par das atualidades.

Histórias em quadrinhos para meus irmãos. Biografias por curiosidade.

10-Adequação do vocabulário e informações extras.

11-Poesia: meu gosto por leitura começou quando eu me interessei por poemas, então é algo muito importante para mim.

12-Romance: acho esse tipo de livro com uma interpretação e leitura mais fácil de compreender e é o tipo de livro que me identifico.

13-Romance: sou apaixonada em romances, nos envolvimento emocionais e em como me sinto retratada neles a maioria do tempo.

14- Jornais pela facilidade de acesso praticidade e relevância.

15-Procuro a leitura de livros de cunho filosófico/existencial, é uma literatura mais desafiadora. Como por exemplo, os romances do Dostoievski, Thomas Pynchon, David Forest Wallace. Também gosto de aprender filosofia, por isso busco livros de cunho político, ensaios filosóficos etc.

16-Textos da internet, pois passo um número absurdo de tempo na internet.

17-Romances: é o gênero que mais me agrada e me inspira a escrever meus próprios romances.

18-Romances: mesmo não tendo tempo para apenas ler nas horas vagas é o que mais gosto no curto tempo, como no meu horário de almoço gosto de ler textos na internet, leituras didáticas que têm a ver com meu curso.

19-Romances, pois faço resenhas para blog literário como hobby, passatempo e por amor não por obrigação.

20-Eu gosto de ler com mais frequência poesias, romances e contos, porque me identifico mais com eles e me agradam mais.

21-Textos na internet por entretenimento, conhecimento e curiosidade.

22-Textos na internet por achar prático.

23-As razões que leio mais o material acima citado é o gosto pessoal, por isso a Bíblia em primeiro lugar, como também o fácil acesso aos materiais como os textos na internet.

24-Textos na internet: com a falta de tempo livre acabo me dedicando mais às leituras ligadas ao curso, quando não acabo lendo textos e matérias que me interessam na internet.

25-Romances, livros digitais, contos e crônicas normalmente por passatempo, os livros de política e história para estudar para o vestibular. E os livros indicados pela faculdade porque eu fico com medo de não entender o que as pessoas ao meu redor estão discutindo.

26-Livros de ciências sociais porque eu gosto.

27-Uso bastante a internet então sempre entro em Blogs para ler.

## **MA2**

1- (Textos da internet) Atribuí pela facilidade e praticidade da leitura. São leituras que podem ser feitas mais rapidamente pela correria do dia a dia.

2- (Textos da internet) Atualmente devido ao curso de letras e a escassez de tempo.

3-Livros indicados pela universidade: as razões pelas quais a maioria dos textos de teor acadêmico é devido à intensa demanda da faculdade.

4-A importância atribuída à leitura de poemas ativa o lado subjetivo e ajuda a compreender o que fica nas entrelinhas assim como nos contos e crônicas. E para aprofundar o conhecimento dado na universidade é importante o aprofundamento com o que fora indicado.

5-O fácil acesso aos textos e a possibilidade de interação com pessoas que tiveram acesso aos mesmos conteúdos.

- 6-Eu gosto de romance e tenho uma tendência maior por eles de modo que opto pelo gênero quando comparo com as demais alternativas assinaladas.
- 7-Facilidade de acesso textos da internet.
- 8- (Textos da internet) Para aperfeiçoar as minhas aulas e me manter informada de questões atuais no Brasil e no mundo.
- 9-Eu passo a maior parte do tempo na internet então isso facilita com que eu tenha uma leitura decorrente dos textos que lá existem.
- 10-A maioria dos textos que leio são da universidade, pois eles são fundamentais para as aulas.
- 11-A escolha deste gênero é porque a crônica trata-se de um texto mais curto que retrata a vida cotidiana e por isso me interessa, mas já pelos contos, em sua maioria, são mais longos que as crônicas, mas não tão extensos e além disso tipo de escrita me agrada.
- 12-Textos na internet para manter-me informado e pela maior facilidade no acesso.
- 13-A Bíblia, pois amo Deus e a humanidade procura encontrar na Bíblia e em livros e textos algo que me faça ser uma pessoa melhor.
- 14-Livros indicados na universidade os livros e textos universitários, eu leio, porque é necessário para minha formação, além de ter um bom repertório pra indicar para os alunos que se interessam. Por ser evangélica, leio bastante a Bíblia, pois acredito nela. Os contos e crônicas gosto bastante de ler em momentos para relaxar e descontraír.
- 15-Histórias em quadrinhos porque gosto muito de mangás e *comics* e estou sempre lendo algo novo.
- 16-Livros indicados na universidade, porque são essenciais à expansão do meu conhecimento e também para o crescer do meu saber. Nos últimos meses, por exemplo, os livros que li foram peças chaves para os meus estudos de elaboração do trabalho de conclusão de curso.
- 17-A Bíblia pois gosto do livro e o leio para conhecimento e crescimento espiritual.
- 18-Textos da universidade por obrigatoriedade.
- 19-Textos na internet pela facilidade de acesso e o possível encadeamento de leitura.
- 20-Livros indicados na universidade eu sempre busquei por mais conhecimento e novas formas de literatura atual e esses elementos foram e ainda são a minha fonte de aprendizado.

**UF1**

- 1-Eu gosto de ler romances porque é uma leitura evasiva, revistas, porque tem tópicos diversos, leio jornais para me inteirar do que acontece no mundo e por fim biografias, porque às vezes acho alguma personalidade do meu interesse e é curioso também.
- 2- Textos da universidade: necessidade de aprender a matéria na universidade textos na internet, quando estou ociosa, artes porque eu gosto e a autoajuda porque me faz bem.
- 3-Textos da universidade, para minha formação profissional, romances para entretenimento, política, história e ciências sociais, sobretudo para meu desenvolvimento humano, politização para maior entendimento das relações em sociedade, jornais para me informar sobre fatos da atualidade e poesia também como entretenimento.
- 4-Dedico tempo maior a livros religiosos porque tenho necessidade quanto a aprender valores cristãos e então colocá-los em prática afim de ser feliz e levar esse conhecimento às outras pessoas.
- 5-Romances são o tipo de leitura que mais tenho, pois sempre gostei deste gênero literário. Os textos da universidade leio por ser parte dos estudos, assim como aqueles indicados na universidade, pois a leitura destes contribui para minha vida acadêmica e textos na internet e biografias, leio aquelas que acho mais interessantes.
- 6-Por prazer e por querer me desenvolver como professora na universidade, tento mesclar minhas leituras, ora lendo materiais correspondentes ao curso ou seja os materiais que de fato estamos sendo cobrados pela Universidade, ora lendo textos de interesse pessoal e que acrescentem algo para o meu conhecimento.
- 7-Por gosto, entretenimento e facilidade de ler e encontrar livros do gênero.
- 8-Literatura curta e concisa que transmite sua ideia de modo irônico e direto ou jornais para me manter informado.
- 9-Tenho pouca disciplina para ler, portanto a demanda da Universidade me impôs uma certa noção de dever pelo mesmo motivo, acabo lendo coisas mais curtas como jornais e textos de meu interesse na internet.
- 10-Busco em minhas leituras encontrar questões que possam melhorar desenvolver meu conhecimento e/ou meu olhar como leitor e encontro nos tipos de material indicados na questão anterior essas coisas em maior evidência.
- 11-Gosto particular por essas leituras.
- 12-Leituras digitais devido à facilidade por estar sempre com algum dispositivo

eletrônico e textos da Universidade indicados na universidade justamente por fazer parte do meu curso e serem importantes para minha formação.

13-Romances, pois é o tipo de leitura que mais me agrada.

14-Textos na internet pela comodidade, acessibilidade, instantaneidade e diversidade, romances por interesse, poesia por necessidade e a pedido da Universidade.

15-Atualmente por estar no primeiro ano da universidade, tenho lido mais os livros que são pedidos ou indicadas pelos professores. Leio a Bíblia e livros religiosos porque sinto prazer e por ser uma prática religiosa pessoal. Leio também jornal e textos de política história, pois por eles tenho muita curiosidade interesse tanto quanto pelos outros livros que fazem parte da minha leitura.

16-O envolvimento comprometido com a graduação e a falta de tempo para leituras pessoais e desprovidas de contato direto com a universidade.

17-Interesse pelos assuntos abordados nos textos que leio na internet, interesse pelo bom andamento do curso, de formação adequada com as exigências da universidade, interesse pelos acontecimentos mais recentes relatados nos jornais.

18-Gosto por história do Brasil, necessidade e entretenimento.

19-Tenho gosto de conhecer mais os autores que gosto exemplo: Machado de Assis.

20-No caso a leitura dos textos na internet é a minha escolha mais frequente devido à facilidade de acesso a esse tipo de conteúdo.

21-Por ser a internet o lugar em que passo mais tempo e assim consequentemente leio mais nesse local.

22-Porque estou na graduação de letras.

23-Necessária para determinadas matérias, indicação dos professores para melhor desempenho.

24-Como eu trabalho durante o dia, não me sobra muito tempo para ler, então acabo lendo textos e livros exigidos na universidade durante quase todo o tempo que tenho livre.

25-Porque é o tipo de leitura que mais me agrada e faz me sentir bem.

26-Porque para as aulas, precisamos nos embasar muito em leituras que nos deem parâmetros para obter bons estudos e aprendizagem.

27-Eu escrevo poesia, portanto dedico muito do tempo de leitura à poesia como espectador e também investigador de novas formas. O esoterismo é como um ato religioso para mim, então leio como guia.

28-Eu gosto mais do processo de leitura de um romance frente às demais opções.  
29-Gosto por textos longos, histórias fictícias e textos altamente informativos.  
30-Infelizmente não tenho tido muito tempo para ler conforme eu gostaria, por isso tento focar na leitura dos textos indicados na universidade sobretudo os que coincidem com os meus interesses como leitor. Felizmente são quase todos. Além disso, gosto muito de poesia, filosofia, história e literatura. De modo geral, minhas leituras têm me ajudado a compreender melhor os textos que leio, a estabelecer relações entre eles e escrever melhor.

## **UF2**

1-Demanda universitária: há metas a serem cumpridas, e uma demanda muito grande por leituras nas matérias cursadas, de modo que não há muito tempo disponível para leituras pessoais.

2- Como estou no último ano da minha graduação, não tenho mais a necessidade de ler livros por indicação dos professores da universidade, portanto escolho os conteúdos que mais me interessam. Acredito que apareçam nessa ordem de frequência por conta do tempo que tenho disponível, acessibilidade, praticidade e que atendam ao meu interesse.

3- Eu leio muitos contos, pois desenvolvo meu TCC na área, então uma leitura vasta desse gênero pode me auxiliar a construir um arcabouço maior. Com o romance acontece algo parecido já que posso analisar e aprofundar-me em características únicas do texto narrativo, que me auxiliam na pesquisa. A seguir vem os textos teóricos referentes ao TCC e as matérias da graduação, respectivamente.

4-Gosto de ler como atividade de lazer, mas a leitura obrigatória da universidade toma muito tempo, e do pouco tempo que tenho para ler algo que escolhi me sinto cansada e não tenho motivação, por isso leio aquilo que tenho como compromisso com a universidade.

5- Atualmente, com o projeto de mestrado e com a iniciação científica acabo lendo mais livros e textos que possam contribuir para a pesquisa.

6-A maior razão por ler os livros indicados na universidade é devido ao meu TCC.

7- Afinidade com o gênero (romance).

8- Os motivos que me levaram a escolher o material citado se devem ao fato de priorizar algumas diferentes perspectivas que cada abordagem traz ao pensarmos na relação que o ser humano estabelece com o mundo. O padrão totalmente subjetivo de

escolha, tentarei brevemente explicar sobre cada uma. As artes, por representarem essencialmente a interpretação única e ao mesmo tempo abrangente de cada indivíduo em relação ao seu mundo, os romances, mais especificamente devido ao seu inerente senso crítico, as biografias, pelos resultados práticos e suas peculiaridades, os textos de internet, por simplesmente estarem inseridos em nosso cotidiano e finalmente os contos e crônicas, visando manter o contato com outras perspectivas que também podemos classificá-las como mais poéticas.

9-O primeiro por obrigação, o segundo por interesse em ter conhecimentos gerais e o último para entretenimento e prazer.

10-Eu gosto muito de histórias em quadrinhos, gostaria de começar a fazer as minhas e para isso acho necessário conhecer muitos exemplares desse gênero, para entender como funciona, pegar referências artísticas. Além disso eu gosto muito mesmo.

11-Os romances ficam em primeiro lugar por abranger tanto os livros que leio de forma espontânea e por vontade própria, quanto os livros que leio por conta da graduação. Os números 2 e 3 já se justificam nos nomes. São livros que leio para realizar provas, atividades e outros tipos de avaliação dentro da Universidade. Os livros digitais vêm em quarto lugar devido ao fácil acesso em encontrar esse tipo de material online além, claro, da maior portabilidade que eles possuem ao serem manuseados em qualquer lugar sem ocupar muito espaço. Os Contos e Crônicas, por sua vez, ocupam o quinto lugar, pois tenho uma predileção pelo gênero por conta da rapidez de se ler um Conto e/ou uma Crônica sem que haja um grande comprometimento de tempo, por exemplo. São excelentes formas de distração que não tomam muito tempo como seria o caso do romance.

12-Leio mais livros de romance porque trabalho com isso (resenhando esse tipo de livros), mas leio muito os indicados pela universidade, porque são livros teóricos que utilizo para estudo das disciplinas.

### **15) Que razões e que tipos de livros o levam a ler parcialmente o texto?**

**MA1**

1-Quando eu preciso de alguma citação para trabalho.

2-A única razão pra eu ler parcialmente um livro é a linguagem difícil.

3-Obras que são necessárias para a faculdade, pois nem sempre consigo tempo devido

ao meu trabalho e por isso, às vezes, começo a leitura, mas acabo optando por um resumo ou análise do mesmo que me serve como noção do que está na obra.

4-Quando não é um livro que prenda minha atenção e que a leitura não seja obrigatória, posso não terminar a leitura.

5-Leio bastante romances porque é um gênero do qual eu gosto.

6-Quando não domino e não consigo compreender de modo algum seu conteúdo.

7-Às vezes leio parcialmente deixando uma quantidade de capítulos para o dia. Se o livro me prende muito a atenção, leio de uma vez e mais vezes.

8-Romances, ficção, ação e fantasia são os gêneros que me levam a ler um livro, o livro tem que ter uma história interessante que me prenda.

9-Precisa ser algo que me cativa, como os livros de romance.

10-Quando o autor faz/descreve fatos de maneira cansativa, sem muita criatividade ou diferença nos capítulos.

11-Quando algo na temática do texto me chama a atenção, por gostar ou ter curiosidade sobre o assunto, leio um trecho pra ter uma ideia básica do que está sendo apresentado e como o texto seguirá, geralmente paro apenas ao encontrar informações que sei que estão incorretas e/ou carregadas de preconceitos.

12-Não leio parcialmente, sempre até o final, pois é inconsistente emitir um juízo de valor conclusivo, sem de fato finalizar a obra/texto. É, também, uma questão de respeito com aquilo que se lê e com a própria capacidade reflexiva.

13-Caso eu não me sinta envolvida na história ou a ache complexa demais.

14-Um livro que eu vejo que não contém uma história que, de uma maneira ou outra, me anime e que eu vejo que não me acrescentará nada, gosto de livros independente de romances que, de alguma maneira, me acrescentem algo, se não for assim eu paro a leitura.

15-Livros extremamente detalhistas ou com linguagem coloquial fazem com que eu perca o interesse pela leitura.

16-Livros com a linguagem extremamente difícil de ser compreendida.

17-Quando não há uma história interessante.

18-Romance, pois não tenho muito interesse.

19-Literatura portuguesa.

20-Livros acadêmicos demandam mais tempo de estudo.

21-Não leio parcialmente.

22-Dificuldade de concentração.

23-Livros acadêmicos.

24-Livros sobre ciências ou artigos, pois não é necessário ler o livro inteiro para entender o conteúdo.

25-Livros acadêmicos.

26-A razão de conhecer outros lugares e ter uma história leve, divertida, engraçada.

27-Às vezes para facilitar o entendimento ou até mesmo por gostar dos trechos e dos capítulos.

## **MA2**

1-Depende muito do livro se for por exemplo um livro que eu só precise consultar uma parte sem ter que ler inteiro só leio a parte que preciso.

2-livros teóricos.

3-livros bastante descritivos mas demasiadamente descritivos aqueles que passam mais de 10 páginas descrevendo uma parte travando conflito dramático como se o tempo cronológico parasse no meio da diegese.

4-as razões são as questões acadêmicas relacionadas à busca de citações pra colocar no tcc.

5-fazer uma leitura somente daquilo que despertou meu interesse.

6-livros universitários que podem não fazer o meu gosto por exemplo acabo optando por uma leitura dinâmica em casos do tipo.

7-A necessidade de ler partes específicas e capítulos mais objetivos do tema do livro geralmente livros da faculdade.

8-livros que me dão sono são livros de teoria/metodologia.

9-O que me faz desistir de ler um livro é a maneira como autor escreve, livros onde cenas são muito detalhadas tendem a ser cansativos.

10-leio parcialmente, caso o conteúdo que busco ou necessito for atingido ou apenas para conhecimento de tal assunto ou porque a leitura não é agradável.

11-livros usados em trabalhos leio partes que são relevantes para o trabalho.

12-Na verdade, só deixo de ler um livro quando o assunto não é exatamente o que eu esperava quando comecei a leitura.

13-quando início da história não me agrada, por exemplo, histórias de terror, histórias com vocabulário muito difícil.

14-livros muito específicos, com termos de difícil entendimento.

15-muitas vezes quando a história retratada não me prende a atenção, abandone a leitura por alguns dias. O fato de muitos livros serem escritos com letras microscópicas me desinteressa a leitura. Ausência de imagens também torna a leitura maçante.

16-quando a leitura for por entretenimento e não está me atraindo muito, ao ler partes, tento identificar se há coisas que me agradarão. Quando por obrigatoriedade, exemplo trabalho de pesquisa, algumas vezes não se faz necessária a leitura integral e sim apenas da parte pesquisada.

17-leio livro parcialmente quando o texto não é importante para os estudos ou quanto o estilo do autor não me agrada.

18-livros de menos importância como autoajuda e esoterismo Segundo a minha opinião é claro.

#### **UF1**

1-No caso de livros indicados pela Universidade leio trechos necessários principalmente por falta de tempo. No caso de outros livros do meu interesse geralmente os leio integralmente ou, se leio em partes, é por falta de tempo ou por outros interesses.

2-Livros que se tornam maçantes ou passam a não ser informativos.

3-Desinteresse pessoal pelo assunto ou abordagem.

4-O tempo principalmente.

5-São livros que nos pedem apenas o capítulo dependendo do tamanho do livro dá para lê-lo inteiro.

6-Livros que não me agradam e não me prendem à leitura.

7-Linguagem rebuscada demais, enredo fraco, falta de história.

8-Falta de tempo para ler de uma vez só e o livro ser desinteressante.

9-Razões podem ser falta de tempo e o interesse, leio parcialmente se não gosto do assunto.

10-Eu geralmente leio o livro inteiro, mesmo se não gostei, apenas leio parcialmente o livro se a ideologia dele for diferente da minha.

11-Livros solicitados parcialmente pelos professores na universidade, desse modo realizo a leitura somente do que foi solicitado. Agora quando os livros são escolhidos por mim geralmente os leio inteiros.

12-Livros tipo Crepúsculo me deixam com tédio.

- 13-Quando a leitura é maçante e não faz parte do meu interesse.
- 14-Quando o tempo disponível permite apenas a leitura de trechos e/ou o professor recomenda um capítulo específico.
- 15-Textos digitais me deixam cansada e com os olhos pesados, por isso os leio parcialmente. Mas quando me interessa pelo assunto tratado no livro leio até o fim e faço uma releitura se possível.
- 16-Textos e livros teóricos da universidade. Leituras densas, entediantes, sentimento de obrigação.
- 17-Porque algum trecho é importante para a universidade.
- 18-Não leio parcialmente textos, busco sempre terminar o que comecei mesmo se não estiver gostando.
- 19-Algum capítulo em particular ou que não possua ligação ou continuidade com outros capítulos, como contos reunidos em um mesmo livro.
- 20-A necessidade de estudar o conteúdo específico que está presente em uma parte do livro, mas não em sua totalidade. Acontece geralmente por recomendação de professores.
- 21-Livros indicados na universidade, porque geralmente me é cobrada alguma parte de um livro e não o livro todo. Livros que não são narrativas e posso consultar único assunto.
- 22-Falta de tempo, mudança de enfoque na vida, cansaço.
- 23-Livros indicados pela escola/universidade e livros de contos crônicas.
- 24-Livros indicados pelos professores que exigiram apenas um ou alguns capítulos, livros que não têm relação com o curso e que não há tempo para ler.
- 25-Retomar algum conceito de livros requeridos na universidade ou reler alguma parte de livros que eu me identifiquei.
- 26-Quando começo a ler um livro e não gosto, tento ainda assim continuar, mas se a leitura não flui acabo lendo-o apenas parcialmente.
- 27-O que me faz ler parcialmente os textos é a atenção dedicada a várias tarefas, distração com pensamentos diversos e conversas com amigos ou familiares durante o período de leitura.
- 28-Quando considero o conteúdo do texto raso ou que não vá acrescentar conhecimento relevante, paro de ler.
- 29-Quando é muito extenso e estou com tempo apertado, geralmente são os da

universidade, ou quando percebo que há muitas redundâncias.

30-Às vezes leio algo que me foi recomendado e não gosto, então leio parcialmente.

Livros teóricos de matérias específicas, exigem uma leitura mais minuciosa e crítica, então também leio parcialmente.

## **UF2**

1-Livros que leio por precisar de informações muito específicas, como livros acadêmicos.

2- Geralmente, se já li o livro, releio-o parcialmente ou mesmo as partes que mais me interessam. Uma outra hipótese é a de eu descobrir que o livro não me chama a atenção, tornar-se entediante ou coisa do gênero. Desse modo, pulo algumas partes ou levo muito mais tempo para terminá-lo do que o normal. Mas sempre finalizo a leitura. Não consigo iniciar um livro e parar na metade, mesmo que eu não encontre nenhum prazer ao lê-lo.

3- As leituras parciais são, sobretudo, de textos teóricos voltados a disciplinas da universidade, nos quais só aquilo que é relevante para o tópico proposto pelos professores.

4- Para livros teóricos ou que sejam organizações de artigos, podemos selecionar o conteúdo sem perda de compreensão do todo as vezes os lemos apenas para um recorte daquilo que precisamos para um estudo.

5- Geralmente leio parcialmente um livro ou texto ou para revisar algum conteúdo já lido, ou porque gosto de alguma parte específica e quero lembrá-la, ou ainda quando o professor ou orientador indica a leitura de alguma determinada parte.

6-Livros cujos temas possuo pouco entendimento, como os de ficção científica, economia, política, etc.

7-Às vezes não me sentir dentro da narrativa ou cansaço mental.

8-A leitura parcial ocorre sempre na dependência do objetivo de minha leitura.

Quanto tenho a intenção de abordar um determinado recorte sobre o tópico a ser abordado, não leio o livro integralmente. Essa atitude se dá quando tenho de estudar, preparar algum seminário ou palestras, quando geralmente utilizo livros técnicos, recortes de artigos, enfim, material de pesquisa.

9-Não há um tipo de livro específico, porque a leitura parcial é feita por conta do tempo disponível para ler o livro ou interesse no livro.

10-Se eu estou lendo o livro por obrigação da faculdade, eu só leio a parte que eu

preciso. No caso de eu reler partes de livros que eu gosto, é porque eu marco as partes que eu mais gostei mesmo e releio por prazer.

11-Posso ler trechos ou capítulos selecionados quando não tenho muito tempo disponível para ler um romance inteiro ou, por exemplo, quando procuro alguma teoria específica para analisar um livro e preciso somente de um determinado capítulo que fala da obra que estou analisando. O mesmo serve para pular páginas, creio eu. Leio o mesmo livro mais de uma vez quando não há um esclarecimento suficiente sobre aquilo que foi dito fazendo com que seja necessária uma segunda leitura e/ou também quando gosto muito do livro e acabo criando algum tipo de vínculo emocional que me faz retomar aquela leitura diversas vezes. Já em relação à última questão, dificilmente desisto de um livro por mais que não esteja gostando. É uma decisão pessoal, mas tenho problema em abandonar leituras e, geralmente, persisto até terminar o livro todo.

12-Se o texto for cansativo ou não fizer muito sentido, não terminarei de ler.

**(Questão 17) Na sua opinião, a leitura é importante, porque**

**MA1**

1-A leitura importante porque ela faz com que vejamos o mundo de uma outra forma e em tempos como de hoje é bom ver as coisas boas ou saber sobre o que estamos passando e a leitura normalmente nos permite isso

2-Porque ajuda a entender melhor os textos ajuda a se comunicar melhor o raciocínio fica mais rápido

3-Para melhorar a própria linguagem expandir ideias

4-Nos possibilita uma visão ampla profunda das coisas e o contato com outro universo

5-Não tem limites para o conhecimento adquirido

6-Porque alivia os transtornos diários ajudar na educação e conhecimento das palavras e tranquiliza

7-A leitura ajuda você a ter outra visão das coisas

8-Traz conhecimentos e experiências e por ser agradável ler histórias

9-Ela pode te transportar para diferentes momentos da história, conhecer a si e o

mundo, conhecer diversos autores, dar respostas a algumas perguntas, transformar seu eu e deslocar da zona de conforto

10-É importante para estar de acordo com as normas do português e para treinar sua interpretação

11-É importante porque faz a nossa mente ir até lugares desconhecidos além de enriquecer o nosso vocabulário

12-A leitura nos faz pensar

13-Abre a mente e possibilita ver o mundo de maneira diferente, a leitura é importante, pois ensina muitas coisas e faz entender sobre muitas coisas que acontecem no dia a dia, a leitura traz sabedoria e compreensão

14-Para expansão do conhecimento e para o momento de lazer

15-É a mais ampla e completa fonte de conhecimento

16-Quebra as paredes solipsistas do ‘eu’ e liberta para pensar de forma diferente do habitual. Dá acesso à mente de outra pessoa (o escritor) e aos seus pontos de vista diante da realidade e problemas da existência humana. Te faz menos sozinho e ensimesmado de uma maneira única

17-Amplia o vocabulário ajudando a criatividade, é uma forma de fugir da realidade e ampliar o conhecimento

18-Estimula o leitor a pensar sobre os mais variados assuntos e pontos de vista e ajuda a entender coisas em si mesmo e ao seu redor, ensina sempre coisas que até então eram desconhecidas, promovendo a interpretação de várias coisas e textos pensamento lógico e crítico, autoconhecimento, aprendizado e entretenimento

19- Porque ensina novas coisas, novas palavras, lições para vida

20-Vocabulário: quanto mais você lê, mais palavras aprende. Escrita: ler ajuda em nossa escrita. A possibilidade de viajar para outros mundos estando parado em um lugar

21-Desenvolve uma boa escrita e vocabulário e nos ajuda nos identificar com histórias e personagens.

22-Além de aumentar o conhecimento, faz o leitor usar sua imaginação.

23- Porque amplia o conhecimento e nos leva a lugares desconhecidos.

24-Abre a mente e nos leva a diversos lugares, aumenta nosso conhecimento e vocabulário.

25-Ajuda o ser humano a desenvolver o senso crítico de opinião de modo a poder

.estar mais ciente de suas decisões e pensamentos como efeito de poder melhorar até a suas condições de vida dependendo da forma como será utilizada.

26-Na leitura e na escrita. A leitura é a forma mais profunda de se entender algo ou alguém e aprimorar o vocabulário.

27-A leitura primeiramente nos proporciona entender, explorar outros lugares proporciona uma melhora em nossa escrita, facilitando o entendimento de textos e na aquisição de conhecimento.

28-Nos agrega sempre de todas as formas, até mesmo aqueles mais simples.

## **MA2**

1-A leitura é um importante instrumento para aprendizagem de conhecimentos importantes e variados em nossa vida

2-Permite que a pessoa exerça sua imaginação, aprofunde seus conhecimentos em alguma área, tenha contato com pontos de vista diferentes do seu próprio, divirta-se

3-A leitura é importante, porque traz conhecimento, instrução, propõe uma visão reflexiva sobre o tema abordado formando um pensamento crítico

4-Na minha opinião, a leitura é importante como fonte de conhecimento, entretenimento e crescimento cultural e intelectual

5-É um mecanismo que relaciona as palavras do mundo ortográfico, literário, religioso, maravilhoso, com o mundo real da correria e falta de tempo. A leitura faz crescer e permite desenvolver o conhecimento de mundo

6-Pode ajudar na compreensão e mudar a visão de um indivíduo sobre o mundo

7-Apesar de não ter muita frequência na leitura, considero a leitura é muito importante, pois o leitor aumenta o seu vocabulário, adquire melhores argumentos, desenvolve melhor a fala

8-A leitura é importante, porque aprimoramos o nosso conhecimento, conseguimos ser críticos a determinados assuntos que antes não sabíamos nada sobre ele, ajuda na escrita e nos faz ter uma visão mais ampla do mundo que nos cerca

9-Atribui maior conhecimento e cultura o leitor, além de abrir portas para imaginação

10-Além de proporcionar conhecimento, possibilita a imersão do leitor dentro de um novo mundo, um novo assunto, conhecimento etc

11-É importante pois cria uma bagagem cultural que pode ser extremamente útil em diversos momentos da vida

12-Ela expande o conhecimento e aflora a imaginação

- 13-Para mim, faz transpor o mundo existente para mim, ampliando o conhecimento existente
- 14-Pois é através dela que o indivíduo desenvolve e aprimora o senso crítico, abrindo a mente para diversos temas
- 15-Aguça o senso crítico, melhora a escrita, a interpretação pessoal de assuntos/fatos em geral e acalenta o coração em tempos difíceis
- 16-Expande a visão de mundo do indivíduo
- 17-Incentiva a imaginação, melhora a escrita, exige paciência e concentração e muda o mundo
- 18-A leitura é importante, pois aumenta a bagagem cultural, desenvolve o lado imaginativo, amplia o vocabulário e torna o ser humano um ser pensante e crítico
- 19-Para agregar conhecimento e expandir horizontes
- 20-A leitura é importante para a bagagem crítica pessoal que uma pessoa pode ter. Uma pessoa que lê bastante, com certeza, saberá sobre muitas coisas e principalmente saberá discutir sobre elas

#### **UF1**

- 1-Através da leitura podemos ter contato com realidades que vão além do nosso contexto cotidiano, também podemos desenvolver nossa criticidade e capacidade de reflexão sobre o nosso meio
- 2-Ela é importante uma vez que estimula o raciocínio, dá informações, aumenta a inteligência, diverte, exercita a memória, fornece argumentos para debates, auxilia o hábito da escrita
- 3-Introduz pessoas em diferentes formas de cultura, faz adquirir informações, conhecer lugares que ela pode nunca ter estado, aumenta seus conhecimentos e sua imaginação, é a porta de entrada para uma boa vida acadêmica e profissional
- 4-Desenvolve nosso horizonte, a visão de mundo e nos deixa criativos e críticos e é prazeroso
- 5-Traz informações que podem gerar conhecimento, quando o texto é bem lido, gera reflexão sobre os mais diversos temas dependendo do interesse do leitor
- 6-A leitura é importante de diversas formas, através dela adquirimos conhecimento e aprendemos. Há também a leitura de entretenimento, porém acho que a leitura é um meio para adquirir educação, por sua vez a educação é fundamental para nos tornarmos pessoas mais conscientes e ativas em uma sociedade

7-Amplia o conhecimento, dá uma nova visão de mundo, entretém e insere o leitor na cultura letrada

8-Transmite novos horizontes e sentimentos mostrando seres humanos em outras situações muito melhor do que qualquer outro meio

9-É um bom hábito, deixa as pessoas mais atentas, ajuda a aperfeiçoar a escrita, bem como a fala e até mesmo o comportamento. A leitura abre portas para o conhecimento, a curiosidade, a imaginação, é mesmo um exercício para o cérebro

10-É o meio mais eficiente que eu tenho de acesso ao conhecimento, com maior profundidade a algum saber e também porque o seu domínio é uma ferramenta de permeabilidade na sociedade, pois você se torna mais capaz de digerir informações que não são cotidianas

11-É uma rica fonte de conhecimento e pode, portanto, proporcionar grande desenvolvimento profissional pessoal etc

12-Faz com que adquiramos mais conhecimento e porque desperta a criatividade

13-Abre a mente do indivíduo, traz um mundo de novas informações e apresenta novas culturas, consegue entreter ao mesmo tempo que educa

14-Ajuda aumentar o conhecimento de mundo, diverte, entretém e relaxa

15-Agrega conhecimento ao leitor

16-A leitura nos possibilita conhecer universo muito interessante: o das ideias, ler nos possibilita pensar melhor, ter um senso crítico e amplia nossa visão em relação a tudo, leitura é um descobrimento contínuo

17-Situa o ser humano socialmente ou seja permite que o indivíduo conheça a sua posição e ou a posição almejada e o torna capaz de realizar discussões, de levantar questões, de ser crítico e atento

18-É fonte de informação, entretenimento e é importante também para a formação do conhecimento de mundo que a todo momento utilizamos em contextos variados

19-Ajuda a nos transformarmos em pessoas melhores, menos ignorantes, além disso, melhora a nossa capacidade de interpretação

20-Ensina uma reflexão crítica sobre a sociedade, aumenta os pensamentos e os argumentos de um indivíduo.

21-Para agregar novos conhecimento, se forem livros acadêmicos, ou auxiliar na escrita e na leitura, formando uma pessoa mais informada e consciente do mundo em que vive

- 22-Faz criar no indivíduo um senso mais crítico
- 23-Expande horizontes e traz riqueza de vocabulário
- 24-Faz com que a pessoa conheça novas áreas, aprenda a usar melhor sua língua tanto na parte oral como na escrita
- 25-Como futuros professores é o nosso papel propagar o hábito da leitura sendo assim devemos começar a partir de nós mesmos
- 26-Abrir os horizontes para novas histórias, para a imaginação, forma uma pessoa mais crítica e inteligente
- 27-Através da leitura que nos formamos como cidadãos
- 28-É uma forma de consolidação de uma língua e conseqüentemente da cultura, é o suporte do sentimento de pertencer a um ou vários lugares
- 29-Te põe para conversar com pessoas que sabem mais do que o leitor sobre determinado assunto ou apresenta sua diferente opinião sem se importar com a época em que viveram
- 30-Expande tanto a capacidade cognitiva do leitor, trabalha vocabulário, criatividade e provém um maior contato com a norma padrão da língua
- 31-Pode gerar conhecimento tanto do mundo, quanto autoconhecimento, auxilia no entendimento dos discursos, pode melhorar o raciocínio lógico e a capacidade de articular as palavras e ideias.

## **UF2**

- 1-Pelo contato com outras realidades que, sem a leitura, talvez fossem impossíveis.
- 2-Para mim, a leitura é importante, pois, para além de nos proporcionar mais conhecimentos e “viajar” para outros lugares, ainda nos insere de forma mais incisiva na sociedade. Com o domínio da leitura e de seus respectivos códigos, podemos agir na/com a língua como também contribuir com pessoas que possivelmente não tenham intimidade ou proximidade com o universo da leitura
- 3- Oferece ferramentas para um desenvolvimento humano do leitor, uma vez que a leitura proporciona experiências e vivências das mais variadas e tem o poder de conscientizar ou desconstruir visões e discursos preconceituosos.
- 4- Porque, pode ser um tanto clichê, mas um livro é como uma janela, e através dele podemos acessar uma realidade que não a nossa (tanto em narrativas literárias quanto em livros teóricos) e esse contato com um mundo exterior ao nosso nos ajuda a compreender ao nosso mundo e a nós mesmos

5- Nos ajuda a organizar os próprios pensamentos, oferece possibilidades de conhecer novas coisas e ainda alimenta a criatividade.

6-A leitura é importante para ampliar nosso conhecimento acerca de determinado assunto, bem como para nos tornar mais críticos diante da realidade que nos envolve e para desenvolver a competência escrita da língua.

7- Me ajuda a manter a criatividade em alta, além de ajudar no raciocínio

8- Porque é exatamente através da mesma que nos é permitido obtermos uma visão de como nossa cultura, em sua máxima representação desempenha suas funções socioculturais em diferentes contextos históricos.

9- Porque mostra novos horizontes, traz conhecimento, desenvolve culturalmente

10- É um jeito de entretenimento, mas também é bom para aprender escrever, a se expressar. E também é bom quando você lê alguma coisa com a qual você se identifica, dá uma sensação de que você não está sozinho no mundo. E também é uma boa maneira de aumentar os conhecimentos.

11- A leitura é importante por auxiliar na formação de um pensamento mais crítico e reflexivo quanto aos mais diversos assuntos. Além disso, a leitura possibilita que tenhamos acesso a conteúdos e realidades que muitas vezes não estão ao nosso alcance. Possibilita-nos conhecer essas diferentes realidades e estar em contato com diversas visões de mundo, sendo essas visões de fato existentes como lemos em biografias, textos acadêmicos e etc. ou até mesmo em realidades ficcionais criadas em livros de ficção científica.

12- Enriquece não só culturalmente, mas também ajuda a escrever melhor, ampliar o vocabulário, ter mais clareza de pensamento.

**18) Na sua opinião, um bom leitor é aquele que:**

**MA1**

1- Lê independente do conteúdo, pois a leitura o auxiliará em outras coisas.

2- Lê por prazer e se encontra na história.

3- Desvenda o livro junto com o autor e interage com o personagem.

4- Lê qualquer tipo de texto, se interessa pelas letras, pela informação.

5- Consegue entender a mensagem do autor e desfruta da atividade da leitura.

6- Aprecia todo tipo de leitura, atento a sempre aprender alguma moral com o livro.

7- Consegue avaliar criticamente o que está lendo, dialogar com escritor e usa o texto

como ferramenta para avaliar a própria vida, o bom leitor entende a função da arte de revelar o humano pela representação do real adaptado para a ficção e consegue a partir disso se entender melhor e entender os outros.

8- Crítico, reflete e analisa o texto lido, é aquele que evita ler por puro entretenimento, é aquele que procura aprender com o exercício da leitura.

9- Aquele que não fica preso apenas a um estilo, mas não julga leitores diferentes dele.

10- É adepto a todo tipo de leitura e se permite emocionar o questionar o livro.

11- Aprende algo a cada livro que lê.

12- Sabe ler e entender além das palavras.

13- Além de ler o livro, debate sobre o mesmo e busca pontos específicos.

14- Lê tudo.

15- Lê e entende o que lê e ao final realiza uma análise crítica do que lê.

16- Lê com frequência.

17- Interessa-se por tudo um pouco.

18- Lê apesar de tudo.

19- Consegue imaginar-se dentro da história.

20- Se entrega para leitura e reproduz o cenário em mente.

21- Lê por gosto.

22- Insere a leitura no seu dia a dia como forma também de passar o tempo.

23- Lê com atenção.

24- Gosta de ler.

25- Lê com prazer, absorve e sente com o livro.

26- Entendo que ele lê com paciência, procura participar da história, está sempre disposto a compartilhar os conhecimentos adquiridos com sua leitura.

27- Não se restringe a apenas um estilo de leitura.

28- Não fica preso apenas a um livro vai atrás de complementos, como saber mais sobre o autor, análises da obra, grupos de debates, pois assim será possível um maior entendimento do mesmo.

29- Consegue interpretar diversos gêneros de texto.

30- Se apaixona pelo livro e procura sempre ler algo novo.

## **MA2**

1-É aquele que busca sair de sua zona de conforto e se arrisca a outros tipos de

leitura.

2-Entrega-se à leitura.

3-Um bom leitor é aquele que lê o texto, mas não se aliena e desenvolve senso crítico na leitura.

4-Gosta de ler e entender o contexto do que está lendo.

5-Tem um repertório que possibilite que ele compreenda os diálogos intertextuais.

6-É aquele que lê aquilo que gosta e faz bem para a alma.

7-Gosta de ler e consegue absorver aquilo que está lendo.

8-Pratica qualquer tipo de leitura.

9-Vive o que está lendo como se fosse sua própria vida.

10-É aquele que mesmo não lendo muitos livros, consegue tirar proveito dos que leu.

11-Sabe interpretar o texto e através dele se comunicar com outra pessoa, sabe explicar e transmite a essência da mensagem lida.

12-Consegue compreender aquilo que leu.

13-O bom leitor é aquele que consegue ler e entender que existe gosto para tudo, até mesmo para a leitura, então não deve criticar nenhum gênero e sim selecionar o que mais lhe agrada e respeitar o gosto do seu próximo.

14-Não tem preguiça de ler, lê e entende o que está escrito, conseqüentemente, escreve bem.

15-Está sempre lendo algo, sempre se reciclando.

16-Escolhe o livro e depois lê ao menos o primeiro capítulo do livro. Que busca expandir seus horizontes e anseia por novas descobertas a cada livro que lê.

17-Gosta da leitura e consegue acrescentar algo na sua própria existência com o conhecimento adquirido pela leitura dos livros. Lê vários tipos de livros (de diferentes temas) e conclui a leitura que ache interessante.

18- Um bom leitor é aquele que lê com frequência e é capaz de interpretar o material lido com facilidade.

19- Consegue associar à leitura o contexto em que vive.

20- Sempre busca por novos livros, autores e gêneros para sua biblioteca pessoal.

## **UF1**

1- Compreende o contexto no qual o texto está inserido, conseguindo relacioná-lo com sua leitura de mundo e com outras leituras de mundo.

2- Se sente confortável em sua leitura e dela extrai o máximo.

- 3- Agrega o que aprende de forma racional.
- 4- Cumpre sua função de leitor: lê.
- 5- Ao ler, interpreta e toma conhecimento do que o livro quer passar.
- 6- Sempre lê e não tem preconceitos quanto a outros gêneros.
- 7- Lê mais de um tipo de gênero textual e mantém a mente aberta para novos temas.
- 8- Entende o que lê.
- 9- Busca compreender a verdadeira ideia que o livro quer passar.
- 10- Gosta de ler, se interessa por diversas leituras e se questiona sobre o que está lendo.
- 11- Lê, interpreta e faz uma reflexão crítica do livro, analisando aspectos positivos e negativos e o que daquilo pode ser usado por ele.
- 12- Entende e reflete sobre o que leu.
- 13- Lê com criticidade, consciência e questiona as informações que obteve, além disso é capaz de falar a respeito do que leu.
- 14- Se compromete com um texto a ponto de começá-lo e terminá-lo, enquanto questões o rodeiam e não por enganação pessoal ou ilusão.
- 15- Um bom leitor é aquele que lê não importa o gênero textual, não existem diferentes tipos de leitura nem melhores nem piores, apenas diferentes.
- 16- Não aquele que apenas absorve, mas sim aquele que filtra o conteúdo de um livro.
- 17- É aquele que lê porque gosta mesmo que não seja uma quantidade tão grande de livros.
- 18- Consegue fazer uso do que leu das mais variadas formas não necessariamente acadêmicas.
- 19- Lê todos os tipos de textos.
- 20- Encontra em suas leituras alguma finalidade externa ao texto, que busca compreender e aplicar questões latentes nos livros que lê.
- 21- Domina a compreensão da língua escrita e, portanto, é capaz de criar um diálogo pleno em relação ao texto lido também aquele com capacidade de abstração, que pode reconstruir com clareza e lucidez a ideia manifesta em um texto.
- 22- Que nunca perde o hábito, está sempre lendo um bom livro, faz pesquisa sobre aquilo que deseja ler, que busca escolher uma boa leitura, visando algo para si, que não lê por ler apenas.
- 23- Sabe analisar e abstrair a maior parte dos elementos inseridos no texto.

24- Procura ler frequentemente, busca entender aquilo que leu e relacionar com outros conhecimentos adquiridos buscando trazer essas reflexões para a própria realidade em que vive, também é um bom leitor aquele que tem opinião sobre aquilo que ele.

25- Um bom leitor é aquele que lê de formas diferentes, **de tudo um pouco** e que não estigmatiza formas de leitura que são estranhas a ele.

26- Busca entender o conteúdo do texto, um bom leitor geralmente faz questionamentos e reflexões e estabelece relações com o texto.

27- Lê porque se interessa, não porque se diz obrigado.

28- Lê diversos tipos de texto e não possui preconceitos por aqueles que não lê, isto é, possui respeito pelas diversas formas de leitura.

29- Um bom leitor é aquele que se esforça pra entender o que lê e reflete sobre as informações que recebe.

30- Que busca o conhecimento de modo aprofundado, que não fica apenas nas primeiras impressões ou não segue os preconceitos inerentes a opinião comum.

## UF2

1-Lê por gostar de ler e se envolve com a leitura.

2- Compreende e absorve o que foi lido, é capaz de transformar aquele código em conhecimento e repassá-lo a outrem.

3- O bom leitor é aquele que está aberto a ler sobre uma grande diversidade de assuntos e a entendê-los dentro da sua proposta, local de produção – incluindo o contexto sócio-histórico – e, com todas essas informações, busca articular os discursos que circulam na sociedade – localizados temporalmente –com o texto, aprofundando-se em leituras já não mais superficiais.

4- Em primeiro lugar, um bom leitor é aquele que se interessa pela leitura, você tem que ter uma boa relação afetiva com a leitura para poder usufruir dela. Acessar o livro e aprender a usufruir dele é um aprendizado (também se pode aprender a gostar de ler), mas quanto mais desse conhecimento você tiver, melhor leitor você será. Quando você aprende a usufruir de sua leitura você se utiliza do que aprendeu em diversos aspectos de sua vida (pode ser mais prático, tipo ler uma teoria na universidade e saber aplicá-la para uma análise, ou a um nível mais abstrato, ler um conto e (re)pensar sobre algo da realidade que o cerca) saber fazer essa tradução também é importante para um bom leitor.

- 5- Lê por gosto e não por obrigação.
- 6- É um bom leitor aquele que reflete acerca do livro e o questiona, como forma de se observar também o que está subjacente ao texto explícito.
- 7- É aquele que lê e entende o que leu, sabe contar a história com clareza depois, e acima de tudo, quando se trata de um livro acadêmico, sabe dissecar o livro.
- 8- O bom leitor é provavelmente quem, ao abordar um texto, permite-se refletir sobre os dados adquiridos a cada leitura de uma forma mais crítica, considerando e respeitando todos eles, ao mesmo tempo refutando toda e qualquer verdade que possa estar ciente até então. O bom leitor tem de compreender onde e quando se utilizar de seus valores, e sempre respeitando as diversas opiniões que irão dar suporte e também negando suas verdades.
- 9- Lê bastante e bem, independente do tipo de texto que escolhe para ler.
- 10- Lê coisas variadas.
- 11- Um bom leitor é aquele que consegue enxergar o texto de maneira crítica. Não digo isso pensando somente em análises acadêmicas, mas que consiga conversar, pensar sobre aquilo que foi lido. Acho que isso não se desprende de ler um livro só como forma de diversão. É possível ler algo como forma de entretenimento e também refletir de forma crítica sobre aquilo que foi lido.
- 12- Se arrisca periodicamente com temas ou gêneros que não costuma ler sempre ou que se dedica a leitura de forma completa.

**19) Você se considera um bom leitor? Por quê?**

**MA1**

- 1- Não muito, não tenho tempo pra ler um livro com calma e saboreá-lo como deve ser feito tenho pressa sempre até quando me sobra tempo pois quero utilizá-lo para conseguir fazer várias coisas que geralmente não faço.
- 2- Ainda não, pois não cultivo hábito de ler porém gosto de ler um livro inteiro apreciar a luz entender quero ler mais para obter conhecimento e produzir textos cada vez melhores.
- 3- Sim gosto de vários estilos de leitura.
- 4- Não pois creio que ainda me falta mais dedicação e tempo para com os livros.
- 5- Sim gosto muito de ler e tenho facilidade em interpretar textos.
- 6- Sim porque adoro ler.

- 7-Sim tem uma mente aberta para receber todo tipo de leitura.
- 8-Sim porque leio com atenção e interesse as histórias me agradam.
- 9-Sim porque eu sempre procuro me colocar no lugar do personagem.
- 10-Não porque queria ter a oportunidade de ler mas.
- 11-Sim pois sinto que entendo que leio e quando não pesquiso mais sobre outras leituras do texto e porque gosto da atividade.
- 12-Sim pois sempre procuro na moral nos livros e tento usá-los na vida, leio sempre que posso.
- 13-Sim sou eclética gosto de conhecer novos autores histórias.
- 14-Sim sempre que posso busco ler opções variáveis de livros e a me permitir entender o que o livro quer ensinar.
- 15-Sim pois dão a devida atenção pra cada leitura tentando aproveitar o máximo de aprendizagem que esta tenha me oferecer.
- 16-Sim porque eu leio tudo que é necessário.
- 17-Não, falta tempo.
- 18-Em partes sim pois buscar entender o que leio relacionar com a minha vida.
- 19-Não muito pois as vezes prefiro me divertir do que ler algum livro.
- 20-Sim porque eu gosto de ler e me interesso por tudo que me agregue.
- 21-Tento pois sempre procuro ler mais e mais conteúdos que me ajudem.
- 22-Sim tenho muita imaginação.
- 23-Não por não ser uma leitora assídua.
- 24-Sim pois para mim é um prazer.
- 25-Não pois tenho dificuldade em terminar a leitura que começo por falta de concentração.
- 26-Mais ou menos o que eu deveria ler mais.
- 27-Talvez não sei ao certo com toda certeza eu já fui um leitor melhor mas é pouco tempo acaba me limitando.

## **MA2**

- 1-Sim porque estou sempre em busca de novas fontes literárias enquanto fico em contato com os grandes clássicos da literatura nacional e internacional.
- 2-não antigamente eu era um bom leitor, pois lia muitos livros de vários temas, mas ultimamente não ando com tempo para ler.
- 3-sim pois com a leitura consigo ampliar meus pensamentos e entregar-me a novas

experiências.

4-um eleitor mediano, pois poderia ler bem mais e assuntos diferentes.

5-sim, pois eu sei a diferença de ler por prazer e literatura.

6-intermediário, leio muito, porém gostaria de ter lido mas cânones e também autores contemporâneos.

7-acredito seguir os parâmetros mencionados anteriormente portanto sim eu me considero um bom leitor (aguça o senso crítico, melhora a escrita, a interpretação pessoal dos assuntos, acalenta o coração em tempos difíceis).

8-sim e não, pois não leio o quanto gostaria e nem sempre consigo absorver aquilo que li.

9-sim, porque dentro do meu trabalho, da minha vida pessoal, busco o aprendizado através da leitura, com prazer, buscando o imaginário.

10-talvez.

11-não, nunca tive muito interesse eu gosto pela leitura.

12-acredito que sim, porque gosto de ler, interpretar, discutir e refletir sobre o assunto/ temática lida.

13-sim, pois, na maioria das vezes, compreendo as leituras que faço, fazendo com que aumente minha vontade de ler novamente.

14-sim, porque consigo respeitar o que o outro gosta ou não e procuro aproveitar o máximo do que eu leio.

15-não muito. É muito difícil me ver com um livro de histórias, geralmente, leio livros que preciso e não necessariamente por prazer, mas não que isso seja um incômodo, acostumei a ler por necessidade.

16-sim, pois sempre procuro coisas novas e interessantes que possam somar ao meu conhecimento.

17-sim. Desde criança tenho contato com o maravilhoso mundo das palavras. Dos contos de fada aos livros didáticos e científicos, sempre busco ler até o fim, se possível, em curto espaço de tempo, para entender as razões de gostar/ odiar o livro.

18-hoje em dia não, pois, por causa da correria do dia a dia, tenho lido poucos livros e somente faço a leitura de temas que me são interessantes (com exceção da obrigatoriedade escolar).

19-não, eu deveria ler mais e ser capaz de expor o material lido com maior facilidade e clareza.

20-consigo associar a leitura ao contexto em que vivo.

**UF2**

1-Porque gosto de ler, me envolvo com a leitura e tiro o máximo possível do material que tenho em mãos.

2- Acredito que sim, pois sou capaz de praticar o que descrevi na resposta acima.

3- Eu me considero um leitor em formação uma vez que para que seja possível articular tantos saberes e discursos é necessário construir uma rede de textos lidos e aprofundados, processo que é contínuo e exaustivo.

4- Sim, tento refletir sobre o que expliquei na questão anterior.

5- Mais ou menos. Eu poderia ler mais por gosto próprio e nos tempos livres.

6-Me considero uma boa leitora justamente por tentar praticar tudo o que foi escrito na questão anterior, tirando informações do livro das quais antes não dispunha.

7- Sim, pois tenho facilidade e prática de anos de leitura.

8- Não, não me considero um bom leitor. Gostaria de poder dispor de uma maior disciplina para me organizar e garantir algum momento de leitura com mais regularidade.

9-Sim, pois leio de tudo e interpreto bem os textos.

10-Não, porque já faz mais de um ano que eu não leio nada a não ser HQs e textos aleatórios na internet.

11-Sim. Creio que justamente pelas razões explanadas na questão anterior. Quando realizo a leitura de um livro, não paro após isso. Gosto de conversar com alguém que também tenha feito a mesma leitura e, caso esse alguém não exista, gosto de procurar informações sobre o que li ou somente refletir sobre o enredo, os personagens, a crítica apresentada (caso haja alguma envolvida, claro).

12-XXXX.

**(Questão 23) Dê a sua opinião sobre a leitura na internet, no computador ou em *tablets*:**

**MA1**

1-Traz a mesma experiência de ler um livro físico.

2-Tudo é válido.

3-Considero a leitura na internet muito prática, não deixando válida a desculpa de falta de tempo.

- 4-É muito boa tanto pela facilidade, quanto pelo fácil acesso.
- 5-Uma forma de se ler os livros. No Brasil, são caros e os *e-Books* são mais baratos.
- 6-Para um bom leitor, não importa qual plataforma de leitura.
- 7-É uma boa forma para quem não pode comprar livros físicos, porém nem se compara ao prazer de sentir o cheiro de um livro em mãos.
- 8-Ruim, fontes mal formatadas, tradução sem qualidade.
- 9-Acho prático para os que conseguem, eu me distraio.
- 10-Acho bom, porque é prático, mas não é bom para o escritor que não tem o retorno financeiro.
- 11-Acho válida pois permite um acesso rápido facilitar os leitores permite maior tempo para ler uma vez que se lê em qualquer lugar.
- 12-Considero cansativa, gosto de ter o livro nas mãos.
- 13-A leitura nos aparelhos digitais atrapalha a concentração, pois sempre tenho uma vontade de acessar redes sociais.
- 14-Eu acho viável em algumas situações, pois nem sempre temos recursos para comprar livros de verdade.
- 15-Este tipo de leitura facilita a leitura pra quem não tem tempo, nem dinheiro para comprar livros, o que é ótimo.
- 16-Eu tenho dificuldade, mas acho super válido e acessível.
- 17-Pode ser incrivelmente útil e proveitosa, desde que o leitor tenha a mínima capacidade de selecionar o que é relevante, excluindo o banal.
- 18-Democratizou o acesso a obras caras e ou sem tradução para o português.
- 19-Sempre utilizo esses meios, são muito eficientes.
- 20-É uma nova plataforma de leitura que foi desenvolvida para garantir maiores opções e acessibilidade para mais pessoas e não é nem melhor nem pior do que a leitura de textos em material físico, apenas diferente.
- 21-Não é minha preferência, mas é um meio prático com pouco custo.
- 22-Na minha opinião, é muito ruim não consigo me concentrar e a letra no computador me prejudica.
- 23-Eu acho bom, porque na internet há textos muito interessantes, mas eu prefiro a leitura no papel de modo tradicional.
- 24-Toda a leitura é válida, porque quanto mais se lê, melhor.
- 25-Acho que a leitura pela internet é prática e facilita a vida do leitor.

26-Leitura na internet, computadores ou *tablets* é uma forma viável de leitura, contudo, ao meu ver, nada supera leitura em livros físicos, jornais, papéis no geral.

27-Ajuda na questão da praticidade e economia, pois temos mais acesso a materiais e conteúdos que talvez não tenhamos em outros lugares, porém a **veracidade** ainda é desconfiante e também quando possível gosto de ter um livro nas mãos.

28-Se o texto for bom, vale a pena sim.

## **MA2**

1-A internet é uma grande fonte de conteúdos para aqueles que procuram por uma boa ferramenta de leitura, pois os PDFs ajudam aqueles que estão em busca de um livro.

2-É muito prática, rápida.

3-Amplia o acesso a vários grupos da sociedade.

4-A leitura virtual é uma evolução que inclui e dá rápido acesso à leitura, embora não sempre seja boa por haver informações equivocadas.

5-É uma evolução inevitável e totalmente válida.

6-Considero a leitura na internet vantajosa, porque alcança um número grande de pessoas, mas às vezes os livros em PDF não podem ser copiados e/ou não têm numeração de página, por isso é interessante ter o livro físico para fazer grifos diretamente nele e marcar as páginas.

7-A leitura digital facilita vida e torna o acesso à informação algo prático.

8-Estes meios facilitam o acesso a diversos tipos de livros nos últimos anos, fazendo com que muitas pessoas possam ler, mas isso não quer dizer que o número de leitores aumentou necessariamente, devido à falta de tempo e interesse das pessoas.

9-É uma maneira prática de ter contato com a leitura e permite o acesso a diferentes áreas, o que pode ajudar a ver as conexões e relações intertextuais. Deve ser trabalhada com a capacidade do leitor de analisar a validade das fontes/ diferenciação de fatos e rumores.

10-Qualquer tipo de leitura nos dias atuais é válido, principalmente as leituras por meio eletrônico, atraindo jovens e crianças que já nascem conectados, claro que essa leitura não substituirá as leituras indicadas, porém é por meio deles que os jovens obtêm conhecimentos.

11-Acredito que a leitura nos meios eletrônicos auxilia no que se refere à praticidade, mas prefiro o livro impresso.

12-Particularmente considero a leitura na internet uma ferramenta dispersiva, ou seja, trata-se de algo que precisa de muito aprimoramento e mudança. O livro é insubstituível, ainda que hoje se fale em esquecer o livro escrito.

13-Sempre leio pela internet e computador/celular e acho um ótimo meio para usar nas leituras.

14-É um meio de leitura muito legal para quem não tem condições de comprar livros muito caros, mas eu prefiro o livro na mão, pois além da tela do computador cansar meus olhos, o livro na mão posso ler em qualquer lugar em que eu me sinta confortável.

15-Se souber selecionar o que realmente quer com as leituras feitas pela internet, acho útil e muito importante para o desenvolvimento pessoal pensando que a maioria não sai da internet por causa das redes sociais.

16-Acho que não se compara à leitura do livro físico, porém é uma fonte de maior e fácil acesso.

17-Apesar de ser algo mais ágil e prático, nos dias de hoje, acredito ainda que ler o documento físico é melhor por três motivos

a) por acesso ilimitado, uma vez que na internet um arquivo pode ser corrompido ou perdido.

b) veracidade das informações.

c) pra quem gosta de ter um livro/documento físico.

18-Acredito que são úteis pelo fácil acesso, porém para meu gosto pessoal é um tanto cansativo, acredito que essas leituras são muito distrativas.

19-É uma leitura cansativa, porém é um meio de ler em qualquer lugar com um pouco mais de facilidade.

20-O mundo muda o tempo todo e por que não mudar com ele? A utilização da tecnologia torna mais fácil o acesso à leitura.

#### **UF1**

1-Bastante útil para os dias atuais.

2-Apesar da acessibilidade não acho que o conteúdo da leitura seja absorvido da mesma forma.

3-Muito útil, prático, barato e acessível.

4-Eu não consigo ler no computador ou em *tablets* não sou produtiva e não consigo me concentrar.

- 5-Possibilita uma interação, facilita o acesso a livros e documentos, você lê *on-line* e não precisa comprar, pois os livros no Brasil estão um pouco caros.
- 6-Indispensável, muito do que leio vem da internet.
- 7-Acredito ser uma atividade tão válida quanto em um livro comum e atualmente até mais prática.
- 8-Como alguém que lê mais por internet não considero como sendo algo negativo. É prático.
- 9- Leitura rápida e de fácil absorção, uma leitura de massa.
- 10- Acredito serem opções muito válidas, já que proporcionam uma maior facilidade de acesso, que textos impressos muitas vezes não suprem.
- 11- Tende a ser mais cansativo para mim, só funciona com textos da universidade, notícias e textos curtos.
- 12- Acho que todo meio de leitura é uma boa opção. Afinal, ler é essencialmente necessário, porém não gosto, particularmente. Provoca-me dores de cabeça e me canso fácil. Tem o fato também de gostar muito do livro físico pelo cheiro e modelos, adoro os de capa dura.
- 13-Mais cansativo e disperso, mas é mais em conta e acessível.
- 14-É bastante acessível por questão de preço e às vezes muito mais rápido de ler. É de tamanha importância tanto quanto a leitura em outros suportes, embora tenha outros objetivos e embora tenha outros resultados. É algo complementar ao livro físico e não algo que vá substituí-lo.
- 15-A leitura na internet é uma ótima opção visto que poucos têm dinheiro para comprar livros em geral caros no Brasil. Existem vários livros gratuitos disponíveis embora seja fisicamente cansativo usar um monitor para ler, é ótimo ter a internet como aliada a leitura.
- 16-São mais cansativas, às vezes bem úteis.
- 17-Acho útil poder ter acesso a livros virtualmente, mesmo preferindo ler no papel.
- 18-São uma forma de leitura válida, pois permitem a leitura a pessoas que não têm acesso a livros ou que preferem ler através deles por apresentarem muitas vezes maior facilidade na busca de certos títulos, mas eu prefiro livros físicos pois a sensação de lê-los é muito melhor.
- 19-A leitura por meios digitais é benéfica, porque facilita o acesso a livros públicos e dá informação em textos concisos, além disso agiliza o encontro de textos

relacionados aos temas de interesse próprio dos leitores.

20-A leitura na internet deve ser cuidadosa, já que há uma grande quantidade de informações produzidas por qualquer pessoa. O uso dessas tecnologias proporciona acesso amplo a livros em sua versão digital, que geralmente custam caro.

21-Pode ser útil ou inútil tudo depende do que é lido e como é lido.

22-Sou a favor e praticante, é um método de fácil acesso e tem uma atualização das práticas de leitura já existentes.

23- Não tenho uma opinião.

24- Acho extremamente válido democrático e inovador. O livro como conhecemos não deixará de existir, nem ter a competição, mas terá um aliado com esses avanços.

25- Depende da variedade da leitura, mas se o indivíduo souber ler pela internet não vejo problema.

26- Não leio em computador somente em *tablets*. Gosto, mas prefiro a leitura dos livros físicos.

27- Acho maçante, cansativo, prefiro a leitura no papel.

28- Particularmente prefiro o livro o texto físico, porque tenho melhor afinidade.

29- Acho interessante por trazer mais leitores já que é um meio que se usa muito.

30- É a minha maior fonte de leitura atualmente devido à praticidade.

## **UF2**

1- Acho uma prática importante, principalmente nos dias de hoje, onde esse tipo de leitura é facilitado de várias maneiras.

2- Acredito ser muito válida, pois facilita muito a vida de quem, por vezes, não possui tempo para ir à uma biblioteca ou mesmo levar um livro consigo, folheá-lo e lê-lo. No meu caso, é de grande valia, pois consigo ler diversas coisas na internet enquanto trabalho. De outra forma não me seria possível acessar tal quantidade de informações em tão pouco tempo.

3- Acredito que é possível desenvolver e incentivar a leitura a partir dessas novas tecnologias, um caminho interessante a ser explorado que ainda encontra dificuldades na escola.

4- A leitura na internet ou em *tablets* tem o mesmo valor em sentido de aproveitamento de conteúdo que outras leituras. Tem algumas vantagens como acesso mais barato a livros, acesso a diferentes informações e maior facilidade de acesso a informações novas e a possibilidade de selecionar a leitura.

5- Em tempos em que tudo o que é tecnológico tem mais destaque para os jovens, é importante ter essa tecnologia como aliada à leitura e ao aprendizado. *Tablets*, computador e *internet* podem ser usados como maneira de criar ou aumentar o interesse pela leitura.

6-A leitura por estes meios é mais cansativa e mais demorada também, acho que não rende tanto (não para mim).

7- Acho uma coisa inovadora e muito boa para o meio ambiente, porém, confesso que não me adaptei ainda.

8- Na minha opinião, a maneira como interagimos com a leitura hoje em dia, no ambiente virtual, representa uma total revolução em nosso cotidiano, e embora eu defenda a ideia de que os livros, em sua forma física jamais irão se extinguir, considero as inovações tecnológicas de hoje muito vantajosas.

9-Eu não gosto muito, mas acho uma ferramenta muito válida no mundo em que vivemos.

10-Acho uma salvação, porque livros são caros e eu acho legal poder baixar o livro para ler e ter certeza de que você vai gostar dele antes de gastar seu dinheiro com ele de verdade. Além disso, a internet democratizou o acesso aos textos, e é interessante ler coisas de pessoas aleatórias e anônimas que se encontram na web. Além disso, eu acho que *e-books* são muito bons para quem não tem espaço para guardar livros físicos ou não quer gastar espaço com isso.

11-Tenho uma opinião muito positiva quanto à leitura em aparelhos eletrônicos. Gosto da portabilidade e da praticidade de se ler em plataformas como essa. Além disso, esse tipo de equipamento ocupa pouco espaço tanto dentro de um celular/*tablet* quando dentro da bolsa. Muitas vezes é necessário levar mais de um livro para a aula e, nessas horas, um livro baixado é muito mais prático.

12-Acho que a leitura tem ocupado um espaço maior na vida das pessoas de forma geral por causa da internet e computadores e *tablets*, o acesso tem crescido e as pessoas acabam nem percebendo que estão lendo mais do que antes quando estão navegando pelos sites, independente de seu conteúdo.

**(Questão 25) Na sua opinião, os alunos que estão agora no Ensino Fundamental,**

**em relação à época em que você tinha a mesma idade leem mais do que a sua geração, leem menos do que a sua geração, leem o mesmo tanto que a sua geração lia, são mais abertos e curiosos a outros tipos de texto. (Justificativa para o item assinalado.)**

**MA1**

- 1-Estão procurando cada vez menos as bibliotecas, pois passam a maior parte do tempo nas redes sociais
- 2-Maior acesso à internet possibilita as pessoas a buscarem assuntos de seus interesses e não somente de leituras obrigatórias. São mais abertos e curiosos a outros tipos de textos.
- 3-Acredito que as crianças de hoje apreciem mais jogos e brincadeiras virtuais nem menos do que a minha geração.
- 4-Leem menos do que a minha geração hoje em dia as crianças e adolescentes não tem o prazer pela leitura.
- 5-Estereótipos, leem menos do que a minha geração a modernização está afastando os jovens dos livros físicos.
- 6-Leem menos do que a minha geração com avanço da tecnologia isso é fácil acessibilidade a geração de hoje costuma ler menos e passar mais tempo em computadores videogames.
- 7-Leem menos do que a minha geração cada vez mais o desinteresse pelos livros.
- 8-Leem menos do que a minha geração a nova geração se preocupa com o virtual.
- 9-Leem o mesmo tanto que a minha geração lia, são mais abertos e curiosos a outros tipos de texto, com base nas pessoas dessa idade que conheço, agora percebo haver maior curiosidade estimulada pelas muitas informações novas disponíveis mas não grande aumento da leitura em si.
- 10-Leem mesmo tanto que a minha geração lia é possível perceber que são pouquíssimos os jovens que leem e menor ainda o número de jovens que leem seriamente com uma rotina objetivos e esse cenário é igual ao da época em que eu estudava no fundamental quatro anos atrás.
- 11-Leem menos que a minha geração por causa do uso de tecnologia que desviou atenção.
- 12-Leem menos do que a minha geração. Hoje o nível de textos que fazem e prendem atenção dos jovens é muito baixo.

- 13-Leem menos do que a minha geração eles não têm interesse algum na leitura.
- 14-São mais abertos e curiosos a outros tipos de textos. Com toda tecnologia e facilidade à informação as crianças procuram saber de tudo um pouco por isso procurar um assuntos diversos não somente um tipo específico.
- 15-São mais abertos e curiosos a outros tipos de textos são por conta do acesso à internet e a várias opiniões etc também não sei dizer quanto a frequência.
- 16-Leem menos do que a minha geração é muito difícil hoje em dia é um aluno se interessar em ler.
- 17-Leem menos do que a minha geração nunca vejo amigos mais novos lendo mas sempre vejo amigos mais velhos ou da mesma idade lendo.
- 18-Leem o mesmo tanto que a minha geração lia é possível perceber que são pouquíssimos os jovens que leem e menor ainda o número de jovens que leem seriamente com uma rotina objetivos e esse cenário é igual ao da época em que eu estudava no fundamental quatro anos atrás.
- 19-Leem menos do que a minha geração sobretudo no Brasil os tempos atuais são assombrosos no que diz respeito à leitura e o incentivo desta no geral os jovens buscam escapismos o fácil o rápido o dinâmico em detrimento dos cânones consagrados que, se não lidos, devem ser ao menos conhecidos por qualquer estudante que se preze. A cultura da educação passa longe de nossa realidade.
- 20-Leem menos do que a minha geração nessa era de rede sociais todos os dias percebo como eles têm dificuldade com leituras.
- 21-Com a internet, os livros e textos ficam com maior exposição.
- 22-Leem menos do que a minha geração, pois não há mais interesse na leitura, a cultura não busca a leitura como ponto forte.
- 23-Leem menos do que a minha geração, menos livros, mas leem o tempo todo quando estão conectados (são mais abertos e curiosos outros tipos de textos).
- 24-Leem menos do que a minha geração leem muito menos por conta da tecnologia.
- 25-Leem o mesmo tanto que a minha geração lia, não sei afirmar, mas acho que o gosto por ler vem independente da geração.
- 26-Leem menos que a minha geração internet e redes sociais.

## **MA2**

- 1-Leem menos por falta de interesse.
- 2-Leem menos pois os alunos atualmente estão mais focados em outras coisas mais

- atrativas, mas eles não conhecem a leitura, porque nunca leram um livro, se eles resolvessem ler, saberiam que o que tem dentro do livro é bem mais interessante.
- 3-O mesmo, acredito que as coisas não tenham mudado tanto nesse período de tempo principalmente pelo que eu vi em sala de aula.
- 4-Menos, a minha geração não estava tão incluída na geração digital e das redes sociais. Acredito que com isso eles leem menos.
- 5-Na minha época, não tinha tanto empenho do professor em incentivar o aluno a ler.
- 6-Menos, na minha época, não existiam redes sociais, quando pegava um livro pra ler, era só ele, hoje eles dividem esse tempo com as redes sociais e quando leem alguma coisa, muitas vezes por não se concentrarem, não conseguem absorver o que está escrito.
- 7-Os alunos que conheço que estudam em escolas particulares leem mais do que eu lia na mesma idade mas preferem outros tipos de leitura que estejam relacionados às tecnologias.
- 8-Leem menos, o desinteresse e a falta de incentivo são as causas principais da pouca leitura dessa geração.
- 9-Menos, em virtude da globalização e o aumento desenfreado do consumismo que está criando gerações dependentes de *tablets*, celulares e, pior, das redes sociais. O diálogo e o convívio familiar e até mesmo entre amigos têm se transformado em algo cada vez menos comum.
- 10-Menos, com os alunos vivendo hoje em uma geração que quer tudo em um estalar de dedos e com as facilidades e variedades que a era digital disponibiliza por meio de jogos e programas de televisão, atrelado ao fato de pais ausentes, os alunos de hoje do ensino fundamental não têm paciência e perseverança para iniciar e finalizar a leitura de um livro.
- 11-Mais, hoje a maior acervo destinado ao público jovem abordando temas de seu interesse.
- 12-Depende dos alunos e da escola, a leitura de textos *on-line* provavelmente aumentou.
- 13-Leem mais, o grande fator é o acesso a livros. Em ambas as épocas, havia biblioteca nas escolas, mas o número de obras e a variedade de títulos que chamam atenção do aluno, além do incentivo, é muito maior.
- 14-Mais, em tempos que há, por exemplo, "*vloggers*", divulgando livros e pessoas do

mesmo círculo escrevendo eu sinto que os jovens estão lendo mais, ainda que, para muitos, não seja "leitura de qualidade".

15-Menos, o boom de informações causado pela internet os distancia da leitura convencional.

16-São desinteressados. Meus primos odeiam leituras e principalmente as mais densas.

17-Abertos e curiosos, devido ao amplo acesso gerado pela internet, atualmente os alunos leem mais, porém nem sempre são livros didáticos ou grandes literaturas.

18-Mais, dei essa resposta com base nos alunos da escola em que trabalho e por ser uma escola privada de alto rendimento, os alunos têm um cronograma de leitura e os livros que devem ler, e são vários.

19-Abertos e curiosos, com o avanço da internet e o surgimento de novas redes sociais, os jovens de hoje em dia estão menos dispostos para lerem os grandes clássicos e estão mais adeptos aos *best sellers* de hoje.

#### **UF1**

1-Não tenho contato com os alunos que estão agora no ensino fundamental, mas é provável que alguns leiam mais em quantidade pois na minha época de ensino fundamental poucos tinha um computador ou acesso à internet além disso é difícil dizer sobre realidade de outros estados e locais.

2-Leem menos do que a minha geração cada vez mais nos acostumamos com as leituras rápidas e dinâmicas e os mais jovens já nasceram inseridos nesse contexto o que leva uma maior impaciência para com a leitura.

3-Leem menos que a minha geração a leitura em sua totalidade não é feita no contexto de hoje mas se nos pautarmos por diferentes formas de leitura.

4-Leem menos do que a minha geração na leitura tem sido consumida por outras formas de entretenimento.

5-Leem menos do que a minha geração acredito que leiam menos porque preferem gastar seu tempo livre em redes sociais.

6-Leem menos do que a minha geração com a evolução da tecnologia livros tem se tornado uma atividade menos interessante a eles.

7-Leem mais do que a minha geração ainda que essa leitura estivesse relacionada a textos de massa acredito que eles leem mais.

8-Leem menos do que a minha geração os alunos são mais desinteressados e não

tenho paciência para ler livros apenas coisas rápidas..

9-Leem menos do que a minha geração que não quer nada difícil só o fácil.

10-Leem mais do que a minha geração acho que leem mais só que não o que a sociedade considera como boa leitura por serem textos de internet.

11-Acredito que os alunos leiam mais agora devido a maior facilidade de acesso aos textos livros pela internet.

12-Leem mais do que a minha geração minha resposta está relacionada com textos da internet curtos.

13-Leem menos do que a minha geração penso que passam mais tempo em redes sociais.

14-Pelos alunos que conheci nos últimos anos possa aferir que eles leem muito menos do que eu lia nessa idade.

15-Leem mesmo tanto que a minha geração lia creio que a cobrança escolar é a mesma e não obstante o desinteresse por parte dos alunos também.

16-Com a internet e o acesso ao meio virtual eles podem ler mais que a minha geração na época do ensino fundamental são mais abertos e curiosos também.

17-O acesso aos livros é maior, a literatura com foco no público jovem tem crescido e os próprios adolescentes tem se interessado mais por literatura.

18-Com o avanço das redes sociais outros tipos de textos são mais acessíveis aos jovens.

19-Não tenho contato com ensino fundamental desde que saí dele então não tenho conhecimento para responder tal questão.

20-Leem o mesmo tanto que a minha geração lia a diferença é que na minha época leitura não era direcionada aos livros de cultura de massa.

21-Tem mais acesso a livros e textos com o desenvolvimento de novas tecnologias e maior acesso à internet computadores etc. Não tenho dados que confirmem se estão lendo mais ou menos.

22-Menos do que a minha geração alunos de agora leem menos porque além de receberem mais informação por meio sonoro ou de imagens tendem a buscar resumos de obras literárias por imediatismo ou administração ruim de tempo.

23-O mesmo tanto que a minha geração lia sempre haverá alunos que gostam e que não gostam de ler o que muda é apenas um tipo de leitura que marca as diferentes gerações.

24-Menos do que a minha geração muitas vezes as leituras indicadas na sala de aula causam desinteresse em crianças do ensino fundamental que acabam preferindo distrações tecnológicas..

25-Tenho a falsa impressão de lerem mais. Na época em que fiz o ensino médio o acesso à internet era escasso então tínhamos de consultar bibliotecas e realmente ler hoje todos acessam a internet e são bombardeados de informações então os alunos pegam informações superficiais na internet e não fazendo uma pesquisa para constatar a veracidade dessas informações.

26-Mais do que a minha geração são mais abertos a outros tipos de texto. Nem mais porque tem mais acesso à internet e também porque são mais incentivados são mais curiosos novamente por causa da internet onde há muitas sugestões e possibilidades.

27-O mesmo tanto que a minha geração lia considero que **minha geração lia errado** e infreqüentemente e nada mudou desde então.

28-Menos do que a minha geração não tenho certeza, estou chutando baseando-me em poucas crianças que conheço.

29-Leem mesmo tanto que a minha geração lia. Eu trabalho com adolescentes e sinto que eles leem o mesmo tipo de coisas e com a mesma frequência que minha geração lia minha cidade na minha opinião apenas a linguagem desses textos mudou, mas se referem ao mesmo tipo de prática interesse.

30-Leem o mesmo tanto que a minha geração lia não noto tanta diferença entre minha relação com os livros e aqui os atuais estudantes de ensino fundamental tem.

## **UF2**

1-Pela minha experiência de estágio e em meu trabalho voluntário com crianças de modo geral, percebo que eles têm mais contato com textos escritos, ainda que não livros, por muitas vezes.

2- Se considerarmos a leitura de livros físicos, acredito que leem bem menos do que a minha geração. Se a pergunta se refere às leituras em geral, acredito que leem até mais por conta da acessibilidade que a tecnologia trouxe à geração atual.

3- A minha vivência de estágio aconteceu na mesma escola em que estudei os anos finais do Ensino Médio e pelo que pude observar não há tanta diferença – apesar dos quase dez anos que separam uma experiência da outra, no geral a grade continua muito parecida.

4- Não sei afirmar ao certo, tenho a impressão que leem menos, mas pensando em

leituras de livros ou revistas e etc. Talvez na internet o acesso deles seja um tipo de leitura, talvez eles leiam mais de outras coisas menos formais.

5- Atualmente os alunos têm mais acesso a outros tipos de leitura, sobretudo por conta da internet. Então, de certa forma, eles possuem mais oportunidades de leitura, mas leem mais conteúdos diferentes, que muitas vezes não são considerados produtivos pelos professores. Considero que toda leitura deve começar de alguma forma e, se os alunos gostam de ler coisas da internet, já é um primeiro passo.

6- Leem mais devido ao bombardeio de informação ao qual todos nós estamos submetidos, o que não implica, contudo, que estejam lendo literaturas de boa qualidade.

7- Com o boom da modernidade dos *smartphones*, mesmo que não seja um livro ou algo relacionado à escola e à cultura, a atividade de leitura está sempre presente na vida destas crianças, nas redes sociais e nos aplicativos de conversação.

8- Na minha opinião, os alunos leem mais hoje em dia, justamente devido à maneira que são constantemente expostos a textos em suas mais variadas formas. Com o advento da internet, a leitura, em sua mais ampla concepção, se expandiu consideravelmente entre os jovens, que em grande parte do tempo estão conectados online, acessando sites de diversos conteúdos, interagindo e redes sociais e conseqüentemente, mantendo um contato com a leitura de um modo muito mais intenso em relação à época em que eu me encontrava nesse contexto. Porém, quero frisar aqui que o fato de estarem tendo mais acesso à leitura, o conteúdo em si é muitas vezes questionável em relação à qualidade e/ou relevância do mesmo. E se configura um caso em que a quantidade é muito diferente da qualidade.

9- Acredito que por conta das tecnologias, os jovens têm menos tempo para se dedicar a leitura.

10- Não sei dizer, porque apenas tive contato com alunos de uma classe social diferente daquela que eu tive contato no meu ensino fundamental.

Feita essa ressalva, eu acredito que eles leem menos que a minha geração, porque reclamam muito de ler textos longos na sala de aula e expressaram uma preferência por vídeos.

11- Assinalei a terceira opção, pois não tenho muita informação sobre o nível de leitura dos alunos atualmente. Não acho que eles leem mais ou menos. Creio que eles leem o mesmo tanto, mas escolhi essa opção por pura falta de dados mesmo. Acho

necessário ressaltar que, durante diversas vezes no meu período de estágio, vi alguns alunos carregando livros consigo retirados da biblioteca. Livros que liam por diversão e não por obrigação, assim como alguns alunos também faziam durante meu período na escola.... Então, acho que é isso: Lemos o mesmo tanto.

12-Depende muito do contexto, na escola em que fiz estágio as crianças liam tanto quanto eu lia na minha época, mas sei que em outras escolas não é assim. As crianças parecem mais curiosas com determinados assuntos e talvez os professores possam aproveitar essa curiosidade e indicar livros que sejam do tema para os alunos.

**(Questão 28) Na sua opinião, qual é o papel da escola em relação à leitura? De que forma ela tem exercido tal papel?**

**MA1**

1-Importantíssimo, pois os professores acabam tendo mais influência no desempenho de estudo dos alunos do que os pais e responsáveis.

2-A escola tem que incentivar e não forçar como é feito hoje em dia.

3-Incentivar e muito a leitura tornando-a prazerosa aos olhos dos alunos, ao contrário do que fazem como uma obrigação uma atividade maçante.

4-A escola deve incentivar cada vez mais os alunos a praticar a leitura, pois é aos poucos que se adquire o gosto de ler.

5-Ela tem tentado ajudar, mas os alunos não têm interesse. As escolas deveriam criar programas dinâmicos.

6-Muito mal, forçando a leitura que deveria ser algo prazeroso.

7-A escola deve influenciar de acordo com o apoio que tal livro pode dar ao aluno.

8-O professor tem que arrumar uma forma de despertar o interesse no aluno para ler.

9- A escola tem que despertar o interesse da leitura.

10- A escola deve incentivar a leitura não apenas de livros para vestibular.

11-Muito importante, pois para algumas pessoas a leitura começa a se tornar algo interessante na escola. A escola deveria exercer melhor esse papel, na minha opinião, a leitura ficou um pouco banalizada em algumas escolas onde na verdade deveriam influenciar cada vez mais pessoas a ler.

12-A escola deveria de alguma forma levar esses jovens a conhecerem mais sobre os livros e autores, hoje vejo uma completa omissão.

13- Sobretudo o papel de incentivo, estímulo, além da promoção de debates análises e reflexões. Tem exercido de forma medíocre, superficial, pouco crítica e insubstancial.

14- Na maioria dos casos, a escola é único ambiente em que o aluno tem contato com conteúdos culturais e (definindo aqui cultura como erudita, já que há cultura humana em todos os lugares) intelectuais portanto é a ponte entre os jovens e os livros, mas atualmente tem deixado essa função para os pais que geralmente são um péssimo exemplo.

15- A escola obriga aluno a ler de tal maneira que os alunos perdem o interesse na leitura.

16- Estimular como uma forma prazerosa de busca por conhecimento pessoal e geral. Muitas escolas vêm tentando reforçar esse papel, mas em várias a falta de estrutura impede que o processo seja realizado com eficácia.

17- Talvez precisem de mais postura como na minha geração para incentivar os alunos a irem em busca da leitura eventos culturais etc.

18- Tudo depende de qual rede falamos: a rede pública em alguns casos não estabelece relação nenhuma, ela não exerce o papel mais importante que seria um estímulo. Em geral todas as escolas estimulam. As escolas precisam incentivar seus alunos.

19- Incentivar o aluno a compreender, interpretar textos, desenvolver um bom vocabulário, dar asas à imaginação e desenvolver-se culturalmente.

20- A escola deve incentivar a leitura de todas as formas que consegue, porém de um jeito mais dinâmico que não faça o aluno se sentir pressionado e obrigado e é isso que muitos fazem atualmente.

21- O papel da escola é despertar o interesse do aluno pela leitura.

22- A escola tem um papel de incentivar a leitura e sempre o exerce bem.

23- Ela tem como dever despertar a vontade nos alunos, o gosto pela leitura. Pode até estar tentando, porém é difícil competir com o mundo hoje.

24- A escola deve incentivar a leitura, apresentando livros compatíveis com a idade dos alunos, não adianta exigir um clássico de literatura de uma criança de 12 anos, ela pode até ler, mas dificilmente entenderá.

## **MA2**

1- A escola é muito importante para a introdução da literatura na vida dos jovens, mas

ela precisa se adaptar aos novos tempos e oferecer novos tipos de livros para os seus alunos.

2-Levando em consideração a escola privada, é muito cobrada a leitura. Acho que a escola tem que incentivar ao máximo a leitura, promovendo teatros e atividades que facilitem para o aluno o acesso e a vontade em ler.

3-O incentivo parte do professor, tornando o livro mais atrativo ao aluno, porém devido ao desgaste profissional isso está em escassez.

4-A escola é uma fonte inesgotável de inspiração, ou seja, há nela o papel primordial no incentivo da leitura. A sagacidade da vida e a rapidez não dá aos pais o tempo necessário para cumprir o papel de iluminador da leitura.

5-Fazer um aluno compreender a diferença dos tipos de leitura e ter senso crítico.

6-O papel da escola é tornar a leitura atrativa mesmo que ela não o seja para um adolescente e expandir isso além dos clássicos, deixando a princípio que o aluno leia sobre o que interessa a ele adquirindo, dessa forma, o hábito da leitura.

7-O papel de incentivar a leitura é atribuído à escola. Contudo, nem todas exercem tal papel, pois nem todas oferecem o mesmo acesso aos livros ou possuem acervo, por exemplo.

8-O papel é incentivar a leitura dos alunos principalmente. E a cada ano isso aumenta ainda mais. Mesmo que de forma obrigatória, os alunos melhoram a leitura e compreendem melhor o que leem isso por causa da escola.

9-O papel da escola é incentivar a leitura de qualquer obra de maneira atenta e crítica. A escola tem exigido leituras obrigatórias do cânone sem maiores explicações do porquê (Caso indique leituras de cunho religioso, uma comparação entre os apontados na questão 27, seria interessante: Bíblia, Corão, Torá).

10-O papel da escola em relação à leitura é o incentivo a essa prática. A escola tem como prática o incentivo, mas, é claro, há exceções em escolas precárias, por exemplo, que não podem contar com uma biblioteca. A escola deveria diminuir o preconceito de algumas fontes de leitura.

11-Incentivar a leitura espontânea por parte dos alunos. A escola tem exercido esse papel, promovendo atividades relacionadas à biblioteca, em que os alunos podem utilizar uma aula de língua portuguesa por semana para escolherem livros iniciar a leitura.

12-A escola tem um papel de incentivador e facilitador em relação à leitura. Por isso,

ela deve investir em projetos pedagógicos que tragam o aluno para o maravilhoso universo da leitura. Observo que hoje há dificuldade, porque, muitas vezes, a escola impõe a leitura, é arbitrária e isso afasta o aluno.

13-É um papel importante, mas não o principal. Livros para vestibular e trabalhos de leitura são boas formas de incentivar os alunos.

14-O papel da escola é incentivar o aluno a ler. Acredito que ela tem exercido esse papel indicando livros.

15-O papel da escola é incentivar o máximo possível o gosto pela leitura no aluno. Ela tem exercido seu papel, através de um ensino contextualizado.

16-A escola tem que ser um facilitador e incentivador à leitura para os alunos. Acredito que na educação de hoje há uma defasagem nesta demanda.

17-A escola introduz a leitura aos alunos, porém nem sempre a abordagem escolhida ou até mesmo os livros impostos conseguem acompanhar as gerações de leitores que temos hoje em dia.

18-Depende muito do professor. Todas as escolas ou a maioria tem uma biblioteca, basta o professor interferir para a utilização.

19-Mediar e incentivar o aluno de maneira que desperte prazer nessa atividade.

#### **UF1**

1-Mediar a relação entre aluno e leitura, de modo que este leia diferentes tipos de literatura, não ficando preso a uma que seja erudita, seja de entretenimento ou popular, a escola não deixa muito claro que tipo de leitura espera dos alunos e tem como parâmetro uma leitura idealizada que remete a cultura europeia.

2-O papel da escola é o de gerar condições para que os alunos e professores busquem aprendizado em livros e compartilhar informações. Ela tem incentivado isso de maneira satisfatória, mas deve abrir um espaço maior para a escolha de livros pelos estudantes do ensino fundamental e para leitura individual nos horários de aula.

3-A escola deve incentivar a leitura mas não de forma que pareça obrigatória e apenas para que o aluno se saia bem numa atividade que se seguirá ao livro, mas sim de forma que ensine o valor da leitura para que os alunos adquiram gosto por ela, tem exercido tal papel passando para os alunos a leitura de algo que as pessoas da idade deles têm mais facilidade em ler e de livros que talvez gostem mais de ler.

4-O papel da escola é incentivar a leitura e não limitá-la como às vezes faz. Deve sim ser um guia para os alunos, mas dando liberdade pra encontrar o seu gosto literário e

a si.

5-Apresentar aos alunos diversos tipos de leitura, não tenho conhecimento. Na minha época do ensino fundamental por exemplo havia pouco incentivo.

6-O papel da escola é incentivar, auxiliar e despertar nos alunos o interesse pela leitura, poucas são as escolas populares que exercem esse papel a grande maioria não chega nem a tentar, responsabilizando os alunos, atribuindo a eles o fracasso.

7-Não só incentivar a leitura de uma forma geral, mas indicar os títulos que melhor fornecem conhecimento ao aluno, inserir esse aluno na cultura letrada e mediar a leitura tanto em seu aspecto formal, quanto em seu aspecto interpretativo. Hoje a escola pouco indica esses livros e quando *media* uma leitura, faz apenas em seu aspecto formal não dando maior clareza do sentido dos textos.

8-Formar a leitura correta e estimular a compreensão dos textos lidos.

9-Algumas escolas conseguem exercer seu papel, mas normalmente elas diminuem o gosto por textos de alta literatura por não ajudar devidamente.

10-O papel da escola no incentivo à leitura deveria ser primordial. Acredito que um professor pode fomentar a vontade de ler nos alunos. Isso aconteceu comigo em dado momento no ensino fundamental, mas a principal influência na minha vida de leitora foi minha mãe, penso que se ela não tivesse me influenciado a escola não teria feito.

11-Em minha opinião a escola tem um papel de estimular a leitura e justificar a necessidade de fazê-la.

12-O papel da escola em relação à leitura seria um incentivo e práticas menos acadêmicas. O que ocorre é de forma vaga e na maioria das vezes sem interesse.

13-Incentivar o aluno a gostar de ler e não apenas ler por obrigação isso deve ocorrer com a leitura de vários tipos de livros.

14-Fundamental para aproximar as pessoas dos livros, em muitos casos, é a mediadora do primeiro contato do aluno com a leitura.

15-Deve incentivar a leitura e ajudar na formação de leitores críticos e capacitados (compreensão, questionamentos etc).

16-A escola creio que tem que estimular os estudantes a se tornarem leitores, agora acho que as escolas públicas têm contribuído bastante pra isso com a distribuição de livros de graça.

17-Em incentivar a prática da leitura auxiliando a compreensão dos alunos.

18-Em minha opinião, a escola deve fazer com que o aluno tenha acesso a todo tipo

de leitura.

19-Ela deve apresentar e despertar o interesse do aluno para com a leitura. Não basta passar Machado de Assis, é preciso que o trabalho de incentivo seja feito desde pequenos, com fábulas de Esopo, por exemplo. A escola em geral não exerce de forma efetiva esse papel salvo as excepcionalidades de algumas escolas.

20-A escola desde muito cedo deve e poderia fomentar nos alunos a fome pelo conhecimento e pela leitura.

21-O papel da escola é sempre incentivar, mas ela cumpre esse papel de forma defeituosa já que o incentivo é pouco.

22-Acredito que a escola deve incentivar a leitura de forma prática e espontânea, formando um leitor crítico, com conhecimento de mundo diverso e abrangente.

23-Em teoria, a escola deveria ser o gestor da prática de leitura nos jovens, como se não pudesse contar com a família, (mesmo que fosse o ideal). Eu não sei explicar o porquê, mas ela fracassa absolutamente nesse quesito. Minha experiência foi assim.

Quem lia mais eram alunos que evidentemente não adquiriram a prática na escola.

24-A escola é uma grande responsável pela inserção da leitura na vida dos indivíduos. Creio que não tem exercido tão bem quanto poderia, pois hoje em dia só trabalham os clássicos de vestibulares que não acredito serem as melhores escolhas para inserir alguém nessa atividade e muito menos o único tipo de leitura válida.

25-Direcionar os alunos para que aprendam a ler com mais frequência. A escola cumpre esse papel de forma que não é eficaz, já que muitos alunos não têm o hábito de leitura e não serão iniciados neste mundo através de obras clássicas que não fazem parte da realidade atual deles.

26-A escola deve incentivar a leitura dando suporte e incentivo.

27-Tem um papel de incentivo, o aluno pode sair motivado para uma leitura ou não, isso depende de como o papel de um livro está sendo abordado em sala de aula.

28-A escola tem um papel importantíssimo para a relação da leitura com seus alunos, pois é através dela que o indivíduo tem interesse pela leitura.

29-Um fator aproximador, tentar congruir a leitura e os alunos, mas não dá conta.

30-Sem opinião formada.

31-A escola deve oferecer estrutura e apoio ao aluno, principalmente por ser, na maioria dos casos, o contato único que o aluno tem com a leitura.

**UF2**

1-A escola deve ter um papel facilitador de leitura, não inibidor: deve auxiliar o aluno a se aproximar de maneira mais orgânica da prática da leitura.

2- Acredito que a escola, assim como os familiares, sociedade, governantes, etc. Tem que incentivar a leitura, visto que ela auxilia na formação de um cidadão completo. No meu ver, a escola peca na forma como incentiva à leitura, visto que por falta de uma didática mais efetiva, torna-a maçante e vista pelos alunos como apenas mais um componente avaliativo.

3- A escola tem um papel preponderante na formação do leitor, uma vez que pode guiar e fornecer as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura. Contudo ainda há grande dificuldade por conta de discursos hegemônicos que ainda circulam na escola como “o bem-falar”, o “bom português” ou o “português correto”, que distanciam leituras e diálogos mais próximos do aluno e impõe os clássicos fora de contexto.

4- Considerando a minha resposta sobre o que considero um bom leitor, a escola tem para mim a função de auxiliar nesse processo de acessar o material que se está lendo e aprender a usufruir dele. Considerando que a leitura é algo formalizado, é um conhecimento, então a escola tem essa função de criar caminhos para esse conhecimento. Não acredito que se tenha feito essa tarefa de maneira eficiente nas escolas, mas muitos são os desafios que a educação enfrenta então todo o acesso a conhecimentos está comprometido. E essa tarefa em si é subjetiva logo não é fácil.

5- Em minha opinião, o papel da escola seria incentivar a leitura dos mais variados gêneros, já que a leitura precisa começar de alguma forma é importante levar em consideração os desejos particulares dos alunos, para que vejam na leitura algo prazeroso e não pesaroso. Entretanto, acredito que a maioria das escolas costumam desvalorizar determinadas leituras, sobretudo as provindas da internet, e dá destaque apenas para as literaturas de prestígio. Acredito que o importante é incentivar a leitura, apontando para as diferentes funções de cada texto e as possíveis problemáticas também, mas nunca desconsiderar leituras que podem ser um chamativo para o aluno e um ponto de partida.

6- O papel da escola é incentivar a leitura, fazer saraus, pedir aos alunos apresentações de obras literárias como teatro, seminários. Acredito que apenas esteja cobrando as leituras para fins avaliativos e não culturais.

7- A escola deve servir como uma instituição incentivadora da leitura, que dê suporte

aos alunos e que apresente este universo aos alunos que ainda não o conhecem. Ela deve, desde anos iniciais motivar leituras [de livre e espontânea vontade] aos alunos, levando a bibliotecas e outros lugares que possam aproximar o aluno desde ambiente.

8- O papel da escola em relação à leitura se dá na maior parte do tempo em incentivar a mesma, sempre esclarecendo a importância fundamental da leitura na formação de seus alunos. Um outro aspecto igualmente importante é que a escola também trabalhe de uma forma que desperte o interesse dos alunos pela leitura, e não imponha simplesmente títulos e mais títulos simplesmente por serem abordados em vestibulares.

9- Acredito que a escola é um dos maiores incentivadores à leitura e ela tem desenvolvido bem esse papel, apesar das tecnologias.

10- O papel da escola é incentivar a leitura e não “podar” os alunos quanto aos gostos que eles já trazem de fora da escola, por exemplo, censurar o aluno porque ele lê um best-seller e não um clássico. No entanto, a escola foca muito em fazer com que os alunos leiam os “clássicos” e tira a liberdade de escolha do aluno, o que torna a leitura uma tarefa maçante e chata, com uma cara de obrigatoriedade que tira todo o prazer da leitura.

11- Acho que o papel da escola é influenciar o aluno a ler e disponibilizar os livros para que o aluno possa ter esse material em mãos. Creio que muitas vezes também falta certa motivação do bibliotecário responsável em divulgar as obras disponíveis na escola para que possa haver algum interesse do aluno. Não estou tentando culpar inteiramente o profissional, mas acho que seria muito bacana uma parceria entre bibliotecário e aluno ou até mesmo algumas oficinas de leitura em que o próprio aluno pudesse escolher o que gostaria de ler. Não para atribuir notas e avaliações, mas, talvez, para incentivar um debate, uma discussão em sala de aula. Talvez uma parceria entre professor de literatura/língua portuguesa que visibilizasse esse tipo de atividade. Presenciei algumas aulas desse modo e foram muito produtivas.

12- Bom, a escola é agente ativo no desenvolvimento das práticas de leitura dos alunos ao proporcionar o contato dos alunos com os mais diversos gêneros.

## ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós o/a convidamos a participar da pesquisa intitulada “OS QUE ESTÃO CHEGANDO E OS QUE ESTÃO SAINDO: AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA DE ALUNOS DO PRIMEIRO E DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA.”, desenvolvida pela pesquisadora **Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro**, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, sob a orientação da Profa Dra **Luzmara Curcino Ferreira**, coordenadora do *LIRE* – Laboratório Interdisciplinar de estudos das Representações do leitor brasileiro contemporâneo.

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, por fazer parte do grupo de alunos que estão começando ou terminando o Curso de Letras. Nosso objetivo é investigar e traçar aspectos do perfil dos graduandos do Curso de Letras e levantar algumas representações da leitura dos alunos ingressantes e concluintes desse curso.

Sua participação **NÃO É OBRIGATÓRIA**, e, para contribuir com nossa pesquisa, você precisará apenas responder a um questionário com 29 perguntas, contendo questões objetivas (de marcar X nas alternativas e completar espaços), questões em que você deverá escrever, e caso se disponha, a participar de um ‘grupo focal’ (de aproximadamente 10 alunos), ou seja, fazer parte de um grupo de alunos aos quais faremos 6 questões abertas, de modo a conversarmos coletiva e brevemente sobre leitura.

Caso aceite participar voluntariamente desta pesquisa, esclarecemos que se trata de um questionário simples, anônimo (ou seja, sem identificação de quem está participando) e que será aplicado apenas uma vez. Caso você seja convidado a participar do ‘grupo focal’ e aceite contribuir com nossa pesquisa, esclarecemos que faremos uma única reunião, na própria universidade, em horário conveniente e antecipadamente combinado com os entrevistados, na qual serão feitas 6 perguntas dirigidas a todos os participantes do grupo para que, aqueles que quiserem se manifestar a respeito do que foi perguntado, o façam. As respostas orais serão gravadas para posterior transcrição e análise. A duração da reunião será de 50 minutos (1 hora/aula). Apesar de se tratar de questionário breve (e caso participe do grupo focal, de uma reunião também breve), nosso objetivo é incomodá-lo o mínimo possível. Você pode sentir, durante o preenchimento do questionário ou de sua participação no grupo focal, certo cansaço

físico e mental ou não se sentir à vontade (ficar constrangido) para responder a alguma questão. Em qualquer um desses casos, enfatizamos que você pode interromper sua participação a qualquer momento do preenchimento do questionário ou de sua participação na realização da entrevista, ficando exclusivamente a seu critério essa decisão. Informamos ainda que, mesmo após o preenchimento e entrega deste questionário ou de participação no grupo focal, caso você deseje, seu questionário será retirado prontamente desta pesquisa, mediante sua solicitação.

Garantimos ainda que todas as informações obtidas com este questionário serão mantidas em total sigilo e apenas serão utilizadas para atividades pedagógicas, didáticas ou científicas, por parte da pesquisadora e por sua orientadora responsáveis pela pesquisa e que também assinam o presente Termo de Consentimento.

Considerando que sua participação trará uma importante contribuição para o desenvolvimento de pesquisas como esta, que podem ajudar a compreender melhor as práticas de leitura do povo brasileiro e as práticas pedagógicas que dizem respeito à leitura, comprometemo-nos a lhe informar, caso deseje, ao final desta pesquisa, os resultados obtidos.

Como não tem fins lucrativos, informamos que você, como participante, não terá nenhum benefício ou direito financeiro sobre os resultados desta pesquisa, assim como sua participação não lhe trará nenhum gasto. Informamos ainda que o conjunto dos questionários e as gravações da conversa no ‘grupo focal’ serão armazenados em um banco de dados do LIRE – Laboratório Interdisciplinar de estudos das Representações do leitor brasileiro contemporâneo, com sede no Departamento de Letras da UFSCar, em São Carlos e poderá eventualmente ser empregado, total ou parcialmente, em pesquisas futuras, pelas pesquisadoras que assinam este termo, cujos princípios de sigilo quanto aos participantes e de disponibilização dos resultados da pesquisa serão mantidos tais como descritos no presente termo de consentimento.

Ao aceitar participar da pesquisa, você receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constam não apenas a assinatura da pesquisadora e de sua orientadora, como também o telefone profissional e e-mail de ambas, para eventuais contatos a respeito de dúvidas sobre o projeto, sobre sua participação e sobre a publicação dos resultados.

Informamos ainda que os usos das informações que você prestará estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), assim como foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa

em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

Agradecemos sinceramente sua colaboração!

---

Pesquisadora: Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro  
[renatacortez@uol.com.br](mailto:renatacortez@uol.com.br)  
16- 3602-5250

---

Luzmara Curcino Ferreira  
[luzcf@ufscar.com](mailto:luzcf@ufscar.com)  
(16) 3351 9322

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e de ter obtido, de forma clara e detalhada, as informações acerca dos objetivos da pesquisa sobre as AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA DE ALUNOS DO PRIMEIRO E DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA, atesto que minha participação é voluntária e que tenho conhecimento dos procedimentos científicos e éticos adotados nesta pesquisa. Declaro estar suficientemente informado/a e estar ciente de que poderei solicitar, a qualquer momento do desenvolvimento desta pesquisa, novas informações ou mesmo solicitar a retirada de minha participação. Além disso, a pesquisadora **Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro** e sua orientadora Profa Dra **Luzmara Curcino Ferreira** certificaram-me de que todos os dados oriundos de minhas declarações serão confidenciais. Declaro que recebi uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, assinada pelas pesquisadoras responsáveis com o carimbo da instituição, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e, por estar de acordo em participar deste estudo, manifesto meu acordo assinando o presente termo e rubricando as três páginas que o compõem.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Data: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora: Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro  
[renatacortez@uol.com.br](mailto:renatacortez@uol.com.br)  
16- 3602-5250

\_\_\_\_\_  
Luzmara Curcino Ferreira  
[luzcf@ufscar.com](mailto:luzcf@ufscar.com)  
(16) 3351 9322

## ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO CARLOS/UFSCAR



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** OS QUE ESTÃO CHEGANDO E OS QUE ESTÃO SAINDO: AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA DE ALUNOS DO PRIMEIRO E DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA.

**Pesquisador:** Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 46166415.0.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.546.672

#### Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar as práticas e as representações de leitura de alunos do primeiro e do último semestre do curso de Letras de uma universidade pública e de uma universidade privada, por meio de um questionário, que visa verificar as práticas que se manifestam nos gestos, nos hábitos, nas maneiras de ler, nas modalidades de interpretação e nos interesses dos sujeitos analisados. O suporte teórico-metodológico virá da Análise do Discurso de linha francesa, baseada nos trabalhos de Pêcheux e Foucault, principalmente em sua fase arqueológica, em interface com a História Cultural, da qual Roger Chartier é representante, principalmente nos trabalhos relacionados à leitura e as representações de leitura. Como um estudo sobre leitura, este trabalho levará em conta, em suas análises, a relação dos enunciados com outros enunciados, as memórias às quais se referem, as ideologias a que se filiam e as condições de produção em que os discursos se materializam.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

-Delinear um perfil das representações sobre as práticas de leitura de alunos do Curso de Letras.

Objetivo Secundário:

-Levantar, por meio do diálogo entre as teorias da História Cultural e da Análise do Discurso, os

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.546.672

pertencimentos às formações discursivas de alunos do primeiro e do último semestres do Curso de Letras, de uma universidade pública e de uma universidade privada, buscando diferenças e **semelhanças entre os seus discursos.**

- Verificar a presença do sintagma "crise da leitura" ou de alguma outra construção equivalente nos enunciados dos sujeitos entrevistados.
- Investigar as discontinuidades nos discursos entre os grupos analisados, buscando as diferenças ou semelhanças entre alunos que estão começando o curso e os que estão concluindo a licenciatura.
- Comparar os discursos dos estudantes da universidade pública com os da universidade privada a respeito da leitura.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo o(a) pesquisador(a):

Riscos: Existe o risco de os participantes desistirem durante a pesquisa, por cansaço físico ou mental, ou não se sentirem à vontade, ou constrangidos, podendo, em nesses casos, se retirar a qualquer momento do processo.

Benefícios:

Levar a uma reflexão sobre as representações que os discentes do Curso de Letras têm a respeito leitura e dos futuros alunos como leitores e sobre a formação de professores na área de linguagens e leitura.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante para a área em questão.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- Foram anexados os seguintes documentos obrigatórios: folha de rosto assinada, autorização do responsável legal pelo local onde a pesquisa será realizada, TCLE do participante, projeto de pesquisa, questionário e Informações básicas.

**Recomendações:**

Sem novas recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

- Pesquisadores (as) seguiram todas as recomendações do CEP, apresentando os documentos que estavam faltando e realizando as alterações pertinentes.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.546.672

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_496117.pdf	17/04/2016 09:19:01		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	17/04/2016 09:13:47	Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	17/04/2016 09:12:07	Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnuenciaUfscar.pdf	14/10/2015 09:47:20	Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnuenciaMaua.pdf	14/10/2015 09:45:31	Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.docx	04/06/2015 18:47:36		Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto assinada.jpg	31/05/2015 23:16:43		Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 16 de Maio de 2016

Assinado por:  
Ricardo Carneiro Borra  
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br